



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JOELIZA MARIA SOUSA COLARES

**COMPÓSITO DE GÊNEROS NA TECNODISCURSIVIDADE: UMA
CARACTERIZAÇÃO À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL BRASILEIRA**

FORTALEZA

2025

JOELIZA MARIA SOUSA COLARES

**COMPÓSITO DE GÊNEROS NA TECNODISCURSIVIDADE: UMA
CARACTERIZAÇÃO À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aurea Suely Zavam De Stefani

Prof.^a Dr.^a Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*)

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Mariza Angélica de Paiva Brito

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C649c Colares, Joeliza Maria Sousa.

Compósito de gêneros na tecnodiscursividade: uma caracterização à luz da Linguística Textual brasileira / Joeliza Maria Sousa Colares. – 2025.

142 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Prof.^a Dr.^a Aurea Suely Zavam De Stefani.

Coorientação: Profa. Dra. Prof.^a Dr.^a Mariza Angélica de Paiva Brito.

1. Linguística Textual brasileira. 2. Tecnodiscursividade. 3. Gêneros. 4. Compósito de gêneros. I. Título.

CDD 410

JOELIZA MARIA SOUSA COLARES

**COMPÓSITO DE GÊNEROS NA TECNODISCURSIVIDADE: UMA
CARACTERIZAÇÃO À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.
Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 29/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Aurea Suely Zavam de Stefani (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Mariza Angélica Paiva Brito (Coorientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Alena Ciulla e Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr.^a. Sâmia Araújo dos Santos
Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

Aos meus pais, Rose Oliveira e Márcio Colares, por terem me proporcionado uma base dedicada aos estudos.

À minha avó Maria Rita e à minha tia Maria Rousaura, por assumirem, figuras maternas em minha vida.

À minha inesquecível orientadora, Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*), cuja orientação e sabedoria abriram caminhos que eu não acreditava conquistar.

À minha coorientadora, Mariza Brito, pela firmeza que me possibilitou seguir adiante quando tudo parecia ruir.

Dissertação em homenagem à Prof.^a Dr.^a Mônica Magalhães Cavalcante

Ao ingressar na UFC, em 2017, eu não tinha certeza, nem planejava como conduzir minha trajetória acadêmica e profissional, mas estava aberta ao que a instituição pudesse me oferecer. Em um dos dias apressados no campus, uma amiga muito próxima, que já estava a um semestre à frente do meu, mencionou que eu deveria cursar “Texto e Discurso” com a professora Mônica Cavalcante, pois não havia outra professora como ela. Entusiasmada, falou-me um pouco sobre a ilustre personalidade de Mônica, mas também me alertou de que a disciplina era bastante concorrida e que, no início, eu deveria acompanhá-la apenas como ouvinte. Assim o fiz.

A partir daquele momento, eu não sabia, mas Mônica Cavalcante mudaria significativamente a minha vida. Com sua generosidade acolhedora, abriu-me as portas de sua sala de aula, e eu, quieta e observadora como sou, fiquei encantada com suas aulas tão energizantes e com seu modo inato de ensinar. Enquanto muitos colegas expressavam em voz alta sua admiração por ela e por aquele instante, guardei em silêncio apenas um pensamento: não queria mais deixar de acompanhá-la.

Entre tantos alunos, eu me perguntava: como poderia demonstrar meu interesse por suas aulas? Mas Mônica tinha um olhar aguçado, raro, capaz de enxergar o melhor em cada aluno. Ainda sem a maturidade necessária, criei coragem e, ao final de uma de suas aulas, esperei todos a cumprimentarem. Quando a sala esvaziou, aproximei-me e disse timidamente: “Olá, professora. Tenho interesse em pesquisar sobre gêneros.” Ela sorriu com os olhos – seu traço mais marcante – e, a partir daquele instante, tornei-me uma de suas orientandas.

Ser sua orientanda era um privilégio que me enche de orgulho, pois, além de ser disputado, só era concedido a quem realmente merecia. Receber sua orientação não se restringia à teoria nem se limitava às fronteiras da instituição: trasbordava humanidade e partilha. Mônica transformava esse título em um verdadeiro lugar de família, como se seus orientandos fossem filhos gerados em seu próprio ventre.

A partir dali, tornei-me sua bolsista de iniciação científica (PIBIC) e passei a trilhar uma jornada acadêmica da qual sempre terei orgulho. Ao mencionar às pessoas que era orientanda da professora Mônica Cavalcante, podia perceber a admiração e o respeito estampados em seus semblantes. Cada aula e cada acompanhamento ao seu lado representavam, para mim, uma verdadeira honra.

Nunca havia conhecido uma professora que tornasse o saber tão simples e, ao mesmo tempo, fosse dotada de uma inteligência tão singular, jamais vivida ou presenciada antes. Por

possuir esse dom, não se colocava acima dos outros; pelo contrário, sua natureza genuína era o que a fazia brilhar ainda mais. Mônica reunia a rara combinação de sabedoria e acolhimento. Fazia de cada momento uma oportunidade de unir pessoas e projetos, transformando qualquer espaço em um ambiente de partilha e crescimento.

Ela despertou em mim um sentimento até então adormecido: o desejo profundo de me tornar uma professora que carregasse, ao menos em parte, a grandeza que havia nela. Sem que eu percebesse, seus traços didáticos passaram a habitar minhas apresentações, e seu modo de ver o mundo me ensinou a olhar a vida sob uma nova luz. Em cada momento acadêmico, sentia o amparo de seu olhar, e tinha a certeza de que, mesmo diante de um erro, ela estaria ali para me lembrar de que o aprendizado nunca se esgota.

Para além do curso de Letras, entregava-me ao mundo das passarelas e dos concursos de beleza. Naquele universo, eu era apenas mais uma entre tantas jovens sonhadoras. Para Mônica Cavalcante, eu não era só mais uma: eu era a sua Miss – e, aos seus olhos generosos, sempre elegante e única. Recebi, então, a seguinte dedicatória em um de seus livros: “Para a Jô, cuja elegância enche os olhos de todos. Que um dia ela esteja aqui também. Mônica.” A ela, deixo minha resposta: detentora da mais pura elegância que já tive a dádiva de presenciar em toda a minha vida.

Em 2023, ingressei no mestrado sob o amparo de seu acompanhamento e de suas contribuições. Jamais imaginei que teria a honra de ser sua orientanda também em um programa de pós-graduação. Mônica nunca soube, mas há muito dela nesta conquista que, à primeira vista, pode parecer apenas minha. A ela, serei eternamente grata, e carregarei para sempre a lembrança de seus olhos brilhantes e reconfortantes.

Mônica foi um ser abençoado que espalhava marcas de luz por onde passava. Reunia em si a mestra, a amiga, a mãe e a poetisa. Seu maior desejo era ver seus filhos acadêmicos alcançando voos cada vez mais altos, e o fazia isso com uma naturalidade incomparável, que não se equipara a ninguém.

Depois de sua partida, as salas de aula e a salinha de orientação, antes tão cheias de vida, parecem agora vastos de silêncio. A nós, filhos acadêmicos, cabe a missão de manter aceso o seu legado e de fazer ecoar a sua sabedoria.

“No fundo, no fundo”, sabemos que caminhar por aquele campus sem encontrar Mônica Cavalcante é sentir que falta o próprio sentido.

Recuperando a definição de texto, sem Mônica não há texto nem contexto.

AGRADECIMENTOS

A escrita desta dissertação representa não apenas um esforço individual, mas também o reflexo das mãos, olhares e palavras de tantas pessoas que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta caminhada. Por isso, este espaço é dedicado à gratidão, à lembrança e ao reconhecimento de cada presença que iluminou meu caminho acadêmico e pessoal.

Aos meus pais, que, ainda na juventude de suas vidas, enfrentaram lutas e renúncias para me oferecer não apenas o que há de melhor, mas também a chance de concluir meus estudos e de me tornar um ser humano íntegro.

As figuras femininas predominaram em minha vida. Por isso, agradeço principalmente à minha mãe, Rose Oliveira, que dedicou metade de sua vida, em meio a grandes batalhas, para me tornar a mulher que sou. À minha avó, Maria Rita, por ter sido minha segunda mãe na infância e, ainda hoje, me considerar sempre sua pequena netinha. À minha tia, Maria Rousaura, que também representa uma imagem de força e resiliência e que sempre me acolheu como filha.

Agradeço às minhas duas famílias, Oliveira e Colares, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me em cada decisão. Mesmo com recursos limitados, foram elas que, com amor e sacrifício, abriram para mim um caminho seguro e cheio de esperança.

À minha eterna orientadora, Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*), que acreditou na minha capacidade de alçar voos que antes eu nem ousava sonhar. Mônica era sopro de vida, e esse sopro transbordava em cada gesto. Carrego comigo a honra imensa de, nesta vida, ter sido guiada por sua orientação e acolhida por seu coração generoso.

À minha coorientadora, Prof.^a Dr.^a Mariza Angélica Paiva Brito, que, após a perda irreparável de sua tão amada Moniquinha, conseguiu ser fortaleza e amparo para mim. Mariza tornou-se morada em meu coração; sempre lhe serei grata e, quem sabe um dia, possa ser um pouco da resiliente que ela é. Sou imensamente grata por sua orientação, mas ainda mais pelo amor que me dedicou.

À Prof.^a Dr.^a Áurea Suely Zavam de Stefani, por ter aceitado ser minha orientadora após a partida de Mônica. Com muita sensibilidade, sua generosidade possibilitou a continuidade desta pesquisa.

Agradeço ao grupo de pesquisa Prottexto, pelos debates instigantes e pelas reuniões produtivas que serviram de ponte para a construção desta dissertação. Sou profundamente grata pelo apoio constante e pelas valiosas contribuições acadêmicas que enriqueceram este percurso.

Estendo ainda minha gratidão à Prof.^a Dr.^a Mayara Arruda Martins, por ter compartilhado generosamente seu saber e proporcionado conhecimentos enriquecedores em seu amado programa Pré-Mestre, que tanto contribuiu para a minha aprovação no mestrado.

À Dálete de Castro Braga Costa, por ter sido o elo que me levou até nossa grandiosa Mônica Cavalcante e, com isso, transformou para sempre a minha trajetória. Sou grata por ter me escolhido como irmã de outras vidas, há quase dez anos, e por caminhar comigo desde então. Em tantas ocasiões, foi sua força que me sustentou e me salvou dos abismos da vida. Dálete possui a voz que mais gosto de ouvir, pois seu dom é transformar qualquer assunto em aprendizado.

Ao Filipe, por ter sido meu companheiro em tantos momentos decisivos de nossas vidas. Sua paciência e apoio incondicional foram o alicerce que me sustentou e tornaram possível a conclusão desta jornada tão significativa em minha história.

Aos meus amigos mais íntimos, Rute, Roberta, Thatianny e Luan, que estiveram presentes em momentos desta caminhada, oferecendo apoio, alegria e compreensão. A amizade de vocês foi refúgio nos dias difíceis e celebração nos dias de conquista. Levo comigo a certeza de que nada teria o mesmo sentido sem a presença de cada um.

“Viver é um rasgar-se e remendar-se”, e a vida, em sua delicada sabedoria, tantas vezes já me mostrou que é nesse movimento que se revela a sua verdadeira preciosidade.

“Porque o amor é o que vale, sem pena.”

(Mônica Magalhães Cavalcante)

RESUMO

Esta dissertação propõe uma reflexão sobre os gêneros no contexto da Linguística Textual, com foco nas transformações provocadas pelas tecnologias digitais e pela emergência dos chamados gêneros nativos digitais. O estudo parte da concepção de gênero como uma categoria sociocomunicativa, historicamente situada e moldada pelas práticas sociais, conforme defendem Bakhtin (2011), Bazerman (2006), Miller (2012) e Cavalcante *et al.* (2022). A pesquisa adota a perspectiva teórica do grupo Prottexto, compreendendo os gêneros como padrões relativamente estáveis de textos que orientam a ação comunicativa em contextos diversos. Diante das especificidades do ambiente digital, marcado por interatividade, multimodalidade e viralização, este trabalho problematiza a definição de agrupamentos de gêneros, especialmente o conceito de hipergênero (Bonini, 2003). Utilizamos, nesta dissertação, a noção de compósito de gêneros, conforme proposta por Carvalho (2023), por entendermos que ela é a que mais se aproxima de nosso objeto de investigação. Com base nessa perspectiva, propomos uma definição própria para o que estamos denominando de compósito de gêneros, entendido como um agrupamento em que diferentes gêneros podem coabitar em um mesmo ecossistema digital, abarcando diversas temáticas e propósitos comunicativos distintos, que se articulam funcionalmente, constituindo uma forma ampliada de interação discursiva e sociocomunicativa. Sob a perspectiva de que as formas de interação envolvem agente humanos e não humanos, esta pesquisa ancora-se também na proposta de tecnodiscursividade, segundo a qual os textos digitais são coconstituídos por elementos linguísticos e tecnológicos, como algoritmos, *emojis*, tecnobotões e sistemas semióticos diversos, os quais são possibilitados pelo ambiente digital. A partir de autores como Paveau (2021), Muniz-Lima (2022, 2024) e Émérit (2020), o trabalho explora a inter-relação entre linguagem, suporte, mídia e contexto de produção no ambiente digital. O corpus analisado é composto por perfis públicos no *Instagram*, pertencentes a categorias distintas, nos quais se observam a coabitação de gêneros, a interatividade entre usuários e os efeitos da viralização. Com isso, o objetivo central é caracterizar o compósito de gêneros como fenômeno comunicacional dos ecossistemas digitais, propondo critérios analíticos para diferenciá-los de outras categorias teóricas e compreender sua dinâmica nos espaços de circulação virtual.

Palavras-chave: Linguística Textual brasileira; tecnodiscursividade; gêneros; compósito de gêneros.

ABSTRACT

This dissertation proposes a reflection on genres within the framework of Brazilian Text Linguistics, focusing on the transformations brought about by digital technologies and the emergence of so-called native digital genres. The study is grounded in the conception of genre as a socio-communicative category, historically situated and shaped by social practices, as discussed by Bakhtin (2011), Bazerman (2006), Miller (2012), and Cavalcante et al. (2022). It adopts the theoretical perspective of the Protexto research group, which understands genres as relatively stable patterns of texts that guide communicative action in diverse contexts. Considering the specificities of the digital environment, marked by interactivity, multimodality, and viral circulation, the research problematizes the definition of genre groupings, particularly the concept of *hypergenre* (Bonini, 2003). In this dissertation, we adopt the notion of *genre composite*, as proposed by Carvalho (2023), since it is closer to the phenomenon under investigation. We define a *genre composite* as a grouping in which different genres may cohabit within the same ecosystem, whether digital or not, functionally articulating to produce expanded meanings, with distinct themes and communicative purposes. From a post-dualist perspective, this work also draws on the concept of technodiscursivity, according to which digital texts are co-constituted by linguistic and technological elements, such as algorithms, emojis, technobuttons, and multiple semiotic systems (Paveau, 2021; Muniz-Lima, 2022, 2024; Émérit, 2020). The corpus comprises public Instagram profiles, from different categories, in which the cohabitation of genres, user interactivity, and viralization effects are observed. The main objective is to characterize genre composites as communicational phenomena that, in the digital context, acquire dynamics. The study proposes analytical criteria to distinguish them from other theoretical categories and to understand their functioning within virtual circulation spaces.

Keywords: Brazilian Text Linguistics; technodiscursivity; genres; genre composite.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A NOÇÃO DE GÊNEROS DO DISCURSO EM MIKHAIL BAKHTIN: PERSPECTIVAS DA ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL (2011)	24
2.1	O conceito de estilo na Literatura	28
2.2	A inter-relação entre estilo e gênero	37
2.3	A unidade essencial da comunicação: O enunciado.....	40
2.4	Das primeiras concepções às novas perspectivas	50
3	A RELAÇÃO ENTRE GÊNEROS: UMA ANÁLISE TEÓRICA DOS AGRUPAMENTOS DE GÊNEROS	60
3.1	Nove agrupamentos de gêneros: a abordagem de Benedito Bezerra (2017)	63
3.2	A construção do conceito de constelação de gêneros por Júlio Araújo (2021)	70
3.3	Interseções e implicações das noções de hipergêneros e compósitos de gêneros.....	75
3.4	Gêneros nativos digitais: a perspectiva dos tecnogêneros segundo Paveau (2021) ...	83
4	PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS À LINGUÍSTICA TEXTUAL BRASILEIRA: TECNODISCURSIVIDADE, INTERATIVIDADE, MULTIMODALIDADE E VIRALIZAÇÃO.	93
4.1	Tecnodiscursividade e Interatividade	93
4.2	A multimodalidade na constituição dos gêneros nativos digitais	102
4.3	O fenômeno da viralização como força estruturante do compósito de gêneros digitais.....	106
5	METODOLOGIA.....	116
5.1	Caracterização da pesquisa	116
5.2	Delimitação do universo e da amostra	118
5.3	Procedimentos de coletas de dados	119
5.4	Procedimentos de análise de dados	120
6	COMPÓSITO DE GÊNEROS NA TECNODISCURSIVIDADE: UMA CARACTERIZAÇÃO À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL BRASILEIRA	121
6.1	Os compósitos de gêneros.....	126
	CONCLUSÃO.....	135
	REFERÊNCIAS.....	139

1 INTRODUÇÃO

As investigações voltadas ao conceito de gênero, ao refletirem sobre a complexidade e a dinamicidade da linguagem em uso nas práticas sociais, evidenciam-no como uma categoria multifacetada no campo dos estudos da linguagem. Sua nomenclatura varia conforme o recorte teórico adotado, sendo comum encontrá-lo acompanhado dos adjetivos “textual”, “discursivo” ou, ainda, ambos, unidos por barra (textual/discursivo) ou por conjunção (gênero textual e discursivo). Independentemente da escolha terminológica, observa-se que tais variações tendem a indicar diferentes enfoques analíticos: a textualidade, a discursividade, o discurso ou a articulação entre esses elementos².

Tais estudos revelam-se fundamentais para a área da Linguística Textual, abordagem teórica que sustenta a presente pesquisa. Assim, mais do que retomar o debate em torno das nomeações, interessa-nos, aqui, evidenciar a pluralidade de sentidos atribuídos ao conceito de gênero no âmbito dos estudos da Linguística Textual (LT), com ênfase na concepção defendida pelo grupo de pesquisa Protexto³. O conceito de gêneros, ancorado nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, compreende-os como “padrões de textos relativamente estáveis” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 159), que modelam os atos de comunicação e favorecem a interação entre interlocutores. Essa compreensão evidencia a natureza estruturante e social dos gêneros, ao defini-los como construtos estáveis de organização textual que moldam a comunicação e promovem a interação entre os interlocutores. Nesse sentido, os gêneros, efetivados por meio de textos, exercem uma função mediadora nas interações sociais, ao fornecerem elementos reconhecíveis que orientam a ação comunicativa.

Com base nessa perspectiva, defendemos que tal concepção constitui um dos principais fundamentos teóricos deste trabalho, pois partilhamos a ideia de que os gêneros não devem ser entendidos como estruturas fixas, mas como objetos flexíveis e historicamente situadas, moldadas pelas necessidades dos sujeitos em contextos específicos de comunicação. Como aspecto constitutivo da linguagem humana, o gênero emerge das mais diversas situações comunicativas, sendo continuamente atravessado por valores e práticas sociais. Dessa forma, entendemos que sua

2 A propósito da distinção entre gênero textual e gênero discursivo, cf. Adam (2019).

3 O grupo de pesquisa PROTEXTO, fundado e liderado por 20 anos por Mônica Magalhães Cavalcante na Universidade Federal do Ceará (UFC), consolidou-se como um dos mais importantes núcleos de estudo da Linguística Textual no país. Ao longo deste período, tornou-se um espaço dinâmico de intercâmbio acadêmico, reunindo pesquisadores de diferentes níveis e instituições, ampliando fronteiras e fortalecimento o pensamento teórico na área. <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/809540#identificacao>.

manifestação não ocorre de maneira neutra, mas resulta de contextos determinados, com participantes igualmente situados e carrega uma dimensão ideológica que atravessa todas as formas de interação verbal.

Sob essa perspectiva, considerando o advento da era digital no século XXI, aliado ao desenvolvimento de tecnologias inovadoras como a internet, os *notebooks*, os *smartphones* e as redes sociais digitais, as relações linguísticas intensificaram-se entre os indivíduos. Assumimos a noção de “ecossistemas digitais” mencionada por Émérit (2020) para investigar a rede social *Instagram*, pois consideramos relevante adotar sua concepção uma vez que essa abordagem oferece uma análise consistente para compreendermos a complexidade das interações no ambiente digital. O posicionamento da autora reflete sobre as noções de texto e contexto no ambiente digital e aponta uma estruturação de contextos que se dividem em dois níveis: contexto digital (tipo de *site*; recursos tecnológicos dos usuários) e contexto comunicacional (elaboração, apresentação e recepção da produção digital). Essas acepções estão diretamente ligadas a publicações em redes sociais.

Esse processo de modernização possibilitou a disseminação de gêneros em novos contextos comunicativos, como ecossistemas digitais, favorecendo o surgimento de gêneros digitais nativos. Nesse ambiente, marcado por interações constantes entre os usuários, o avanço tecnológico em larga escala contribuiu significativamente para a ampliação da comunicação, facilitando os vínculos sociais mediados por interfaces digitais. Como consequência, as práticas sociais passaram por uma ampliação expressiva, dando origem a novos gêneros na Web 2.0, moldados por finalidades comunicativas específicas e passíveis de transformação contínua.

Para justificar a escolha de concentrarmos nossas análises na Web 2.0, é fundamental retomar a concepção da analista do discurso Marie-Anne Paveau (2021, p. 35), que a define como a “web social ou participativa, surgida nos anos 2000”, cuja principal característica é a conexão entre pessoas por meio de uma lógica de interação multiagentes. Essa configuração tecnológica inaugura um espaço comunicacional dinâmico, colaborativo e descentralizado, no qual os usuários passam a exercer uma participação mais efetiva no processo de interação, observando-se a ampliação das condições de participação ativa no ambiente digital. Os sujeitos continuam a receber informações, mas também se tornam agentes de produção e de ressignificação de discursos, atuando de modo interativo e redefinindo as fronteiras entre emissor e recepção. Sob essa perspectiva, Paveau (2021)

evidencia como a Web 2.0⁴ ressignifica as práticas discursivas e promove uma reconfiguração dos papéis dos sujeitos na produção de sentidos.

É nesse cenário de intensificação das interações e transformações discursivas promovidas pelo ambiente digital que emerge a necessidade de refletir sobre categorias teóricas específicas, como a de hipergênero apresentada por Bonini (2003), cuja definição ainda carece de consensos e maior delimitação conceitual. Dessa maneira, a problematização deste estudo ocorre a partir da definição de hipergênero, a qual apresenta divergências tanto em relação à sua nomenclatura quanto à sua proposta conceitual, uma vez que o prefixo “hiper” remete à ideia de um “gênero extenso”, estabelecendo, assim, um sentido impreciso.

Ademais, considera-se que a questão ultrapassa a inadequação prefixal e alcança a própria concepção teórica proposta por Bonini (2003). Ao serem analisados os conceitos de gênero e enunciado à luz da Linguística Textual brasileira, especialmente aquela desenvolvida pelo Grupo de pesquisa Prottexto, observa-se que a definição de Bonini (2003) para gênero e “grande gênero”, nas palavras do autor, apresenta possíveis incompatibilidades com abordagens textuais mais recentes.

Diante do cenário contemporâneo, marcado por intensas transformações tecnológicas e sociais, esta pesquisa parte do problema em compreender de que modo os compósitos de gêneros no ambiente digital se diferenciam de categorias já consolidadas na literatura, como o hipergênero. Embora se problematize a noção de hipergêneros mencionada por Bonini (2011), sobretudo em razão dos questionamentos que envolvem a abrangência funcional atribuída a esse conceito, o presente estudo adota um posicionamento teórico que dela se distancia. A noção de compósitos de gêneros aqui defendida não se configura como continuidade nem como desdobramento da proposta de Bonini (2011), mas como uma tentativa de compreender de modo mais amplo as articulações entre gêneros em ambientes digitais, nos quais a dinamicidade e a interatividade desafiam classificações estáveis.

Em vez disso, a presente dissertação se aproxima do que Carvalho (2013) propõe em seu estudo, ao compreender o termo “compósito” como “um objeto composto e formado pela união de vários outros elementos, a fim de engendrar uma unidade maior” (p. 90). Essa definição enfatiza que a formação do compósito resulta da integração de diferentes partes, que, ao se unirem, criam algo mais abrangente do que os seus componentes isolados.

4 O termo "Web 2.0" foi criado e popularizado por Tim O'Reilly e pela empresa O'Reilly Media em 2004. Ele se refere à segunda geração da internet, caracterizada pela colaboração, inteligência coletiva e pelo conteúdo gerado pelos usuários, com a web atuando como uma plataforma interativa, em contraste com a versão estática da Web 1.0.

Propomo-nos a refletir sobre uma nova concepção de gêneros e de compósitos de gêneros no âmbito da tecnodiscursividade, considerando o contexto social digital, que favorece a constante proliferação e a ressignificação dos gêneros. Nesse sentido, buscamos investigar como o conceito de gênero textual, tradicionalmente compreendido, é transformado no ambiente digital a partir das especificidades da tecnodiscursividade – como a obrigatória multimodalidade, a intensa interatividade, e a viralização –, características que configuram de modo particular o espaço digital, à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Textual.

Sob tal atmosfera, produzimos textos para interagir socialmente, alcançar determinados propósitos comunicativos, realizar e corresponder a certos padrões dependendo da situação interacional. Frente a isso, entendemos a noção de texto como uma unidade de comunicação e de sentido em contexto (Adam, 2019), que acontece de forma única e irrepetível, efetivada como um evento comunicativo (Cavalcante *et al.*, 2022). Partindo desses pressupostos, a recorrência da produção de textos nos leva a compreender que há certa regularidade nos padrões textuais, de modo que se tornam estruturados e convencionais, conforme menciona Cavalcante *et al.* (2022).

Partindo da perspectiva da Linguística Textual (LT) desenvolvida em recentes estudos, como mencionado em Cavalcante *et al.* (2022) e Muniz-Lima (2024), os gêneros são padrões de texto pelos quais interagimos socialmente. Assim, os gêneros são capazes de se transformarem, de acordo com os propósitos comunicativos, levando em consideração o contexto sociocultural em que estão situados.

Nesta dissertação, em consonância com Cavalcante *et al.* (2022) e Bezerra (2017), optamos por utilizar o termo *gêneros* sem distinguir, necessariamente, entre “gêneros textuais” e “gêneros discursivos”, uma vez que entendemos que os gêneros se materializam por textos e discursos. Nesse sentido, ressaltamos que, apesar de os gêneros possuírem certa estabilidade em sua formação, não devem ser analisados exclusivamente perante uma perspectiva formal. Isto é, embora sua estrutura precise ser delineada com base em elementos estruturais, é necessária a compreensão de que sua constituição é formada sobretudo por fatores sócio-históricos e culturais.

Segundo Bazerman (2006), os gêneros representam formas de vida e modos de ser, funcionando como enquadres para a ação social e ambientes de aprendizagem. Além disso, são espaços de construção de sentido e referências habituais utilizadas para estruturar ações comunicativas. Além disso, atuam como orientações, semelhantes a “sinais de trânsito”, que direcionam os indivíduos em contextos desconhecidos.

Ao definir os gêneros como “formas de vida” e “modos de ser”, Bazerman (2006) nos convida a considerar como esses elementos não apenas moldam a linguagem, mas também estão intrinsecamente ligados às práticas sociais e identidades individuais. Miller (2012) também destaca o caráter social dos gêneros, concebendo-os como respostas teóricas a situações comunicativas que se repetem dentro de determinados contextos socioculturais. Sob essa visão, o reconhecimento e a reprodução de um gênero decorrem da familiaridade dos interlocutores com situações retóricas tipificadas, o que permite certa previsibilidade e eficácia na comunicação.

Nesse sentido, os gêneros não são estruturas fixas, mas sim padrões relativamente estáveis de enunciação que se transformam em função de situações comunicativas específicas, de elementos socioculturais e historicamente construídos, bem como de fatores como o grau de formalidade, a assincronicidade e o suporte em que circulam. Trata-se, portanto, de configurações textuais que, embora apresentem certa regularidade, estão sujeitas a modificações ao longo do tempo, especialmente quando confrontadas com contextos que demandam alterações em aspectos como estrutura, conteúdo, estilo ou meio de circulação, a fim de cumprirem suas finalidades comunicativas (Zavam, 2009). Reiteramos que essa perspectiva tem raízes no pensamento bakhtiniano, com o qual autores como Bazerman e Miller dialogam, estabelecendo tanto aproximações quanto distanciamentos em suas propostas teóricas.

Diante das transformações comunicacionais impulsionadas pelas tecnologias digitais, torna-se imprescindível empreender estudos que se dediquem à caracterização dos gêneros no ambiente virtual. O dinamismo das interações mediadas por plataformas digitais demanda constantes atualizações teórico-metodológicas capazes de dar conta da complexidade das novas práticas discursivas. Observar como os gêneros se reconfiguram nesse cenário permite não apenas compreender os modos de textualização, mas também lançar luz sobre os processos de construção de sentidos e de relações entre sujeitos em espaços altamente tecnologizados.

Nesse panorama, é possível perceber que os usuários estão continuamente envolvidos em processos de comunicação e interação, potencializados pela expansão das tecnologias digitais. A intensificação das trocas virtuais favorece o estabelecimento de vínculos sociais e contribui para o surgimento e a constante renovação de gêneros na Web 2.0, moldados por propósitos comunicativos específicos e passíveis de modificação a qualquer momento.

Nesse cenário, impõe-se a necessidade de um olhar teórico-analítico renovado, capaz de captar as especificidades do atual momento digital, marcado por interações velozes, pela instabilidade dos formatos comunicativos e pela constante emergência de novos gêneros. Para compreender tal dinâmica, é particularmente produtivo mobilizar o conceito de “modernidade líquida”, formulado por Bauman (2001), que descreve uma fase da modernidade pautada pela fluidez, pela transitoriedade das estruturas sociais e pela permanente reconfiguração dos modos de vida. Essa abordagem se mostra especialmente pertinente quando se busca compreender como os sujeitos, imersos em um ambiente de mudanças aceleradas, são continuamente desafiados a (re)elaborar suas identidades e formas de inserção social.

Para alcançarmos essa nova perspectiva, fundamentaremos nossa análise nas concepções do teórico Bakhtin (2011), que discute a reelaboração dos gêneros e a assimilação de um gênero por outro, o que possibilita o surgimento de novas formas. Adicionalmente, incorporaremos a contribuição de Marcuschi (2003), que ressalta o impacto das tecnologias como um efeito mediato na emergência de novos gêneros. Nesse contexto, o estudo de Cavalcante (2012) destaca os propósitos comunicativos dos gêneros e sua influência na configuração deles, considerando aspectos como a modalidade (oral ou escrita), o grau de formalismo e a possibilidade de participação simultânea dos interlocutores, entre outros fatores.

Em diálogo com Paveau (2021), no que se refere ao cenário digital, Cavalcante *et al.* (2022) propõem uma interface com a Análise do Discurso Digital (ADD) que vá além da análise da linguagem verbal isolada, considerando-a inserida em um contexto de interação mediado pela tecnologia. Nesse ponto de vista, o discurso digital nativo é concebido como “[...] o conjunto das produções verbais elaboradas online, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas da escrita” (Paveau, 2021, p. 36), o que reforça a ideia de uma discursividade atravessada pelas especificidades dos ambientes digitais.

Nesse contexto, à luz das abordagens da Linguística Textual, adotamos a abordagem de Cavalcante *et al.* (2022), segundo a qual a tecnodiscursividade se parte de um princípio de que os atos de linguagem se articulam aos recursos tecnológicos das máquinas, promovendo uma interação entre homem-máquina. Somado a isso, fundamentamo-nos na concepção bakhtiniana de dialogismo, que compreende os textos como construções sempre em interlocução com outros textos, especialmente no ambiente da web, onde circulam com características próprias e específicas. Em alinhamento à proposta de Cavalcante *et al.* (2022), compreendemos que não se trata de considerar um texto ou discurso isoladamente, mas sim de reconhecer o pressuposto de que

os atos de linguagem estão intrinsecamente ligados aos recursos tecnológicos oferecidos pelas máquinas, configurando o que se denomina tecnodiscursividade.

A partir desse ângulo, ao abordarmos as produções nativas digitais no âmbito da tecnodiscursividade, utilizaremos o termo *tecnotexto*, conforme proposto por Martins (2024), em consonância aos pressupostos da Linguística Textual brasileira. Sob esse viés, partimos da compreensão de que as “produções elaboradas on-line” (Paveau, 2021, p. 28) podem ser entendidas, em nossa perspectiva, como textos nativos digitais. Nesse mesmo direcionamento teórico, esta dissertação também se apoia nas contribuições de Muniz-Lima (2024), que destaca a interatividade como um elemento central na relação entre humano-máquina. Tal interatividade é compreendida como um aspecto tecnolinguageiro da interação, caracterizado pela coparticipação da tecnologia na produção de sentidos, o que tensiona e redefine as fronteiras entre humano e não humano nas dinâmicas discursivas das situações digitais contemporâneas.

Complementando essa abordagem, a tese de Muniz-Lima (2022), inserida no campo da Linguística Textual, revisita criticamente a noção de interação nos ambientes digitais. A autora, dialogando com Paveau (2017), propõe que a interação se constitui como um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores, humanos ou não humanos, que se modifica conforme o suporte, a mídia, os graus de interatividade e os sistemas semióticos mobilizados. Em vez de propor critérios analíticos rígidos, sua pesquisa oferece uma reflexão sobre as implicações de uma concepção ampliada de interação, reafirmando o papel central desse conceito na definição do que se entende por texto no contexto da Linguística Textual brasileira.

Amparados nessa perspectiva e em consonância com Costa (2024, p. 66), partimos da compreensão de que “todos os textos são multissemióticos e colocam em prática, simultaneamente, os diversos tipos de semioses que produzem efeitos de sentido em totalidade”. Nessa concepção, os textos configuram-se como unidades complexas e híbridas, compostas por diferentes sistemas sógnicos articulados de forma contextual. Em ambientes digitais, tal compreensão é imprescindível, uma vez que os recursos técnicos deixam de ocupar o lugar de simples suportes para assumirem o papel de elementos constitutivos do próprio texto.

Conforme discutido por Cavalcante *et al.* (2022), a interação no ambiente digital pode ser compreendida como um fenômeno tecnolinguageiro, no qual ações como clicar, rolar a tela e compartilhar conteúdos funcionam como formas de engajamento e posicionamento diante dos discursos em circulação. Essa abordagem se articula à noção de viralização adotada nesta

dissertação, pois o envolvimento ativo dos usuários potencializa a difusão dos textos nas redes, ampliando sua visibilidade e seus efeitos de sentido no espaço digital.

Para prosseguir com nossa pesquisa, partimos das definições já existentes de outros agrupamentos genéricos, especialmente os conjuntos, sistemas, cadeias e colônias, para distingui-los do hipergênero. Assim, apresentaremos o estudo de Bezerra (2017), que compila nove estudos teóricos sobre esses agrupamentos com o intuito de lançar uma discussão acerca dos diferentes aspectos analíticos presentes nas propostas conceituais da análise de gêneros. Além disso, abordaremos o conceito de constelação de gêneros, definido por Júlio Araújo (2021), que se propõe a construir um aparato teórico-metodológico que ofereça uma base consistente para a análise dos gêneros, evitando simplificações excessivas e ressaltando que a variabilidade e a interdependência dos gêneros são essenciais para compreender como se manifestam na prática comunicativa.

Visando aprofundar nossa discussão sobre os agrupamentos genéricos mais contemporâneos, ressaltamos também a definição de compósito de gêneros proposta por Carvalho (2023). O autor argumenta que o termo “compósito” deve ser interpretado como “um objeto composto e formado pela união de vários outros elementos, a fim de engendrar uma unidade maior” (p. 90). Essa definição enfatiza que a formação do compósito resulta da integração de diferentes partes, que, ao se unirem, criam algo mais abrangente do que os seus componentes isolados.

Quando se diz que o compósito é “formado pela união de vários outros elementos”, entende-se que ele não é um gênero único e estático, mas sim uma estrutura integradora de partes que mantêm alguma autonomia, mas que, em conjunto, adquirem novas funções comunicativas. Essas “outras partes” referem-se aos gêneros individuais que compõem o conjunto, como por exemplo: postagens (como *tweets*, vídeos, imagens, *reels* ou textos curtos); comentários e reações (como curtidas, *hashtags* ou *emojis*, que também são signos enunciativos); tópicos ou *threads* que se encadeiam; *hiperlinks* para outros conteúdos ou perfis; seções específicas de um *site*, *blog* ou aplicativo, como menus, biografias, caixas de perguntas, entre outros.

Tais elementos, inseridos em uma plataforma ou ambiente digital, constituem um tecido textual e comunicativo mais amplo. Nesse sentido, entendemos que o compósito de gênero não se configura como uma simples justaposição, mas como uma nova unidade de sentido, fundada na interdependência e na funcionalidade dos gêneros que o compõem.

A respeito dos hipergêneros, a definição explorada será a de Bonini (2001, p. 681), que apresentou a sua concepção para essa contemporaneidade da seguinte maneira: “agrupamento de

gêneros para compor uma unidade maior (o hipergênero)”. A ideia de hipergênero torna-se confusa a partir do momento que o prefixo “hiper” carrega um sentido direcionado a um entendimento de “gênero extenso”, portanto, é necessário que salientemos a diferenciação do termo, comparando-o com as outras noções de agrupamento de gêneros mencionadas anteriormente.

Diante do exposto, a escolha temática deste trabalho decorre da necessidade de aprofundar a reflexão sobre critérios analíticos capazes de sustentar uma nova compreensão dos conceitos de gênero e de compósito de gêneros no âmbito da tecnodiscursividade, conforme os fundamentos da Linguística Textual brasileira. Para isso, retomamos os pressupostos teóricos de Bonini, cujas contribuições são relevantes, mas cuja proposta de “hipergênero” — tanto pelo uso do prefixo “hiper” quanto pela concepção de um grande enunciado que abarque os demais — não se mostra plenamente compatível com os fenômenos que pretendemos analisar. Assim, propomos a noção de *compósito de gêneros* para designar o conjunto de gêneros que coabitam uma mesma página digital e, articulados entre si, configuram uma unidade discursiva mais ampla do que cada gênero isoladamente.

Para observarmos os gêneros que se modificam no tecnodiscurso, ancoramos-nos no conceito dado por Paveau (2021, p. 328) sobre tecnogêneros, “uma dimensão compósita, derivada de uma coconstituição do languageiro e do tecnológico.” O cenário tecnológico expande as possibilidades de gêneros e de agrupamentos de gêneros, em diversos contextos. Nesse ambiente, as práticas de produção e circulação dos textos são atravessadas por elementos tecnolinguageiros, como algoritmos e recursos multissemióticos, que influenciam diretamente a constituição e funcionamento dos gêneros.

Assim, compreender os tecnogêneros permite reconhecer que os gêneros nativos digitais não apenas se adaptam aos meios tecnológicos, mas também emergem e se transformam a partir deles, evidenciando a natureza relacional e híbrida dos gêneros nos ecossistemas digitais.

Destacamos também a observação da autora acerca da posição do pesquisador nos estudos digitais, posto que o pesquisador se serve dos recursos tecnológicos. Seguiremos essa perspectiva analisando componentes linguísticos produzidos em situações enunciativas reais, para mostrarmos o nosso conhecimento interno, pois acreditamos que através dessa análise teremos um estudo eficaz.

Nesse cenário, as plataformas digitais propiciam a publicação acelerada de conteúdos pelos usuários, favorecendo a circulação ampla e muitas vezes imprevisível desses enunciados junto a diferentes interlocutores. É por meio desse fluxo que os indivíduos manifestam seus propósitos

comunicativos, imprimindo marcas de singularidade nas materializações dos gêneros. Um exemplo ilustrativo são os *posts* digitais, que integram recursos como comentários, compartilhamentos e reações (curtidas, *emojis* etc.), compondo um ecossistema interativo que amplia as possibilidades de construção e negociação de sentidos.

Nesta dissertação, partimos da distinção de níveis propostos pela autora, porém concentramos nossa análise na rede social *Instagram*, considerando-a como um ecossistema propício à investigação das ferramentas que possibilitam conexões técnicas e discursivas com outros gêneros. Além disso, adotamos a perspectiva de “pesquisador-usuário” (Émérit, 2020), pois utilizamos nossos próprios perfis como fonte de informações relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Assim, o corpus desta pesquisa é composto por páginas web e perfis em redes sociais digitais, com ênfase no *Instagram* como principal ambiente de coleta de dados (considerando-se, para este estudo, o termo “página web inicial” no sentido de página inicial do aplicativo *Instagram*).

Para isso, selecionamos quatro perfis públicos pertencentes a categorias distintas – informativo, comercial e pessoal – com o objetivo de analisar a formação e a variação do compósito de gêneros em contextos comunicativos diversos.

Nesse sentido, nosso recorte analítico contempla postagens recentes que evidenciam interações tecnodiscursivas, sendo os critérios de seleção baseados na presença de variados gêneros coabitando uma mesma página, na recorrência de práticas multimodais e na possibilidade de demonstrar os propósitos comunicativos, bem como perfil do usuário e modos de circulação dos gêneros.

Dessa forma, esta dissertação tem como objetivo geral caracterizar o compósito de gêneros na página web – aqui entendida como a página inicial do aplicativo *Instagram* –, em um mesmo ecossistema, organizado pela máquina e por decisões humanas, a partir dos critérios analíticos da Linguística Textual brasileira, a fim de propor uma distinção analítica em relação à concepção de hipergênero. Em razão disso, as análises serão conduzidas a partir da página inicial do *Instagram*.

Para tanto, repensamos o conceito de gênero no ambiente digital observando as particularidades tecnodiscursivas e a interação entre os usuários, com base nas noções de multimodalidade, interatividade e viralização presentes nas plataformas digitais. Busca-se, ainda, investigar quais são os tipos de organização presentes nos compósitos de gêneros, articulando a análise aos pressupostos da Linguística Textual.

Por fim, propõe-se uma constituição do compósito de gênero fundamentada nos critérios definidos nesta pesquisa: página web inicial; condições de produção dos textos do compósito; gêneros com os quais coabita; auditório previsto; propósitos dos gêneros no compósito; suporte que os agrupa; traços de viralização e perfil do usuário.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, a estrutura da nossa dissertação é delineada nos capítulos que sucedem esta introdução.

No primeiro capítulo, discutimos a noção de gêneros do discurso a partir de Mikhail Bakhtin (2011), abordando seus principais pressupostos teóricos, como o conceito de estilo na literatura, a relação entre estilo e gênero e a noção de enunciado. Além disso, articulamos essas concepções iniciais às novas perspectivas sobre os gêneros, ampliando a compreensão sobre sua dimensão comunicativa e social e propondo uma nova visão da noção tradicional, levando em consideração a influência dos recursos tecnológicos, presentes no ambiente digital, como aspecto fundamental para a reconfiguração dos gêneros.

No segundo capítulo, propomos uma análise teórica dos principais agrupamentos de gêneros já sistematizados, bem como das perspectivas voltadas aos gêneros no ambiente digital. Frente a isso, abordamos as nove formas de agrupamentos discutidas por Bezerra (2017), a construção do conceito de constelação de gêneros por Araújo (2021), as noções de hipergênero e compósito de gêneros, além dos gêneros nativos digitais, com base na perspectiva dos tecnogêneros proposta por Paveau (2021).

No terceiro capítulo, abordamos as noções de interação e interatividade no contexto dos gêneros nativos digitais, com o intuito de compreender como os indivíduos se relacionam entre si e com os recursos tecnológicos nas plataformas digitais. Além disso, discutimos a função da multimodalidade na constituição dos gêneros, evidenciando como os diferentes modos semióticos contribuem para a construção de sentido. Por fim, analisamos o fenômeno da viralização, considerando sua influência na circulação, no alcance e na ressignificação dos gêneros no ambiente digital.

No quarto capítulo, apresentamos a natureza metodológica da nossa dissertação, com base em Marconi e Lakatos (2001), bem como o tipo de investigação adotada, conforme Gil (1999), justificando as escolhas relativas à seleção do *corpus*, às técnicas de coleta de dados e aos procedimentos analíticos aplicados ao compósito de gêneros extraído do *Instagram*.

No quinto capítulo, alcançamos o ponto central da nossa dissertação. Nesta seção, detemo-nos na conceituação e demonstração da noção de *compósito de gêneros*, tal como proposta nesta

pesquisa, evidenciando com essa configuração se organiza e opera no ambiente digital. A partir dos aportes teóricos da Linguística Textual, buscamos consolidar os critérios que fundamentam essa categoria analítica. Por fim, realizamos a análise de nosso *corpus*, observando elementos como a coabitação de múltiplos gêneros em uma mesma página, suas inter-relações funcionais, os propósitos comunicativos que os orientam, bem como os modos de circulação dos gêneros, viralização e recepção dos textos no espaço tecnodiscursivo.

Portanto, esse capítulo representa o eixo teórico-analítico em que a nossa proposta – *compósito de gêneros* – se articula com as transformações da linguagem mediada pelo universo digital.

Dessa maneira, reiteramos que é fundamental desenvolver uma concepção para agrupamento de gêneros que contemple o meio social digital, a qual denominamos *compósito de gêneros*. Essa pluralidade é característica essencial do espaço digital, onde a interatividade e a multimodalidade permitem uma dinâmica comunicativa rica e variada. Propomos essa nova abordagem para repensar as normas e convenções que regem a produção e a recepção dos gêneros no ambiente digital. O que antes era considerado um gênero rígido, especialmente no contexto escolar, pode se transformar em um espaço flexível e dinâmico, onde os usuários têm a capacidade de modificar e reinventar as formas de comunicação. Para tanto, a ideia de *compósito de gêneros* enfatiza a necessidade de um olhar crítico e adaptativo sobre as práticas discursivas contemporâneas, reconhecendo a importância de compreender as interações sociais e as influências tecnológicas que moldam essas novas formas de expressão.

2. A NOÇÃO DE GÊNEROS DO DISCURSO EM MIKHAIL BAKHTIN: PERSPECTIVAS DA ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL (2011)

Para dar início a esta dissertação, consideramos fundamental posicionar-nos frente à Linguística Textual – campo teórico que orienta este trabalho – e destacar as noções que orientam sua construção. Nesse sentido, esta seção se dedica à apresentação do conceito de gêneros do discurso elaborado por Mikhail Bakhtin, cuja perspectiva dialoga diretamente com os objetivos deste trabalho. A partir desse referencial, buscamos justificar as escolhas analíticas adotadas, reiterando que sua abordagem oferece uma base teórica sólida para compreender os gêneros como formas relativamente estabilizadas que emergem das práticas sociais em esferas específicas, sendo, portanto, essencial para a análise desenvolvida neste trabalho.

Dessa forma, exploramos a concepção de gêneros do discurso defendida pelo Círculo de Bakhtin, reconhecendo sua relevância para a compreensão da linguagem enquanto prática social

intrinsecamente ligada às atividades humanas. Em seguida, apresentaremos com maior detalhamento os aspectos constitutivos de sua perspectiva, reforçando seu papel como fundamento teórico para toda a nossa pesquisa. Ao ancorar nosso trabalho nas contribuições de Bakhtin, pretendemos refletir sobre a multiplicidade e a complexidade dos gêneros no ambiente digital contemporâneo, reconhecendo sua relevância na formação das práticas comunicativas atuais.

O teórico Mikhail Bakhtin foi o grande precursor da modernidade nos estudos dos gêneros do discurso. Para ele, as atividades humanas são ligadas ao uso da linguagem, e a realização do funcionamento da língua que se efetiva através de enunciados. Cada enunciado particular exhibe sua própria identidade e, conforme sua aplicação em diferentes campos das ações humanas, tendem a adquirir características recorrentes e distintas, configurando-se assim em “tipos relativamente estáveis”, os quais são conhecidos como gêneros do discurso.

Tal concepção se mostrou como um ponto crucial para os estudos linguísticos, ao ressaltar a dinâmica entre a individualidade de cada expressão linguística e a influência do campo da comunicação humana na padronização e estabilização de determinados tipos de enunciados, atentando para o fato de que a complexidade da linguagem possui fluidez quando inserida nas interações sociais.

O autor destaca, ademais, a infinitude de possibilidades geradas pela atividade humana, enfatizando que, em cada esfera dessa atividade, há um conjunto completo de gêneros do discurso, os quais se expandem e se diversificam à medida que há o desenvolvimento de um determinado campo. Vale notar o aspecto heterogêneo dos gêneros do discurso, sejam eles orais ou escritos, evidenciando a variedade e multiplicidade de formas presentes nas formas de expressão linguística.

Nesse contexto, é relevante observar a implicação decorrente da afirmativa sobre a ampla diferenciação que caracteriza os gêneros do discurso. Considerando a significativa disparidade entre eles, pode-se argumentar que um estudo abrangente e que os analise possa parecer inviável, como aponta Bakhtin (2011, p. 262):

Pode parecer que a heterogeneidade dos gêneros discursivos é tão grande que não há nem pode haver um plano único para o seu estudo; porque, neste caso, em um plano do estudo aparecem fenômenos sumamente heterogêneos, como as réplicas monovocais do dia a dia e o romance de muitos volumes, a ordem militar padronizada e até obrigatória por sua entonação e uma obra lírica profundamente individual, etc. A heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios.

Diante da complexa heterogeneidade dos gêneros do discurso, é equivocado concebê-los em um único plano de estudo que englobe todos os fenômenos. Ao analisarmos as interações cotidianas, como os diálogos, deparamo-nos com certa dificuldade, uma vez que são extremamente

heterogêneos e podem parecer desafiadores de serem sistematizados em um quadro de análise em comum. Além disso, a diferença funcional dos gêneros predominantemente verbais pode torná-los abstratos e carentes de conteúdo concreto, dificultando sua compreensão e análise.

A partir dessa colocação, Bakhtin (2011) levantou questionamentos sobre a abordagem complexa dos gêneros discursivos feita pelos estudiosos. Ele argumenta que, desde a Antiguidade, houve uma tendência de concentrar as análises principalmente nos gêneros literários, sem considerar suas particularidades como tipos distintos de enunciados.

Em vez disso, esses gêneros eram frequentemente estudados sob uma perspectiva artístico-literária, com ênfase em suas distinções apenas dentro do campo da literatura, negligenciando sua natureza como manifestações verbais comuns que servem a diversos propósitos comunicativos.

Esse cenário se diferencia da abordagem realizada para os gêneros retóricos estudados, pois já se dedicava alguma atenção à sua natureza verbal como enunciados. Elementos importantes eram considerados essenciais para a análise “como a relação com o ouvinte e sua influência sobre o enunciado, sobre a conclusibilidade verbal específica do enunciado (à diferença da conclusibilidade do pensamento), etc.” (Bakhtin, 2011, p. 263).

No entanto, mesmo diante desse panorama, a análise singular dos gêneros retóricos tendia a suprimir seu traço linguístico geral. Isto é, apesar dos avanços nas percepções sobre os gêneros ao longo do tempo, ainda havia limitações em compreender sua essência linguística mais ampla.

As considerações apresentadas por Bakhtin (2011) destacam a complexidade da análise dos gêneros discursivos, enfatizando a necessidade de não subestimar a heterogeneidade inerente a eles. Nesse sentido, o teórico atenta para o fato de que a distinção entre os gêneros primários (simples – réplicas do diálogo cotidiano ou da carta no romance; bilhetes, conversas face a face etc.) e secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas, gêneros publicitários, entre outros) precisa ser realizada com cautela, alertando para a importância de transcender as abordagens estritamente funcionais, nas quais são consideradas apenas funções básicas, como sua estrutura e natureza.

Para tanto, é primordial considerar as circunstâncias sociais e culturais como elementos essenciais na formação dos gêneros, pois esses fatores desempenham um papel fundamental na sua origem e investigação. De acordo com Bakhtin (2011), os gêneros secundários não surgem isoladamente; eles emergem a partir de um ambiente cultural e pelas práticas de comunicação existentes. Durante o processo de formação, os diversos gêneros primários estão interligados aos secundários, sendo incorporados e reinterpretados. Os gêneros primários se caracterizam por serem

elaborados diante das condições da comunicação discursiva imediata. Isto posto, é pertinente destacar que o teórico enfatizava uma condição decisiva na formação dos gêneros: o fator sociocultural, que desempenha um papel fundamental na sua construção e produção.

Seguindo essa perspectiva, para realizar uma análise qualitativa, é preciso compreender a importância de estudar os gêneros primários e secundários separadamente, pois cada um apresenta características distintas que não devem ser confundidas nem tratadas como iguais. No entanto, mesmo ao adotar uma abordagem que analise os dois tipos de gêneros à parte, é essencial identificar a relação intrínseca entre eles, reconhecendo que estão interligados no momento de sua atividade.

A relevância dessa consideração consiste no entendimento de que é por meio desse processo analítico das duas categorias de gênero, que se torna possível alcançar verdadeiramente a essência do enunciado, a ausência de atenção da justaposição entre esses dois tipos de gêneros pode resultar em uma simplificação demasiada, conforme esclarece Bakhtin (2011, p. 264):

[...] apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado (e abranger as facetas mais importantes); a orientação unilateral centrada nos gêneros primários redundaria facilmente na vulgarização de todo o problema [...]. A própria relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia).

Assim, através de um estudo amplo sobre a relação entre os gêneros primários e secundários, é possível obter uma compreensão eficaz da natureza do enunciado. Essa abordagem também reconhece que uma compreensão inadequada dos enunciados e dos variados gêneros do discurso pode resultar em uma análise superficial, desconectada da realidade linguística e social, sem considerar o contexto sociocultural e a complexa dinâmica da linguagem em uso.

Portanto, destaca-se a importância de adotar uma visão completa nos estudos sobre os enunciados e gêneros, uma vez que, segundo Bakhtin (2011, p. 268), “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. Como defendido pelo autor, pode-se concluir que seria equivocado conduzir um estudo linguístico baseado unicamente em uma visão estrutural e formal, sem considerar o contexto histórico e as práticas de atividade em que os elementos linguísticos são constantemente utilizados e reconfigurados.

Dessa forma, embora a noção de “gêneros discursivos” seja utilizada aqui em conformidade com a tradição bakhtiniana, opta-se, ao longo desta pesquisa, pelo uso da expressão “textos”, por entendê-la mais adequada aos objetivos da análise desenvolvida, que prioriza a materialidade

textual, os aspectos comunicativos e funcionais das produções digitais. Tal escolha não desconsidera as dimensões enunciativas e sociais dos enunciados, mas busca alinhar terminologicamente a discussão com a proposta metodológica adotada, mais voltada à descrição textual do que à abordagem discursiva propriamente dita.

Esse direcionamento é basilar não apenas para pesquisas linguísticas, mas também para todos aqueles envolvidos na área da comunicação, já que tais campos têm a linguagem como principal objeto de estudo. Diante de uma investigação linguística, é inevitável lidar com enunciados decorrentes de vastas esferas da atividade humana.

Conforme Bakhtin (2011, p. 265) afirma, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.” Isto é, a relação entre língua e vida se efetiva por meio dos enunciados concretos.

Ao falarmos ou escrevermos, empregamos a língua para expressar nossos pensamentos, sentimentos ou vivências, enriquecidos tanto pelos valores que carregamos quanto pelas práticas sociais presentes no cotidiano.

Para o autor, “todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas da construção do todo.” (p. 282) Esses enunciados, denominados de gêneros do discurso, se caracterizam por três elementos interligados: conteúdo temático (temas e assuntos comuns a um determinado gênero); estilo (a escolha de recursos linguísticos e a forma como a língua é utilizada) e construção composicional (estrutura e organização do conteúdo e como é apresentado).

Nesse contexto, os enunciados surgem como um recurso capaz de materializar tais aspectos, dando-lhes forma e significado, de maneira a circunscrever o entrelaçamento da vida e da língua. Assim, torna-se fundamental considerarmos os aspectos históricos e socioculturais na investigação dos tipos de enunciados.

2.1 O conceito de estilo na Literatura

Considerando essa perspectiva, o estudo dos enunciados exige não apenas a análise de sua forma e função, mas também uma atenção especial aos aspectos expressivos que os constituem. Nesse sentido, a dimensão estilística se revela como um campo frutífero de investigação, uma vez que permite compreender como os elementos linguísticos são selecionados e organizados de acordo com a intenção comunicativa, o contexto de produção e as marcas individuais ou coletivas do enunciatador.

Nesse contexto, os enunciados surgem como um recurso capaz de materializar tais aspectos, dando-lhes forma e significado, de maneira a circunscrever o entrelaçamento da vida e da língua.

Assim, torna-se fundamental considerarmos os aspectos históricos e socioculturais na investigação dos tipos de enunciados. Teoricamente, embora as correntes da estilística alemã e francesa tenham contribuído para o desenvolvimento dos estudos sobre a linguagem no Brasil, observa-se certo distanciamento em relação à perspectiva bakhtiniana.

Enquanto essas abordagens tendem a enfatizar o estilo como expressão individual ou como estrutura descritiva da linguagem, Bakhtin compreende o estilo como indissociável das condições sociais, históricas e dialógicas da enunciação.

Sob esse prisma, o teórico caracteriza o enunciado como “*um núcleo problemático de importância excepcional*”, que apresenta determinados traços relevantes, sendo um deles relacionado à esfera estilística. A introdução dessa ciência no Brasil, no início do século XX, originou-se de duas correntes teóricas distintas, conforme destacado por Martins (2012): a) escola alemã, que se concentra na estilística literária, com uma abordagem idealista ou individual, de orientação psicologista; b) escola francesa, que busca uma estilística linguística ou expressiva, com uma base descritiva. No Brasil, essas duas linhas contaram com importantes precursores, tais como: Said Ali (1969 [1920]) - seguidor da linha alemã -; Rodrigues Lapa (1945). Mattoso Câmara Júnior (1978; 2004 [1961]); Gladstone Chaves de Melo (1976) e Nilce Sant’Anna Martins (2012) - seguidores da linha francesa-.

Inicialmente, é importante entender qual era o objetivo e quais elementos eram abordados nos estudos estilísticos. Nesse contexto, a análise estilística era realizada considerando os componentes normativos e os recursos gramaticais disponíveis na língua. A partir disso, observa-se como os falantes construíam seus enunciados e de que maneira empregavam esses recursos em seus discursos.

Como pioneiro nessas investigações, destaca-se a atuação fundamental do filólogo brasileiro Said Ali (1969 [1920]) - seguidor da escola alemã -, que evidenciou seus estudos voltados para questões gramaticais da língua, especialmente na área da sintaxe. Além disso, o autor reconheceu a importância de considerar os aspectos semânticos nas escolhas que os sujeitos fazem ao construir enunciados. A partir dessa observação, ele considerou a “*psique criativa do escritor ficcional*” (FERREIRA; GLUSKOVA, 2017, p. 3) como um traço relevante. Isso ocorre porque, diante de formas alternativas da língua, os falantes teriam um determinado poder de escolha sobre as unidades linguísticas, dependendo das diferentes situações de uso e nos registros linguísticos, sejam eles formais ou coloquiais.

Assim, de acordo com o que Said Ali defende em sua *Gramática secundária da língua portuguesa* (1920), o estilo é definido como o resultado das escolhas feitas pelo falante, que se baseiam nas opções fornecidas pelo sistema linguístico, resultando na expressão de um estilo individual por parte dos sujeitos.

Alguns dos teóricos mencionados acima, adeptos da corrente francesa, também compartilham da visão de Said Ali. Dentre eles, destaca-se o linguista Gladstone Chave Melo (1976), que também enfatiza que o estilo é o efeito da seleção feita pelo falante entre as opções disponíveis na língua. Nilce Sant'Anna Martins (2012), por sua vez, amplia a perspectiva estilística abrangendo diferentes níveis de análise, como o fonético, lexical, sintático, semântico e o enunciativo. A autora demonstra interesse em observar desde características sonoras e lexicais até aspectos relacionados à enunciação, visando uma compreensão da linguagem em diferentes contextos e discursos.

As ponderações dos estudiosos pioneiros da estilística no Brasil são relevantes, pois nos leva a entender a necessidade de expandir os estudos estilísticos, não se limitando apenas a uma análise estrita dos elementos linguísticos materiais. Essas contribuições tiveram grande influência no desenvolvimento das pesquisas conduzidas pelos membros do Círculo de Bakhtin (1960-1970). Nesse sentido, estabelecem-se orientações significativas para o ramo estilístico bakhtiniano: a correlação entre gramática e estilística, e o reconhecimento de que o estilo resulta de escolhas linguísticas-discursivas efetuadas pelos sujeitos no momento de interação.

A contextualização sobre a substância da estilística, principalmente no Brasil, é relevante para entender a finalidade de tal disciplina, as mudanças ocorridas nos preceitos estilísticos e a importância do efeito nos estudos estilísticos que seguem a perspectiva bakhtiniana, tais como as diferentes linhas de pesquisas que se relacionam à área da linguística, literatura, estudo do ensino ou de estudos discursivos. Embora se dediquem a diferentes reflexões temáticas, compartilham a ideia de que o estilo é uma característica natural das interações discursivas entre os falantes.

Seguindo essa perspectiva, também se nota que os falantes, ao fazerem escolhas linguísticas, não apenas expressam o seu caráter individual presente no enunciado, mas também esperam que haja uma resposta do interlocutor.

Nesse sentido, a fim de esclarecermos que a vertente da estilística brasileira é amplamente adotada nos estudos linguísticos, destaca-se que, o estilo é concebido como um fenômeno inerente à interação discursiva e não como uma marca exclusivamente individual ou subjetiva do autor, como propõem as concepções mais tradicionais estilísticas europeias.

Um exemplo representativo dessa vertente é a proposta de Charles Bally (2017, p.130), linguística suíço e discípulo de Ferdinand de Saussure, reconhecido como um dos fundadores da estilística moderna, cuja abordagem enfatiza a expressão subjetiva e emocional do falante. Diferentemente de abordagens centradas no conteúdo, Bally (1865–1947) propôs analisar como a linguagem expressa emoções, intenções e afetos, valorizando aspectos expressivos da comunicação verbal.

Desse modo, apresentamos por meio do quadro a seguir, as distinções teóricas entre as concepções de estilo formuladas por Mikhail Bakhtin e Charles Bally:

FIGURA (1)- QUADRO SÍNTESE DA NOÇÃO DE ENUNCIADO

Charles Bally	Mikhail Bakhtin
<ul style="list-style-type: none"> • Enunciação é o ato que o sujeito realiza - utilizando os meios de expressão comuns a todos os indivíduos de uma comunidade linguística - para expressar suas ideias e sua subjetividade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Enunciação é a materialização da interação verbal de sujeitos históricos. Necessariamente, pressupõe a existência de um falante e de um ouvinte inseridos numa hierarquia social. Seu autêntico meio de existência é o heterodiscurso dialogizado.
<ul style="list-style-type: none"> • Toda enunciação do pensamento pela língua é condicionada logicamente, psicologicamente e linguisticamente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Toda enunciação é uma resposta a alguma coisa, e, construída como tal, não passa de um elo da cadeia dos atos de fala.
<ul style="list-style-type: none"> • A frase (sinônimo de enunciado) possui um <i>dictum</i> (conteúdo proposicional, que mostra objetivamente o pensamento do sujeito, no contato com os signos da língua) e um <i>modus</i> (atitude do sujeito em relação ao conteúdo do enunciado). Desse movimento enunciativo nasce a <i>estilística individual</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • O enunciado (sinônimo de enunciação) põe em jogo a <i>significação</i> e o <i>tema</i>. A <i>significação</i> representa os elementos reiteráveis, as formas linguísticas abstratas; e o <i>tema</i> representa a dimensão não reiterável. Por essa razão, está ligado à situação histórica concreta.
<ul style="list-style-type: none"> • A linguagem é entendida, nessa perspectiva, como um sistema de símbolos de expressão que exprime o conteúdo do pensamento, as ideias e os sentimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> • A linguagem é de natureza dialógica. Pressupõe, portanto, que todo discurso se constitui por outros discursos.

Fonte: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512454262009.pdf>



Com base no quadro comparativo apresentado, é possível destacar divergências centrais entre as concepções de estilo segundo Charles Bally e Mikhail Bakhtin. Para Bally (2017), a

enunciação é um ato individual, no qual o sujeito expressa ideias e emoções utilizando os meios comuns de sua comunidade linguística. Sua estilística é voltada para os aspectos psicológicos e subjetivos do enunciado, concebendo a linguagem como um sistema simbólico que manifesta o pensamento. Já Bakhtin (2017), propõe uma visão interacional e histórica.

A enunciação é sempre resposta a outros discursos e resulta da interação entre sujeitos situados socialmente. O estilo, nesse caso, não funciona como uma marca exclusiva do autor, mas produto da dialogia, atravessado por vozes diversas e pelas condições concretas da enunciação. Conforme a perspectiva bakhtiniana, o enunciado envolve tanto a significação (formas reiteráveis) quanto o tema (dimensão singular da situação). Dessa forma, esta dissertação se orienta pelos pressupostos bakhtinianos, por considerar o estilo como prática discursiva dialógica e socialmente situada.

Embora a estilística contemporânea brasileira esteja fortemente ancorada na tradição bakhtiniana, que concebe o estilo como resultado da interação dialógica entre sujeitos e enunciados, é importante considerar as contribuições iniciais de Charles Bally (2017) para a constituição do campo da estilística. Discípulo de Saussure, Bally inaugurou uma vertente da estilística moderna que valorizava os aspectos afetivos e expressivos da linguagem, ao defender que o estilo revela emoções, intenções e atitudes do falante. Sua proposta, centrada na subjetividade e nos traços individuais de expressão, influenciou diversas correntes formalistas europeias.

No entanto, ao contrário dessa visão centrada no sujeito, a estilística de base bakhtiniana – predominante nos estudos linguísticos brasileiros atuais – desloca o foco da interioridade para a exterioridade das relações enunciativas, compreendendo o estilo como fenômeno discursivo-social, construído no encontro entre vozes e orientado responsivamente. Assim, ainda que se reconheça a relevância histórica de Bally (2017) e outros estudiosos para a estilística, defendemos que é a abordagem interacional e dialógica de Bakhtin que orienta, de forma mais ampla, esta pesquisa em desenvolvimento.

Isso nos leva a reconhecer que as relações intrinsecamente dialógicas envolvem a construção de valores e significados sendo negociados durante a interação comunicativa. Portanto, evidencia-se a complexidade envolvida na produção e interpretação de enunciados. Como um estudioso dedicado principalmente à área da literatura, Bakhtin aborda em sua obra *Estética da Criação Verbal* (2011), especificamente na sessão intitulada: *O autor e a personagem na atividade estética*, a discussão fundamental entre autor-personagem como ponto de partida para definir sua

compreensão da noção de estilo. Situado em um viés literário, o teórico caracteriza a relação entre autor e personagem, como “*elementos correlativos do todo artístico da obra*” (2011, p.10), ressaltando que, é preciso examinar essa relação reconhecendo a reciprocidade inerente entre autor e personagem.

De acordo com Bakhtin (2011), durante o processo de criação artística, o autor exerce uma influência significativa sobre a obra a ser produzida, de maneira que suas ações e escolhas têm um impacto direto na elaboração das personagens, assim como as características e desenvolvimento desses personagens interferem nas decisões do autor. Dessa forma, essa dinâmica de atuação mútua entre autor e personagem ressalta a interdependência existente entre eles durante o processo criativo. Para entendermos essa interdependência, Bakhtin (2011) evidencia que é necessário explicar as características de cada um e desenvolver uma fórmula, mesmo que genérica, devido à complexidade que pode surgir diante do contexto específico de cada obra.

Como principal responsável por integrar e unificar os elementos de uma obra, o autor (criador) é definido por Bakhtin (2011, p.10) como “*o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra.*” Isso significa que o autor desempenha o papel principal em dar forma e coesão ao conjunto final da obra. Nesse contexto, especificamente, o autor encarrega-se da elaboração da personagem de forma coesa e dinâmica.

A figura da personagem, por sua vez, é caracterizada como “*portadora da unidade aberta do acontecimento vital*” (Bakhtin, 2011, p. 12). Diante dessa afirmação, compreende-se que o papel da personagem, embora mantenha uma relação com o autor, está sempre em uma instância superior a ele, de forma passiva. Ela, por si só, não pode atingir sua totalidade, pois depende do intermédio do autor para ser completada e ter sentido dentro da narrativa.

Em virtude das classificações acima apresentadas, é válido ressaltar que, embora possa parecer para o senso comum que a figura do autor e personagem sejam consideradas em uma totalidade única, tanto de formação quanto de sentidos, pode-se pensar que todo personagem é uma exteriorização do autor e vice-versa. No entanto, como já bem refletido por Bakhtin (2011), é preciso analisá-los em instâncias distintas, mas, não os separando totalmente, pois se completam a fim de alcançarem uma obra final. Desse modo, é interessante considerar que a relação entre autor-personagem se constitui de posições subordinadas, em que o papel do autor se consagra como o arquiteto da obra, pois ele redige a história, enquanto a personagem é passível de ganhar vida apenas quando posta na narrativa pelo autor.

Por conseguinte, durante o processo de criação artística o autor não se restringe aos detalhes específicos da personagem ou da trama. Uma vez que detém o poder de criação e direcionamento, ele transcende os seus elementos individuais da obra em favor da unidade total, unindo suas diversas particularidades em uma totalidade harmoniosa Bakhtin, 2010, p. 10:

Na medida em que nos compenetrarmos da personagem, esse todo que a conclui não pode ser dado de dentro dela em termos de princípio e ela não pode viver dele nem por ele guiar-se em seus vivenciamentos e ações, esse todo lhe chega de cima pra baixo – como um dom – de outra consciência ativa: da consciência criadora do autor.

A análise da transgressão dos elementos particulares do autor em relação à personagem revela um ponto importante: mesmo diante da separação individual entre autor e personagem, é evidente que a personagem não pode ser elaborada por si mesma. Ela surge a partir dos aspectos presentes nas vivências de seu criador, estabelecendo assim uma relação hierárquica. Dessa forma, podemos compreender que a ideia de que o “todo” que conclui a personagem não pode ser derivado de dentro dela mesma, mas é recebida de uma condição de “cima para baixo”, advinda da consciência criadora do autor. Portanto, este pensamento reitera que a personagem não possui uma independência completa; ela é moldada e influenciada pela visão e intenção do autor.

Nesse sentido, Bakhtin (2010, p. 11) ainda ressalta que “as afirmações do autor sobre a personagem abrangem e penetram as afirmações da personagem sobre si mesma”, isto é, mesmo que a personagem não possua uma autonomia absoluta, como ponderado anteriormente, ela ainda detém traços importantes a serem observados. Os pensamentos atribuídos à personagem pelo autor exercem um impacto significativo na forma como ela se expressa dentro da narrativa, fazendo com que as representações do autor para com a personagem influenciem diretamente a construção de sua identidade ao longo da história.

Tomemos como exemplo uma história em que uma personagem é retratada como destemida e perseverante. Mesmo que essas características não sejam explicitamente mencionadas na narrativa, elas podem influenciar na percepção e no comportamento da personagem. Nós, como leitores, percebemos essa descrição a ponto de nos identificarmos ou não com a personagem. Essa construção desenvolvida pelo autor é notável, pois não sabemos ao certo se essas características são inerentes à personagem ou refletem a individualidade do autor.

Portanto, ainda que a relação entre autor e personagem possa parecer unidirecional, é importante considerarmos que enquanto o autor dispõe de uma atuação determinadora sobre a personagem, a própria personagem também é passível de influência nos atos do autor à medida que a narrativa se desenvolve. Desse modo, podemos reconhecer que tal relação pode ser considerada

como dinâmica e recíproca, visto que as afirmações e representações do autor e personagem se adicionam para criar uma narrativa simétrica.

Retomando a figura do autor definida por Bakhtin (2011) como “*o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado*”, reconhecemos que o autor se caracteriza por ser um pilar na construção e finalização de uma personagem, visto que é considerado como uma figura dotada de uma consciência ativa que atribui vida e significado às suas criações. Isso destaca o papel essencial do autor no processo de composição artística, conforme bem ponderado por Bakhtin (2010, p.11):

O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse *excedente* de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra.

A partir dessa reflexão, podemos compreender que o autor assume uma posição de onisciência dentro do universo da obra. Além de desempenhar um papel ativo na elaboração das personagens, o autor possui uma visão que vai além dos elementos que compõem a imagem de cada personagem; ele detém uma perspectiva de mundo mais ampla e profunda do que os próprios componentes estruturais das personagens. Em outras palavras, a totalidade estética pertencente ao autor o coloca em um papel semelhante ao de um marionetista, pois é capaz de sistematizar os acontecimentos da narrativa de forma arquitetônica. Nesse sentido, as personagens estão sob o comando do autor, e ele, por meio de sua visão abrangente, elabora a obra de forma aprimorada.

Acrescenta-se ainda que podemos interpretar o “*excedente*” de conhecimento estável do autor como correspondente ao horizonte pessoal formado por suas experiências ao longo da vida, de maneira que essa bagagem influencia diretamente na moldagem e trajetória do destino de suas personagens. Em vista disso, mesmo que o processo técnico de produção das personagens precise seguir certos padrões, o autor, se vale de seu saber particular, para realizar de forma eficaz o acabamento da obra.

Nesse sentido, a relação entre autor-personagem pode ser compreendida por meio de uma “*fórmula geral da relação basilar esteticamente produtiva*” (p.12), a qual implica uma distância do autor-pessoa em relação à personagem, permitindo que ele explore todos os traços intrincados que compõe a personagem e que estão além de sua própria existência. Esse afastamento é necessário para que o autor possa conhecer a personagem em sua totalidade, e, assim, construir e executar adequadamente o planejamento de sua história.

Para isso, o criador deve ter cautela para não permitir que seus valores emocionais e pessoais se sobreponham completamente à vida das personagens, conforme reiterado por Bakhtin (2011, p. 13): “O autor vivencia a vida da personagem em categorias axiológicas inteiramente diversas daquelas em que vivencia sua própria vida e a vida de outras pessoas [...]”, isto é, esse vínculo deve ser mantido em um contexto distinto.

Ainda que seja essencial que o autor se coloque no lugar da personagem para concebê-la, é importante que ele não se identifique inteiramente com os significados singulares pertencentes à personagem.

Por vezes, essa é uma tarefa desafiadora, pois exige que o autor expresse os aspectos constitutivos da personagem sem projetar toda a sua bagagem experiencial sobre ela. Assim, é necessário encontrar um equilíbrio em que seja mantida a distância suficiente para preservar a particularidade da personagem e o envolvimento individual para dar significado à obra.

Diante dessa circunstância desafiadora em que o autor se encontra, para manter o espaço adequado de sua personagem e assegurar que sua criação estética não seja comprometida, ele se vale também de aspectos formais para evitar ultrapassar seu equilíbrio volátil-emocional e manter a originalidade da obra. Esses fatores são denominados por Bakhtin (2011, p. 16) como *elementos de acabamento*, a saber:

[...] o autor se contenta com pontos de apoio convencionais fora da sua personagem, os quais são elementos meramente técnicos e estreitamente formais da narração, da composição da obra; a obra acaba feita e não criada, e o estilo, como conjunto de procedimentos de acabamento vigorosos e convincentes, continua na maneira convencional.

Esses *pontos de apoio* asseguram o autor da preservação de sua originalidade criativa, visto que ao encaixar sua história nos moldes obrigatórios do campo da escrita, o autor é passível de perder parte de sua autenticidade e se tornar apenas um reprodutor de histórias fictícias. Embora o traço estilístico seja uma característica singular de cada autor e deva ser considerado um elemento criativo e artístico, haverá situações em que o autor se encontrará em uma posição “desesperadora” no processo de criação, ficando incerto sobre como finalizar a obra.

Isso pode resultar em dificuldades para encontrar uma solução coerente para a trama, levando-o a recorrer a desfechos forçados ou artificiais, baseados em componentes meramente técnicos e formais da narração, distanciando-se, assim, de um encerramento realmente criativo. Para evitar tal cenário, é imperioso que ele insira detalhes únicos à sua técnica de escrita, pois, aliados aos elementos formais, essas marcas transmitirão seu estilo característico.

2.2 A inter-relação entre estilo e gênero

Mediante o exposto, esclarecemos que fizemos esse recorte na discussão sobre os enunciados para demonstrar que o estilo, considerado um dos traços formadores dos gêneros discursivos, origina-se das observações realizadas por Bakhtin no campo literário. Então, isso nos comprova que o estilo são as escolhas que o falante faz a partir das possibilidades disponíveis no sistema linguístico, refletindo sua individualidade na escrita e tornando-a distintas de outras narrativas.

Diante dessa contextualização sob uma perspectiva literária, destacamos que agora seguiremos com um enfoque discursivo dos enunciados. De acordo com Bakhtin (2011, p. 265):

Todo enunciado oral e escrito –, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve) isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual.

Esse trecho evidencia a relação indissociável entre o estilo e o enunciado, uma vez que o estilo está sempre vinculado às formas típicas dos enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso (gêneros secundários). Tal vínculo possibilita a manifestação da individualidade do autor ou falante. No entanto, devido à heterogeneidade dos enunciados, nem todos os gêneros discursivos favorecem igualmente a manifestação desse estilo pessoal, pois enquanto alguns oferecem maior flexibilidade na expressão, outros são mais restritivos, devido às convenções e formalidades próprias da área de realização do gênero em questão.

É fundamental considerar a função dos gêneros, pois ela pode moldar a flexibilidade estilística. Na esfera jurídica, por exemplo, os gêneros associados a essa área exigem uma forma padronizada, com normas e convenções bastantes rigorosas, e a utilização de uma linguagem formal e técnica, com pouca variabilidade. Em contraste, na literatura ficcional, um dos objetivos centrais é a expressão do estilo individual, que se integra diretamente à estrutura do enunciado. Isso permite uma variedade de estruturas, incluindo formatos não lineares, e uma linguagem que pode ser adaptada a diferentes recursos literários.

O grau de flexibilidade para adaptações de estilo está relacionado às circunstâncias particulares de cada campo específico de atividade. Os gêneros estão vinculados a estilos específicos que se ajustam às condições de comunicação próprias de cada área, bem como apontado por Bakhtin (2011, p. 266): “Uma determinada função e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros [...]” Assim, a

maneira como um gênero é estruturado e utilizado é moldada pelas necessidades do campo ao qual pertence, resultando em padrões que refletem essas características específicas.

Desse modo, a função e o contexto discursivo geram tipos de enunciados que mantêm certa estabilidade em relação aos aspectos estilísticos, temáticos e composicionais. Além disso, o estilo não se separa dos outros aspectos fundamentais na formação dos gêneros do discurso: unidades temáticas e composicionais de um enunciado. Isso demonstra que o estilo está ligado à forma como o conteúdo é estruturado e finalizado, bem como a relação do falante entre os demais participantes da comunicação.

Para Bakhtin (2011, p. 266), “o estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento”, ou seja, é um componente essencial da estrutura e da identidade de um determinado gênero discursivo. O estilo influencia diretamente a construção do conjunto, os métodos de acabamento e as relações discursivas. Assim, mesmo em seu grau mais reduzido de flexibilidade, o estilo não pode ser dissociado da organização e dos elementos que compõem o enunciado dentro de um gênero específico.

Assim, é imperioso destacar que o fator sócio-histórico está intrinsecamente ligado à integração entre estilo e gênero. Ao longo da história, as formas como as pessoas se expressam (os estilos de linguagem) mudam junto com os tipos de discurso (esferas como o jornalismo, a literatura, as conversas, etc.). Tentar separar esses dois elementos pode atrapalhar a compreensão das transformações históricas que ocorreram nas atividades comunicativas.

Para Bakhtin (2011, p. 268), “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem.” Isso significa que funcionam como uma ponte que conecta a história da sociedade à história da linguagem, de modo que os gêneros discursivos refletem as mudanças sociodiscursivas e moldam a evolução da linguagem ao longo do tempo, transmitindo aspectos históricos e sociais e refletindo o que acontece na sociedade na forma como nos comunicamos.

Para exemplificar o conceito evidenciado pelo autor, podemos considerar a seara jornalística. No passado, o jornal impresso era produzido tradicionalmente com um estilo mais formal e estruturado, utilizava um vocabulário mais culto de modo a refletir o perfil dos leitores e o papel social do jornal como fonte confiável de informação. Os textos costumavam ser mais longos em um tom mais sério, detalhando o contexto e os antecedentes das notícias, a fim de fornecer uma visão completa dos fatos, com foco em dados e explicações.

Além disso, a estrutura organizacional era um elemento singular na produção dos jornais, seguindo o modelo da “pirâmide invertida”, no qual as informações mais importantes eram postas no início (quem, o que, quando, onde, por que), seguidas de detalhes e, por fim, informações complementares. Compreende-se que esse arquétipo era pensado para permitir que os leitores captassem rapidamente as informações essenciais, mesmo que não lessem o texto completo.

Após os anos 2000, com a propagação da internet, o jornalismo digital trouxe uma transformação marcante na maneira como as notícias são produzidas e veiculadas, resultando em mudanças significativas na linguagem. O tom mais sério e tradicional foi, em grande parte, substituído por um estilo mais ágil e direto, onde a rapidez na publicação das notícias se tornou um diferencial importante. O ambiente digital permite a transmissão de informações em tempo real, contrastando com a periodicidade fixa do jornal impresso.

A linguagem torna-se mais interativa, envolvendo o leitor diretamente por meio de comentários, enquetes e compartilhamento nas redes sociais, o que torna a comunicação mais dinâmica e participativa. Isso também modifica o tom da escrita, que pode se tornar mais informal em certos contextos. Além disso, os textos podem ser complementados por vídeos, imagens e infográficos, o que torna a linguagem escrita mais curta e objetiva, deixando que os recursos visuais expliquem parte do conteúdo.

Essa transformação é particularmente perceptível no jornalismo, conforme discutido por autores como Marcuschi (2008, p. 120), que analisa o jornal como um suporte que serve para abrigar ou fixar textos como livros e jornais – e os suportes incidentais, que são utilizados de maneira ocasional ou não planejada para esse fim. O autor ressalta que essa classificação ainda carece de maior clareza conceitual.

Já Bonini (2011, p. 682), argumenta que, com a ascensão das plataformas digitais, os gêneros jornalísticos passaram por um processo de reorganização, sendo profundamente impactados pelas práticas hipertextuais e multimodais. O jornalismo digital, ao incorporar diferentes linguagens e mídias, exige dos produtores de conteúdo novas estratégias discursivas capazes de captar e manter a atenção do leitor em um ambiente comunicacional marcado pela convergência e pela dinamicidade.

A partir desses breves levantamentos, é relevante destacar que a visão mencionada por Bakhtin (2011) — de que a evolução dos estilos de linguagem está atrelada às mudanças nos gêneros discursivos que usamos para nos comunicar — demonstra que as transformações em um influenciam e refletem as transformações no outro, mostrando como a comunicação e os fatores

sociais estão interligados. Com o impacto da era digital nas diversas áreas sociais, os jornais também precisaram se adaptar. Embora a popularidade do jornal impresso tenha diminuído com o crescimento do digital, ele ainda existe em seu formato original. No entanto, muitos jornais adotaram modelos híbridos, oferecendo edições online para complementar a versão impressa. Esses veículos ajustaram a estrutura tradicional para otimizar os recursos digitais disponíveis, permitindo a leitura em *smartphones* e maximizando o engajamento nas redes sociais.

Além das circunstâncias sociais, quando há modificações significativas nas formas de comunicação dos indivíduos para interagir socialmente, o uso de um estilo de linguagem em um gênero diferente não apenas altera a forma como esse estilo é percebido, mas também influencia e transforma o próprio gênero discursivo. Conforme Bakhtin (2011, p. 268), “a passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero”. Isto é, a interação entre os estilos e gêneros pode tanto preservar quanto modificar as formas de comunicação, e esse processo é fundamental para a evolução da linguagem e de suas formas de uso na sociedade.

Se um estilo específico for utilizado em um gênero diferente daquele para o qual foi originalmente criado, o “som” ou a aparência desse estilo muda. Por exemplo, um estilo de linguagem mais informal em um artigo acadêmico pode parecer inadequado e alterar a forma como o estilo é compreendido. Isso pode ter um impacto significativo no gênero, que pode perder suas características tradicionais e sua identidade, tornando-se algo menos sério e prestigiado.

No entanto, também é possível que o gênero seja revitalizado, como no caso dos jornais impressos, que se adaptaram às demandas sociais, trazendo novas formas de expressão e refletindo mudanças socioculturais. Em suma, a transferência de um estilo de um gênero para outro pode alterar a forma como o estilo é percebido e também transformar o gênero em si, seja anulando seus elementos tradicionais ou renovando-os como novas formas de expressão.

2.3 A unidade essencial da comunicação: O enunciado

Para Bakhtin (2011), o uso da linguagem sempre ocorre na forma de enunciados específicos, que podem ser falados ou escritos, e que são únicos a cada situação. Nesse sentido, esses enunciados são produzidos dentro de diferentes contextos das atividades humanas, e refletem as particularidades de cada um desses campos. Essas particularidades não se manifestam apenas no conteúdo (o que é dito) e no estilo (como é dito), mas também na elaboração do enunciado, ou seja, na forma como ele é organizado para atender aos objetivos de comunicação daquele contexto.

Nessa perspectiva, embora cada enunciado (uma expressão específica, seja falada ou escrita) seja proferido de maneira particular e única, os diferentes campos de uso da língua criam *tipos relativamente estáveis* de enunciados que são repetidos ao longo do tempo. A esse fenômeno, Bakhtin (2011) denominou de *gêneros do discurso*. Desse modo, os gêneros do discurso são formas que apresentam certos padrões de comunicação, surgindo e se mantendo dentro de esferas específicas da atividade humana, ajudando a organizar e a dar forma aos enunciados.

Apesar de ser um filósofo, Bakhtin (2011) tece questionamentos acerca do aspecto funcional da linguagem, argumentando que o estudo dos enunciados e dos gêneros discursivos é fundamental para superar as visões simplificadas sobre o discurso. Nesse sentido, ao focar no enunciado e nos gêneros, podemos compreender melhor como a comunicação opera na prática, indo além de uma visão puramente teórica da linguagem. Para ele, o enunciado caracteriza-se como a *unidade real da comunicação discursiva*, e seu estudo permitiria uma compreensão mais precisa da natureza das unidades da língua, como palavras e frases, visto que o enunciado reflete a aplicação prática dessas unidades na comunicação real.

Levando em consideração a natureza do enunciado como uma unidade real da comunicação discursiva, é crucial compreender que o discurso se concretiza através das enunciações específicas de falantes individuais. Diante desse contexto, evidencia-se que cada enunciado não apenas transmite uma mensagem, mas também reflete a identidade, a intenção e o contexto do falante.

Assim, a compreensão de um enunciado deve levar em conta não apenas o que é dito, mas quem diz, como e por que o diz. Isso pode enriquecer a análise do discurso, permitindo uma apreciação mais profunda das dinâmicas sociais e culturais em questão. Contudo, também pode trazer desafios, especialmente em situações onde a intenção do falante é obscura ou onde há barreiras de comunicação, como preconceitos ou mal-entendidos, que podem distorcer a recepção do enunciado. Diante disso, é válido abordar alguns aspectos fundamentais relacionados aos estudos do enunciado.

Prosseguindo com a discussão, para se obter um estudo eficaz do ato de uma comunicação discursiva, segundo Bakhtin (2011), é necessário considerar os participantes dessa interação. Ele ainda ressalta que a linguagem é frequentemente vista apenas do ponto de vista do falante, desconsiderando a importância dos outros envolvidos na situação comunicativa. Isso resulta em uma análise superficial, pois, quando o papel do “outro” é levado em consideração, geralmente é como um ouvinte passivo, que apenas compreende o que é dito, sem participar ativamente da comunicação.

Para compreender esse pensamento, Bakhtin (2011, p. 270) afirma que “o enunciado satisfaz ao seu objeto (isto é, ao conteúdo do pensamento enunciado) e ao próprio enunciador.” Ou seja, no que se refere à essência da linguagem, é fundamental compreender que o enunciado deve satisfazer tanto o seu objeto (o conteúdo do pensamento) quanto o enunciador (aquele que o expressa). Para isso, em sua essência, a língua necessita apenas de um falante e de um objeto de discurso para existir.

Diante disso, a comunicação, compreendida como um dos propósitos principais da linguagem, é considerada como um processo secundário da língua e não altera sua essência. Por essa razão, a função principal da língua é expressar o pensamento do enunciador sobre um determinado objeto, enquanto sua função comunicativa, embora importante, é vista como complementar a essa essência.

Para compreender a importância do “outro” na produção dos enunciados, é necessário destacar que essa abordagem não compromete a natureza linguística da língua. Isto é, considerar o enunciado como parte de uma relação dialógica – em que o sujeito se orienta responsivamente a um interlocutor – não invalida os aspectos estruturais e convencionais do sistema linguístico.

Conforme destaca Bakhtin (2011, p. 176), mesmo que a linguagem se manifeste em contextos plurais e socialmente marcados, com múltiplos sujeitos e vozes interagindo, isso não altera sua essência como um sistema de signos compartilhados. Assim, a perspectiva bakhtiniana, alarga a análise para além da forma e do conteúdo linguístico isolado, enfocando os modos como a língua se atualiza concretamente a partir das práticas sociais, sem, no entanto, desconsiderar sua base sistêmica.

Aliado a essa concepção, Cavalcante *et al.* (2019, p. 03) contribui para o aprofundamento dessa visão dialógica da linguagem ao afirmar que o texto deve ser compreendido como um enunciado que se realiza concretamente em uma situação enunciativa simulada.

Sob a perspectiva da Linguística Textual brasileira, o texto é entendido como um evento singular que integra diferentes sistemas semióticos, constituindo-se como uma unidade de comunicação e de produção de sentidos. Essa compreensão converge com a perspectiva de Bakhtin (2011), na medida em que reforça que tanto o falante quanto o ouvinte contribuem ativamente para o processo comunicativo. Cavalcante *et al.* (2019, p. 27) argumenta da seguinte forma:

Comungamos com o dialogismo bakhtiniano a ideia de que o texto acontece concretamente como evento enunciativo, mas pensamos que as relações de sentido que instituem o texto como unidade de coerência são construídos numa situação enunciativa imediata simulada, porque não se trata de sujeitos empíricos, num tempo e espaço físico real, mas de uma encenação criada pelo universo textual a cada vez.

A contextualização dessas ponderações são relevantes para compreender a concepção de base bakhtiniana sobre o papel do falante e do ouvinte na realização do enunciado. O aprofundamento teórico proposto por Cavalcante *et al.* (2019) é especialmente significativo nesse sentido, pois contribui para uma ampliação da noção de enunciado ao considerá-lo não apenas como produto, mas como acontecimento singular, constituído por múltiplos sistemas semióticos. Dessa forma, corroborando-nos com a visão interacional da linguagem, que se articula à concepção dialógica bakhtiniana, ao destacar que o sentido emerge da relação entre os interlocutores e das condições sociais em que o texto é produzido.

Visões como essa são capazes de capturar certos aspectos da realidade em determinadas situações, mas, quando se busca ir além desse quadro, visando o entendimento da dinâmica real da comunicação discursiva, elas se tornam inadequadas e até fantasiosas. Apesar de apresentar utilidade em certos casos, um modelo esquemático não reflete a totalidade concreta de uma interação, pois a comunicação envolve nuances que essas representações não conseguem abranger completamente.

Um exemplo que evidencia esse conceito pode ser observado em uma situação comunicativa educacional, como em uma sala de aula. Um exemplo que evidencia esse conceito pode ser observado em uma situação comunicativa educacional, como em uma sala de aula. Um exemplo contemporâneo que evidencia o conceito de comunicação em contextos educacionais pode ser observado na pesquisa de Salgado e Losano (2023). Neste estudo, as autoras investigam a interação comunicativa em aulas de Matemática, especialmente durante a implementação de cenários de investigação com foco em Educação Financeira.

Os resultados destacam como a comunicação entre professora e alunos se transforma ao longo do processo, promovendo uma cooperação investigativa que permite a negociação de significados matemáticos e a conexão desses conceitos com situações da vida cotidiana. Essa abordagem evidencia a importância de práticas comunicativas que valorizem a participação ativa dos alunos, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Nesse contexto, a dinâmica da comunicação pode ser esquematizada da seguinte maneira: os principais participantes são o professor (falante), que transmite informações aos alunos (ouvintes). No entanto, podemos inferir que essa representação idealizada ignora a complexidade da interação, considerando que os alunos não são meramente passivos; eles questionam, dialogam e interpretam com o conteúdo, além de compartilharem suas próprias experiências. Assim, é irreal

pensar em um controle integral do ouvinte, uma vez que a comunicação vai além do que é transmitido, envolvendo uma troca ativa que não pode ser retida por um esquema básico.

Seguindo esse viés, Bakhtin (2011, p. 271) destaca que o ouvinte desempenha um papel fundamental no processo comunicativo, desvinculando-se de uma posição passiva e assumindo uma postura responsiva em relação ao falante desde o início da interação, de modo que: “concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” A ação responsiva pode iniciar desde o momento em que o ouvinte começa a ouvir e compreender o discurso, com diversas possibilidades de respostas.

Diante disso, o ponto crucial é que a postura responsiva se desenvolve durante todo o processo de escuta e compreensão, evidenciando que o ato de ouvir envolve uma constante interação mental e participativa. Conforme Bakhtin (2011, p. 271):

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

Esse pensamento salienta a importância de entender o enunciado em sua totalidade, reconhecendo seu uso e o papel de seus constituintes. Assim, destaca-se que uma assimilação eficiente de um enunciado, inserido em um contexto de uma comunicação viva, é internamente de natureza ativa e responsiva. No momento em que o ouvinte, o “outro”, entende um discurso, é equivocado afirmar que ele será meramente um receptor passivo, pois de alguma forma, ele reagirá ao que está sendo dito. Consequentemente, não há como prever exatamente qual será sua reação, pois esta pode variar de acordo com diversos fatores presentes na situação comunicativa, mas ela sempre ocorrerá.

Nesse sentido, o ouvinte, por sua vez, acaba se tornando também um falante, pois sua compreensão o leva, eventualmente, a responder de alguma maneira. Assim, uma análise puramente passiva do ouvinte é apenas uma parte isolada de um processo maior e mais ativo, que se completa com a atuação do ouvinte quando responde ao discurso, seja verbalmente ou por meio de outra ação.

Ademais, Bakhtin (2011) argumenta que a compreensão plena e real é *ativamente responsiva* e envolve uma preparação para uma resposta, independentemente da forma como ocorra. Para o autor, em uma situação real de comunicação, o falante não espera que seu discurso seja apenas entendido de forma passiva, como uma simples repetição do seu pensamento por outra pessoa. Pelo contrário, ele espera uma resposta ativa do ouvinte, seja por meio de uma

concordância, discordância ou participação de alguma maneira. Portanto, o processo de comunicação é dialógico e interativo, envolvendo uma troca dinâmica entre os participantes.

Embora o falante seja considerado um ponto de partida para a análise dos enunciados, ele também é um *respondente*, pois nunca é o primeiro a falar em um contexto de comunicação. Quando inserido em um fluxo contínuo de discursos e enunciados que o precederam, o falante apoia-se tanto no sistema linguístico existente quanto em enunciados anteriores, sejam eles de outros ou dele próprio. Segundo Bakhtin (2011, p. 272), “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” Isto é, ele não surge isoladamente, mas faz parte de uma cadeia maior de enunciados que coparticipam entre si, formando uma rede de relações discursivas.

Frente a isso, a perspectiva bakhtiniana destaca a relevância de se analisar os sujeitos do discurso e seus enunciados, pois o discurso só pode existir na forma de um enunciado ligado a um sujeito específico, ou seja, há sempre um “dono” do discurso. Ainda que os enunciados possam variar em quantidade, conteúdo e estrutura, eles compartilham certas características comuns como unidades da comunicação discursiva.

A principal característica refere-se aos limites que são marcados pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela mudança de quem está falando. Essa demarcação ocorre por meio do início e do fim de cada enunciado, seja ele realizado em uma conversa cotidiana, ou em uma obra literária ou científica. Há uma relação intertextual em que o início de um enunciado está sempre inserido em um contexto no qual outros enunciados já foram proferidos e, ao final, espera-se que haja uma manifestação por parte do enunciado responsivo.

Segundo Bakhtin (2011, p. 275), “o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva.” Nesse sentido, a fala de alguém se encerra não como um evento isolado, mas como parte de um ciclo contínuo de comunicação, no qual o falante finaliza o seu enunciado para permitir a resposta de outros, seja verbal, em silêncio ou através de uma ação subsequente. Evidencia-se, portanto, o caráter interativo e dialogal da comunicação, em que cada fala está vinculada ao que foi dito anteriormente, formando uma corrente ininterrupta de enunciados.

Como uma *unidade real da comunicação*, o enunciado é concreto e não uma unidade abstrata ou arbitrária, sendo claramente delimitado pela alternância entre os sujeitos do discurso, ou seja, pela passagem da fala de um falante para outro. É importante ressaltar que essa alteração

ocorre de maneira perceptível, mesmo que o falante encerre sua comunicação de modo implícito, como através de sinais sutis que também indicam aos ouvintes que ele terminou.

Para prosseguir com essa questão, é importante observar como a *alternância dos sujeitos do discurso* não ocorre de forma uniforme, mas adapta-se a cada contexto comunicacional. Nos diversos campos da atividade humana, como nos diálogos – considerados uma forma clássica de comunicação discursiva – ou em reuniões formais, essa alternância assume diferentes formas e naturezas, adequando-se às condições específicas de cada interação. Portanto, o funcionamento do enunciado e da troca discursiva é flexível e depende tanto das condições do ambiente quanto do propósito comunicativo.

Apesar desse processo ser comumente explorado em interações orais, é crucial reconhecer que esse elemento não se limita a esses enunciados. Bakhtin (2011) menciona que as obras especializadas em gêneros científicos e artísticos, apesar de serem complexas, também revelam essa alternância. Assim como em uma conversa, uma obra está sempre aberta à resposta dos outros, que pode se manifestar de várias formas, como na influência que exerce sobre seus leitores ou nas críticas que recebe. Além disso, a compreensão ativa do público implica uma reação à obra, gerando novas interpretações e discussões, afastando-se da ideia de ser um elemento meramente isolado. Ela faz parte de uma cadeia de comunicação e está conectada a outros enunciados anteriores aos quais responde e a enunciados posteriores que surgem como respostas a ela.

Outro fator crucial ligado à alternância dos sujeitos refere-se à *conclusibilidade* do enunciado, resultante do momento em que o falante ou escritor expressou *tudo* o que queria naquele contexto específico. A partir dessa finalização, conseguimos perceber notoriamente o final de um enunciado, mesmo que nada tenha sido explicitado. Desse modo, essa conclusão é definida por categorias específicas da natureza do discurso.

Seguindo esse raciocínio, um critério essencial para identificar a *conclusibilidade* de um enunciado é a capacidade de gerar uma resposta, de *responder a ele*, seja em concordância, execução ou contestação. Conforme Bakhtin (2011, p.280). “alguma conclusibilidade é necessária para que se possa responder ao enunciado”, ou seja, ele só é considerado concluído quando o ouvinte ou leitor pode assumir uma postura responsiva a ele. Logo, a possibilidade dessa reação é o que determinará sua completude.

Para evitar o equívoco de igualar enunciado a oração, o analista do discurso reitera que não se trata apenas da compreensão gramatical do enunciado, pois isso não seria critério suficiente para provocar uma atitude responsiva, seria compreensível mas ainda não seria *tudo* – *indício da*

inteireza do enunciado -. Mesmo que uma frase tenha sentido claro e completo, ela não é um enunciado conclusivo por si só, já que pode não gerar uma resposta. Dessa forma, além de ser compreensível, para definir sua conclusibilidade, o enunciado deve alcançar uma conclusão que permita ao outro reagir de forma ativa.

Com base nessa perspectiva, o conceito de *inteireza* do enunciado refere-se à possibilidade de uma resposta e, por isso, não se limita a aspectos puramente gramaticais ou semânticos. Assim, envolve três elementos interligados, consistindo em uma combinação da exaustividade do sentido, da vontade de comunicação do falante e das formas típicas de gênero que moldam sua estrutura. Esses critérios garantem a completude e compõe o enunciado como um todo orgânico.

A fim de enriquecer a análise, apresentaremos as três definições mencionadas por Bakhtin (2011) a respeito da *inteireza* do enunciado. São elas:

- 1) exauribilidade semântico – objetual do tema do enunciado: refere-se à capacidade de esgotar o significado de um tema em um determinado contexto discursivo, variando conforme o campo que se insere. Em contextos altamente padronizados, como ordens militares, a exauribilidade é total, resultando em enunciados formulados de maneira a não deixar espaço para interpretações ou expressões criativas. Em contrapartida, em áreas criativas, como na arte ou na literatura, a exauribilidade é mais relativa, com uma "completude" temporária que depende de fatores contextuais, como a intenção do autor, o material apresentado e as condições específicas da interação. Em suma, enfatiza-se o modo como a forma e a finalidade dos enunciados variam conforme o contexto.
- 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante: essa ideia enfatiza que, em cada enunciado – seja uma simples resposta em uma conversa cotidiana ou uma obra complexa – captamos e interpretamos a *intenção discursiva* ou *vontade discursiva*. A ideia do falante não apenas orienta a seleção do tema a ser abordado, mas também estabelece a exauribilidade do significado desse tema. Além disso, esse *momento subjetivo do enunciado* influencia a escolha do gênero em que o enunciado será elaborado, refletindo a maneira como a comunicação se estrutura dentro de contextos específicos.
- 3) formas típicas composicionais de gênero do acabamento: essa categoria se refere às *formas estáveis de gênero* do enunciado, evidenciando que, a comunicação humana é mediada por gêneros do discurso, que são estruturas típicas que moldam a construção dos enunciados. Nesse sentido, cada enunciado que produzimos segue padrões relativamente estáveis, que podem ser observados tanto em contextos orais quanto escritos. Contamos

com um amplo repertório de gêneros que utilizamos de maneira natural no dia a dia, mas muitas vezes não temos consciência teórica dessas formas ou de sua existência.

A partir dessas reflexões, é fundamental reconhecer que a compreensão dos enunciados como *unidade real da comunicação*, envolve uma análise ampla que abrange a exauribilidade semântico-objetal, a vontade discursiva do falante e as formas típicas composicionais do gênero. Juntas, essas definições são essenciais para definir um aparato teórico-metodológico que não apenas elucida como a comunicação se adapta a diferentes contextos, mas também destaca a importância da intenção e da estrutura na construção do sentido na produção de enunciados.

Diante da complexidade da comunicação, a definição de gêneros se torna central, uma vez que esses formatos discursivos moldam não apenas a produção de enunciados, mas também a compreensão e a dinâmica das interações. Os gêneros do discurso são construídos e reproduzidos por meio de interações concretas no cotidiano, em que ouvimos e utilizamos esses gêneros em nossa comunicação viva com os outros.

Nesse sentido, ressalta-se que a familiaridade com os gêneros é adquirida através da prática e da experiência social, antes mesmo de uma análise teórica. Segundo a abordagem de Bakhtin (2011, p. 283):

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma determinada extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala.

O trecho acima evidencia que assim como aprendemos a formar frases de acordo com as normas sintáticas, também nos familiarizamos com diferentes gêneros, que nos ajudam a organizar nossas ideias durante a interação. Essa habilidade nos proporciona um entendimento mais fluido da comunicação, pois nos facilita a decifrar a intenção do falante e a adequar a nossa própria resposta.

A ressalva sobre o aspecto familiar que temos com os gêneros é de suma relevância para os estudos genéricos. No entanto, ponderamos que a capacidade de previsão pode ser limitada em contextos que desafiam as convenções tradicionais, os quais exigem que os interlocutores estejam abertos a novas interpretações e formatos. Como exemplo, podemos citar as performances das artes contemporâneas, nas quais os artistas muitas vezes rompem com os formatos convencionais de apresentação e comunicação, utilizando linguagem não verbal, interações inesperadas e elementos multissensoriais.

Isso pode criar um espaço onde o público não consegue antecipar o gênero da obra, exigindo uma nova forma de interpretação e compreensão que vai além das categorias tradicionais.

Em virtude da importância dos gêneros do discurso, é possível afirmar que, sem eles, a comunicação discursiva se tornaria quase inviável. Isso ocorre porque a tarefa de construir cada enunciado do zero em toda interação discursiva tornaria o processo extremamente incerto. Os gêneros do discurso funcionam como moldes que organizam e dão forma à nossa fala e escrita, facilitando a comunicação. Tendo em vista que sem determinados padrões, seria necessário criar estruturas a cada vez que nos comunicássemos, o que prejudicaria a eficácia das interações sociais.

Bakhtin (2011, p. 283) “as formas de gênero, nas quais moldamos o nosso discurso, diferem substancialmente, é claro, das formas da língua no sentido da sua estabilidade e da sua coerção.” Isto é, quando se trata da moldagem do discurso, as formas de gênero desempenham um papel crucial, diferenciando-se significativamente das formas gramaticais em termos de estabilidade e imposição sobre o falante. Enquanto as formas da língua (como regras gramaticais) são rígidas e de cumprimento obrigatório, as formas de gênero são mais flexíveis, permitindo maior variação. No entanto, há gêneros tão padronizados no cotidiano que o espaço para a individualidade do falante é restrito, sendo exercido principalmente na escolha de um gênero específico e na maneira como ele expressa suas intenções através da entonação.

A partir das ponderações de Bakhtin (2011), é perceptível que embora os gêneros discursivos sejam diversos e ofereçam espaço para variações, o grau de formalidade e padronização de determinadas situações comunicativas pode limitar a criatividade e a individualidade do falante. Assim, em contextos mais padronizados, como interações formais, os gêneros tendem a seguir normas mais rígidas, limitando a expressividade do falante. Já em contextos menos formais, existe maior flexibilidade para a adaptação do gênero, permitindo que o falante introduza nuances pessoais, o que exemplifica a capacidade dos gêneros de atender às diversas necessidades da comunicação.

Ademais, à medida que aprimoramos nossa compreensão dos gêneros discursivos, observamos que esse domínio não apenas favorece a clareza na comunicação, mas também permite uma expressão mais autêntica do falante (onde é possível). Bakhtin (2011, p. 285) esclarece essa ideia da seguinte forma: “os gêneros do discurso: estes são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto as formas da língua.” Sem o entendimento dos gêneros, mesmo um domínio técnico da língua pode se tornar insuficiente para garantir uma interação clara e significativa.

Em suma, a eficácia da comunicação não reside apenas na escolha adequada das palavras ou na correção gramatical, mas também na capacidade de reconhecer e utilizar os gêneros apropriados para cada situação. A compreensão mútua, portanto, é facilitada pela habilidade de navegar entre diferentes gêneros e aplicar as formas da língua de maneira contextualizada. Essa interdependência ressalta a importância de um aprendizado que não apenas ensine as regras da língua, mas também desenvolva a sensibilidade para os contextos discursivos em que essas regras são aplicadas.

Dessa forma, cada enunciado desempenha um papel vital como elo na cadeia da comunicação discursiva, interligando-se a outros enunciados dentro de um contexto específico e fazendo parte dos gêneros do discurso. Os limites de um enunciado são moldados pela alternância dos sujeitos envolvidos na interação, o que implica que cada mensagem não é independente, mas sim parte de um sistema dinâmico onde os significados são constantemente negociados.

Essa interdependência revela que os enunciados refletem e se reconhecem mutuamente, destacando a importância do contexto na construção do significado. Assim, a compreensão efetiva da comunicação requer uma análise atenta das relações entre os enunciados e a forma como eles se inserem nos diferentes gêneros do discurso.

Neste tópico, apresentamos o aspecto norteador da definição, segundo Bakhtin (2011), *formas relativamente estáveis de enunciados*: os gêneros do discurso. Fizemos esse percurso visando aprofundar nossa pesquisa e ressaltar as importantes contribuições do teórico para os estudos dos gêneros.⁵

2.4 Das primeiras concepções às novas perspectivas

Nas últimas décadas, os estudos sobre os gêneros ganharam destaque no campo da Linguística Textual da Análise do Discurso e dos Estudos Retóricos dos Gêneros, especialmente pela sua relevância na compreensão das práticas comunicativas em diferentes esferas da vida social. O interesse por esses padrões recorrentes não se limitam à estruturação de textos, mas envolve também os contextos de uso, os objetivos comunicativos e as condições de produção. Nesse cenário, torna-se essencial recorrer aos fundamentos teóricos que deram origem a essa abordagem, sobretudo na perspectiva teórica do dialogismo.

O teórico Mikhail Bakhtin foi o grande precursor da contemporaneidade nos estudos dos gêneros do discurso. Para ele, as atividades humanas são ligadas ao uso da linguagem, e a realização do funcionamento da língua se efetiva através de enunciados, os quais eram compostos

5 O estudo dos gêneros, na área da Linguística Textual e dos estudos do discurso, refere-se à investigação das formas recorrentes de enunciação socialmente reconhecíveis e tipificadas, considerando aspectos socioculturais, estruturais, funcionais, históricos e situacionais.

por uma tríade – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional –, a qual evidencia as situações específicas de uso e o projeto de discurso que as orienta. O autor esclarece da seguinte forma – Bakhtin (2006, p. 261-262):

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Os gêneros do discurso seguem um padrão estrutural, uma vez inseridos em um contexto social, as situações comunicativas de cada campo podem apresentar-se de maneira diferente, ocasionando mudanças. Associado a essa perspectiva, Bakhtin (2011) falava na reelaboração dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos, logo, os gêneros não podem ser concebidos como estáticos, mas, convenientes à mudanças.

O autor salienta que os gêneros possuem determinada heterogeneidade, para ele os gêneros do discurso se classificam em: gêneros primários (simples) e gêneros (complexos) - Bakhtin (2006, p. 263):

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) - artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata.

Podemos perceber que os gêneros do discurso integravam, predominantemente, o campo literário e eram analisados de acordo com as circunstâncias dessa área. Compreendemos a importância dessa concepção para os estudos linguísticos. Os gêneros estão diretamente ligados às atividades comunicativas cotidianas dos indivíduos socialmente e culturalmente. Com o avanço das tecnologias, particularmente na área da comunicação, tivemos o aumento e a diversificação dos gêneros, impulsionados pelas novas formas de interação que transformam continuamente as práticas discursivas.

Marcuschi (2008) destaca que a emergência dos gêneros está diretamente ligada às mudanças nos suportes, que ampliam as possibilidades de produção e circulação dos textos. Bonini (2011), por sua vez, enfatiza a ideia de hipergêneros como agrupamentos de gêneros que surgem para atender demandas discursivas complexas e multifacetadas.

Contemporaneamente, Paveau (2021) amplia essa discussão ao investigar a circulação e pontua a existência de tecnogêneros no ambiente online pontuando que a hibridização entre o linguístico e o tecnológico.

Apesar de compreendermos que a instantaneidade digital proporcionou essas mudanças, não é tão simples afirmar que houve, de forma linear, um aumento ou uma diversificação dos gêneros. Na verdade, consideramos que as demandas comunicativas mudaram, o que não apenas transformou os gêneros já existentes, mas também gerou a necessidade de criação de novos gêneros. Nesse panorama, refletem-se as complexidades do ambiente comunicacional contemporâneo e a influência direta desse contexto na evolução dos gêneros. Por essa razão, destacamos que tal mensuração é complexa e difícil de ser realizada com precisão.

Faz-se necessário que os estudos analíticos se adaptem a esse novo meio social. É sobre esse aspecto contemporâneo que Marcuschi (2003, p. 01) enfatiza:

Os gêneros são caracterizados como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

A partir disso, o autor evidencia a importância de analisar a prática dos gêneros concentrando-se em sua função comunicativa, cognitiva e institucional e não somente em sua parte linguística e estrutural. É importante salientar que, para o autor, o surgimento de novos gêneros não é consequência direta da tecnologia, definindo-a como um meio para intensificar as comunicações entre os indivíduos que resultará na propagação de novos gêneros.

Em contrapartida, apesar da assertiva de Marcuschi (2003), que caracteriza os gêneros como eventos textuais altamente maleáveis e associados às necessidades socioculturais quanto às inovações tecnológicas – o que sugere um crescimento significativo na quantidade de gêneros em comparação com sociedades anteriores à comunicação escrita –, consideramos desafiador prever ou quantificar esse aumento de forma precisa.

Assim, optamos por enfatizar a noção de variação, mudanças e permanências nos gêneros, reconhecendo sua constante adaptação e transformação ao longo do tempo, sem, no entanto, comprometermos a posicionarmos-nos especificamente sobre a quantidade desses gêneros.

Em seu estudo, o autor atribui dois termos distintos para a sua análise: *tipos textuais e gêneros textuais*. Neste estudo, focaremos na noção de gêneros textuais, a qual o autor esclarece – Marcuschi (2003, p. 04):

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. [...] Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso,

outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa o espontânea, conferência, carta eletr nica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Para o autor, os gêneros são entidades comunicativas, que cumprem fun es sócio-comunicativas, seguidos de uma organiza o em sua forma, constituída por aspectos como: canal, estilo, conteúdo, composi o e fun o. Seu posicionamento teve uma grande contribui o para os estudos genéricos em Linguística Textual, mediante concep es que buscam definir os gêneros predominantemente por aspectos restritos. Para Marcuschi (2003), os gêneros são “formas verbais de a o social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Devemos reconhecer que os gêneros fazem parte da atividade humana, atuando como instrumentos de comunica o que refletem a diversidade e a complexidade das intera es sociais.

Sob essa perspectiva, outro aspecto categórico na compreensão dos gêneros diz respeito a seus suportes, os quais atuam como materializadores do gênero.

Segundo Marcuschi (2003, p. 08), o suporte refere-se ao “*l cus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixa o do gênero materializado como texto.” O autor utiliza o termo *suporte incidental* para referir-se a duas classifica es de suporte: a) *suportes convencionais*: “foram elaborados tendo em vista uma fun o de suportarem ou fixarem textos.” (2008, p. 177); e b) *suportes incidentais*: “operam como suportes ocasionais ou eventuais” e que apresentam “uma possibilidade ilimitada de realiza es na rela o com os textos escritos” (2008, p. 177). A principal diferencia o, entre as duas categorias,   a de que o suporte incidental não tem como objetivo principal a realiza o dos gêneros, como   o caso do suporte convencional.

Tomemos como exemplo um muro ou parede que, a princípio, tem como finalidade ser um suporte estrutural e de separa o física entre espaços, dando estabilidade às obras arquitet nicas. Por vezes, as paredes urbanas são preenchidas por artes popularmente conhecidas como grafite, uma expressão artística desenvolvida pelos grafiteiros em locais de acesso público. Eles fazem o uso predominantemente de muros e paredes para transmitirem mensagens sociais, políticas ou culturais, como também promovem reflexões acerca da realidade social através de suas obras. Por meio de tinta em spray, criam desenhos, pinturas e até elaboradas ilustra es. Neste caso, podemos compreender que a utiliza o do muro/parede configura-se como um suporte incidental, pois passou a ter funcionalidade de portar textos.

Já a elabora o de um outdoor, pensado para o campo da publicidade, tem como principal propósito ser uma estrutura de grande formato projetada para chamar a aten o do leitor, com transmissões de marketing, promo es de produtos, vendas ou quaisquer comunicados que o

anunciante deseje destacar. Assim sendo, a concepção de um outdoor pode ser definida como um suporte convencional por desempenhar a função de comunicação através de elementos textuais, atuando sobretudo como fixador de textos.

A noção de suporte mencionada por Marcuschi (2003, 2008), evidencia a inseparabilidade entre a forma do gênero e o ambiente que o abriga, apontando que o suporte não é apenas um componente passivo, mas uma parte essencial para a manifestação do texto. Além disso, podemos compreender que, a interdependência entre a forma textual e o meio no qual ela se desenvolve exerce influência considerável na construção e interpretação dos gêneros. Marcuschi (2003) nos apresenta uma compreensão mais ampla do suporte e fomenta que se deve considerar não apenas o conteúdo textual, mas também o contexto no qual ele se insere, visto que o tipo de suporte permitido pelo gênero também necessita do contexto sócio-histórico.

Posto isto, ponderamos a importância das práticas sociais na formação de gêneros, uma vez que são produtos ligados às interações e contextos sociais. Ao analisar as práticas sociais como constituinte na composição dos gêneros, conseguimos identificar padrões de comunicação, convenções linguísticas e normas culturais que operam na criação e evolução dos gêneros. Desta maneira, para nos debruçarmos em análises genéricas, é preciso nos atentar para as mudanças sociais desencadeadas devido a diversas condições sociais.

Com a ascensão do ambiente digital, houve uma série de mudanças relevantes nas práticas sociais, modificando a forma como interagimos, compartilhamos informações e nos engajamos socialmente. Uma das transformações mais notáveis se refere ao modo de comunicação, em que as redes sociais, mensagens instantâneas e plataformas online alteraram a dinâmica da interação humana, em virtude disso, a instantaneidade e a acessibilidade proporcionada por essa era redefiniram as noções de tempo e espaço. Destacamos que a noção de suporte em relação ao ambiente digital adotada nesta dissertação será discutida nos capítulos posteriores.

Destarte, em uma tentativa de tecer considerações atuais à noção de suporte, considerando o atual cenário digital, julgamos relevante abordar a visão ecológica mencionada por Paveau (2021, p. 31), a qual propõe reconhecer “o papel dos agentes não humanos nas produções languageiras.” A analista do discurso pondera a importância dos estudos linguistas transcenderem a concepção de que as ferramentas tecnológicas sejam concebidas como elementos extralinguísticos, visto que a maneira como nos comunicamos no ambiente digital é construída não apenas pela linguagem que escolhemos, mas também pelas limitações e possibilidades técnicas das plataformas que usamos.

Para Paveau (2021) a hibridização entre o linguístico e o técnico é situada dentro de uma perspectiva pós-dualista da linguagem, a saber: “essa abordagem supõe vínculos entre o humano e o não humano que vão além do simples de uso de objetos para levar em conta realidades sociais verdadeiramente híbridas.” (p.119) Dessa maneira, a autora emprega o termo *compósito* para referir-se à presença simultânea do elemento linguístico e do componente técnico, considerando que, de agora em diante, as análises devem ser direcionadas para as interações conjuntas desses elementos.

Vale destacar que, para analisar as atividades linguísticas e tecnológicas no ambiente digital, Paveau (2021) concentra suas investigações dentro do domínio da Análise do Discurso. As suas contribuições são relevantes para o presente estudo, situado na área da Linguística Textual, pelo motivo de reconhecermos a influência da ascensão digital sobre nossa comunicação. Além disso, ressaltamos a necessidade de transcender a perspectiva restrita da língua nos estudos linguísticos, avançando assim em novas análises.

Cavalcante (2012, p. 44-45) destaca que cada gênero possui um objetivo específico em determinada situação social, o que evidencia a existência de um propósito comunicativo direcionado. A autora afirma que “o indivíduo possui algumas alternativas de comunicação, com um padrão textual e discursivo socialmente reconhecido, isto é, um gênero do discurso que é adequado ao propósito em questão”. Essa reflexão é relevante, pois evidencia que os indivíduos interagem de maneiras distintas, adaptando seus atos comunicativos conforme seus objetivos. Desse modo, compreende-se que os gêneros não se concretizam como estruturas fixas ou engessadas, uma vez que devem acompanhar a dinamicidade própria das atividades sociocomunicativas.

Ainda em relação a compreensão dos propósitos comunicativos dos gêneros, corroboramos com Cavalcante *et al.* (2022, p. 160), ao afirmarem que a escolha do gênero pelo locutor está diretamente relacionada às suas intenções comunicativas, sendo guiada pelos efeitos que deseja provocar no interlocutor. A autora reitera que, diante de um propósito comunicativo, os gêneros podem se modificar de acordo com a situação imediata da comunicação, considerando os elementos socioculturais envolvidos e as necessidades específicas de cada contexto. Cavalcante (2012) também ressalta que essas variações podem ser observadas por meio da modalidade (oral ou escrita), do grau de formalidade, da possibilidade de participação simultânea entre os interlocutores, entre outros aspectos (p. 46).

Ante o exposto, nós entendemos os gêneros como formas que podem sofrer alterações diante de determinada situação comunicativa, considerando o cenário em que os indivíduos dialogam. Para isso, o propósito comunicativo deve ser considerado dentre os aspectos analíticos que constituem os gêneros.

Em consonância com Cavalcante *et al.* (2022, p. 159), “os gêneros são considerados como *padrões de textos relativamente estáveis*” que compartilham características comuns, como estrutura, linguagem adequada ao propósito comunicativo e função social, atendendo às expectativas e convenções da comunidade em que se inserem. Esses gêneros incluem variedades como cartas, notícias, ensaios, entre outros, cada qual com suas particularidades e com a possibilidade de se adequarem a diferentes contextos e propósitos.

A recorrência na produção de textos nos leva a compreender que há certa regularidade nos padrões textuais, os quais se tornam estruturados e convencionais. Com base na visão dialógica bakhtiniana, Cavalcante *et al.* (2022) afirmam que “os gêneros são padrões de textos relativamente estáveis”, evidenciando que essa constância textual favorece a estabilização das formas comunicativas. É por meio dos gêneros que nos comunicamos, atuamos socialmente e alcançamos objetivos interacionais.

Ao lançar mão de um determinado gênero, o locutor aciona um conjunto de expectativas compartilhadas socialmente, o que contribui para a eficácia da comunicação. No entanto, essa estabilidade convive com a possibilidade de variações, já que os gêneros são moldados pelas circunstâncias em que são empregados, pelos sujeitos envolvidos e pelas transformações sociais e tecnológicas que afetam os modos de dizer.

Ressaltamos que, apesar de os gêneros possuírem certa estabilidade em sua formação, não devem ser analisados exclusivamente sob uma perspectiva formal. Embora apresentem elementos estruturais como organização composicional, estilo e nível de formalidade, é fundamental compreender que sua constituição está ancorada em fatores sócio-históricos e culturais. Conforme Bazerman (2006, p. 23): “os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos.”

Em uma nova visão acerca da concepção de gêneros Cavalcante *et al.* (2022, p. 174) afirmam que: “não é o texto que é relativamente estável, mas o gênero. Todo texto se enquadra num dado padrão estabilizado, mas desestabilizável, de gênero, que reflete as práticas sociais em que o enunciado se efetiva”. Ou seja, os textos participam dos gêneros, mas não devem ser tratados como

elementos consolidados nos gêneros, já que o gênero não comporta somente o acontecimento do texto, pois é reconhecível por práticas discursivas que se tipificam.

Diante dessas novas considerações, contemplamos o nosso posicionamento a respeito do que compreendemos como texto. Conforme Cavalcante *et al.* (2022) o texto é “uma unidade de comunicação e de sentido em contexto (ADAM, 2019). Para a autora, o texto é considerado com um evento comunicativo, único e irrepetível, manifestando-se de forma inédita a cada enunciação em um contexto comunicativo específico. (Cavalcante *et al.*, 2019)

Essas considerações são significativas para a adoção de uma abordagem atualizada na compreensão dos gêneros. Sugerimos que os gêneros sejam concebidos para além de sua orientação estrutural, uma vez que sua análise não deve ser circunscrita por uma perspectiva inflexível. As propriedades formais desempenham papel crucial na análise, contudo, sublinhamos que, em virtude de sua natureza dinâmica, os textos não devem ser concebidos como entidades estáticas, sendo ponderados pelo critério de participação na realização dos gêneros.

Conforme Derrida (1980: 65), “todo texto participa de um ou de vários gêneros, não há texto sem gênero; sempre há um gênero e gêneros, contudo, essa participação nunca resulta em pertença.” Podemos destacar que a inseparabilidade entre texto e gênero revela o caráter intrínseco de ligação, do texto, a um ou vários gêneros. Desse modo, a ideia de que os textos participam dos gêneros subtraindo a de pertença, sugere uma dinâmica mais fluida, indicando que os textos podem transcender categorias fixas, expandindo-se para interações complexas com diversos gêneros. Isso instiga a reflexão sobre a natureza dinâmica e multifacetada dos gêneros, desafiando a concepção estática e delimitada das fronteiras genéricas.

Para Bezerra (2022, p. 45, apud Bazerman, 2006), não se deve afirmar que “um texto ‘pertence’ a um gênero”, pois o gênero não se circunscreve ao texto – ele opera mais como *frames* para uma ação social, moldando as comunicações através das quais interagimos. Consentimos com a visão do autor, em razão de entendermos que os gêneros atuam como molduras que orientam e dão significado às interações. Além disso, destaca-se a relevância de examinarmos a inter-relação entre os gêneros e a ação social, e como eles moldam e são moldados pela interação humana.

Salientamos que esta nossa consideração não é uma recusa à relevância dos componentes basilares, mas representa uma iniciativa de lançar uma visão mais abrangente acerca da concepção de gêneros. Tendo exposto isso, é ainda necessário explorar os aspectos formais dos gêneros; entretanto, essa análise deve ser conduzida perante um viés por meio de uma abordagem para além de sua estruturação, abrangendo, também, fatores operacionais.

Adam (2019) ressalta a natureza mutável dos gêneros, propondo uma abordagem discursiva para a análise genérica, que examina os gêneros sob a ótica verbal. Nesse contexto, o autor evidencia seu interesse em examiná-los focando na sua efetivação social por meio da fala, optando por denominá-los como “gêneros do discurso” em detrimento de “gêneros textuais”.

Diferentemente da noção de Adam (2019), que, sob uma abordagem discursiva, foca nos gêneros enquanto “gêneros do discurso”, enfatizando sua efetivação social por meio da fala, defendemos que, a partir da perspectiva da Linguística Textual, não nos restringimos apenas aos gêneros discursivos, mas também analisamos os gêneros e seus textos em suas diversas manifestações, considerando a pluralidade dos suportes e contextos comunicativos.

O posicionamento de Adam (2019) em relação aos gêneros do discurso foi profundamente influenciado pela perspectiva genérica delineada por Bakhtin (1984, p. 266), que os concebe como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. O que desperta maior interesse, conforme a visão de Adam (2019), é a capacidade de Bakhtin (1984) de ir além dos limites convencionais da competência linguística dos sujeitos, expandindo a análise para além da unidade da frase. Isso não apenas desafia as fronteiras tradicionais da linguística, mas também sugere uma compreensão mais abrangente e integrada da linguagem, incorporando os aspectos sociais e contextuais da comunicação.

Essa abordagem foi de grande relevância para o projeto de linguística textual liderado por Adam na década de 80, que se concentrou no contexto francófono. Nesse ínterim, como realçado pelo linguista francês, destaca-se a contribuição relevante para a percepção dos gêneros discursivos. Adam (201, p. 25), por sua vez, tece considerações significativas, da seguinte maneira:

Se falam de ‘tipos relativamente estáveis de enunciados’, seus escritos insistem na extrema mobilidade e na diversidade das réplicas breves, do diálogo cotidiano, da narrativa familiar e da carta, que são consideradas como gêneros elementares do discurso cotidiano.

A reflexão apresentada por Adam (2019), enfatiza a complexidade da dinamicidade e variabilidade presentes nos gêneros, reconhecendo que há a coexistência de elementos estáveis e fluídos na compreensão dos gêneros, demonstrando que a realidade cotidiana da prática dos gêneros, envolve uma notável diversidade e adaptabilidade.

Na esteira dos estudos genéricos, há abordagens que destacam o aspecto social e cognitivo como uma condição pertinente, reconhecendo a amplitude e a profundidade da influência dos gêneros em diferentes dimensões de nossa existência. De acordo com Bazerman (2006, p. 23): “Os gêneros não são apenas formas. Eles são formas de vida, modos de ser. São *frames* para a ação social [...]”. Isto é, sugere-se que eles transcendem categorizações textuais, permeando nossa

experiência cotidiana e moldando nossa identidade. Ao considerá-los como enquadres para a ação social, evidencia-se sua função organizadora na interação humana, tornando possível que a comunicação seja reconhecível e eficaz.

Além disso, Bazerman (2006) ainda destaca outro ponto importante para essa concepção, a de que os gêneros moldam nosso pensamento e conseqüentemente nossa comunicação. Essa é uma compreensão relevante, pois aponta para o mérito profundo que os gêneros exercem em nossa cognição e expressão verbal, sugerindo uma interconexão entre a forma como pensamos e nos comunicamos dentro de contextos específicos.

Quando o indivíduo se integra socialmente, ele passa a usufruir de possibilidades para adquirir competência comportamental e realizar seus propósitos. Essas diretrizes, muitas vezes implícitas, atuam como guias para o comportamento aceitável e contribuem para a ordem e estabilidade dentro de um grupo. Ao seguir tais normas, os indivíduos facilitam a comunicação, minimizam conflitos e estabelecem uma coexistência harmoniosa.

Ainda sobre a perspectiva mencionada por Bazerman (2006) de que os gêneros são como *frames* para a ação social, provinda do ponto de vista abordado por Swales (2004, p. 62), vale ressaltar a observação feita pelo autor de que, o gênero como *frame* ofereceria apenas uma parte do que pode ser necessário para a ação comunicativa. Swales (2009, p. 62) ainda pontua que “em nossa ignorância podemos escolher o enquadre errado.” Isto significa que, uma vez em que temos conhecimento sobre determinado contexto ou propósito, há o risco de optarmos por um enquadre inadequado. A escolha equivocada de um gênero pode resultar em mal-entendidos, imprecisões na comunicação ou até mesmo na impropriedade do discurso à situação comunicativa.

O exercício da escolha do gênero por parte do falante não se dá em um domínio totalmente livre, uma vez que diversos contextos impõem regras e convenções preexistentes que delimitam as opções disponíveis. Assim, é imprescindível reconhecer a importância do discernimento prévio e da consciência situacional na tomada de decisões acerca dos gêneros, sabendo reconhecer a situação comunicativa vigente para obter êxito na distinção do gênero condizente com o propósito a ser alcançado.

Em relação a essa questão, Bezerra (2022, p. 49) frisa que: “é mais provável os gêneros nos escolherem, por assim dizer, ou já estarem escolhidos por nós e para nós.” Em certas situações comunicativas, há padrões específicos, convencionados culturalmente e socialmente. Essas normas orientam a escolha do gênero, bem como delineiam as características formais e funcionais que o texto deve incorporar. Desse modo, a autonomia do falante em relação a seleção de determinado

gênero é, em muitos casos, restringida pelas possibilidades normativas vigentes, demandando que o falante se ajuste a parâmetros predefinidos coletivamente.

Sob esse olhar crítico e social, Carolyn Miller (2012) considera que os gêneros são como a ação social, sendo respostas a situações sociais retoricamente recorrentes. Nesse sentido, a autora argumenta que as situações comunicativas acontecem de modo padronizado com respostas típicas e normatizadas. Não se espera que o falante, crie uma resposta única para cada situação, nem que escolha a partir de um suposto conjunto ilimitado de opções.

Contudo, é fundamental atentar-se para que não haja uma equivocada generalização implícita de que todos os gêneros operam da mesma forma em resposta a situações sociais recorrentes. Nota-se que a diversidade de gêneros e a variabilidade nas respostas teóricas sugerem que essa relação pode ser mais complexa, considerando que as mudanças sociais e culturais podem interferir na evolução dos gêneros, desafiando ou redefinindo suas funções tradicionais. A analogia apresentada por Miller (2012) entre gêneros e ação social fornece uma ótica interessante para compreender a dinamicidade comunicativa, pois é crucial reconhecer a pluralidade inerente aos gêneros.

Para alcançar o objetivo deste trabalho é preciso salientar a importância de apresentarmos estas concepções de gêneros. Sabemos que na literatura há diversos estudos acerca de definições para cada gênero, sendo sua concatenação um trabalho árduo, visto que com o andamento social há cada vez mais uma proliferação de gêneros. Nesse sentido, nesta dissertação, adotamos o posicionamento bakhtiniano, que entende os gêneros como fenômenos históricos, sociais e dinâmicos, essenciais para a constituição da comunicação e das práticas sociais.

3. A RELAÇÃO ENTRE GÊNEROS: UMA ANÁLISE TEÓRICA DOS AGRUPAMENTOS DE GÊNEROS

Ao tratarmos das concepções de gêneros, é imprescindível considerar os contextos em que eles manifestam e transforma. A sociedade contemporânea tem vivenciado mudanças significativas nos modos de produção, circulação e produção de textos, o que impacta diretamente na constituição e reformulação dos gêneros. Essas transformações são motivadas, em grande parte, pelas inovações tecnológicas e pelas novas formas de interações sociais mediadas por dispositivos digitais, o que exige uma reflexão sobre a evolução dos gêneros diante das materialidades e práticas sociais.

Em decorrência dos impactos da globalização na cultura contemporânea, observa-se o fenômeno da digitalização das relações no mundo, impulsionado pela crescente utilização da internet em diversas sociedades. A inclusão desse recurso no dia a dia está transformando várias

práticas discursivas, como apontam Cavalcante *et al.* (2022). Um exemplo mencionado pelos autores é a tendência, no Brasil, de se enviar uma mensagem pelo *WhatsApp* para comunicar algo a um interlocutor que não está presente, em vez de utilizar um bilhete para a mesma finalidade. Segundo Cavalcante *et al.* (2022), essas mudanças nas práticas comunicativas ocorrem com maior frequência no ambiente digital e podem levar ao desaparecimento de certos gêneros, como a carta e o telegrama.

Diante disso, é importante reconhecer que os gêneros apresentam uma certa estabilidade em seus padrões, mas também passam por transformações à medida que a sociedade evolui. Conforme apontam Cavalcante *et al.* (2022, p. 170), “um gênero, ao longo do tempo, pode sofrer modificações em algumas de suas características (na estrutura, no conteúdo, no estilo, no ambiente etc) para atender a novas finalidades sociais [...]”. Embora os gêneros sejam formados por convenções sociais, eles podem eventualmente cair em desuso, sofrer mudanças ou até mesmo dar origem a novos gêneros.

As transformações impulsionadas pelo avanço digital suscitaram questionamentos em Paveau (2022), que, apoiada nas ideias de Dominique Boullier, aponta uma estagnação nas ciências sociais no que diz respeito às pesquisas sobre o impacto das tecnologias na vida comunitária. Em relação às ciências da linguagem e aos estudos discursivos, a autora defende a necessidade de revisar os métodos e ferramentas aplicados à análise dos dados discursivos, visando adaptá-los à nova realidade comunicativa moldada pelos dispositivos técnico-linguageiros.

Diante de tais necessidades, Paveau (2021) sugere uma Análise do Discurso Digital (ADD), que abarca não só a linguagem verbal de forma isolada, mas que também esteja inserida em um contexto de interação tecnológica. Nesse sentido, o *discurso digital nativo* é definido como “[...] o conjunto das produções verbais elaboradas online, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas da escrita” (Paveau, 2021, p. 36).

Considerando essa definição, observamos que a autora reconhece que o digital não se limita a uma única forma de comunicação, evidenciando como a linguagem se adapta às inovações tecnológicas e refletindo a diversidade de meios pelos quais as pessoas interagem na era digital.

Essa perspectiva é relevante, pois remete a uma concepção pós-dualista da linguagem, em contraste a uma visão logocentrada. Assim, não se estabelece uma divisão fundamental entre o linguístico e o extralinguístico, mas sim um *continuum* que une esses dois conceitos. Essa abordagem adota uma visão equilibrada e ecológica da linguagem, reconhecendo a influência das

formas não-verbais na construção discursiva. Nos textos digitais, observa-se uma coconstrução que resulta da mistura entre linguagem e tecnologia, considerando o contexto em que estão inseridos.

Assim, os gêneros nativos digitais são, recuperando a definição de Bakhtin (2011, p. 262), “tipos relativamente estáveis de enunciados” que, ao serem produzidos online, incorporam elementos tecnológicos. Dessa forma, esses gêneros são constituídos por compósitos de peças tecnolinguageiras, possibilitando novos modos de produção textual.

De acordo com Émérit (2017), Paveau (2013, 2021) e Cavalcante *et al.* (2022), os gêneros digitais estão inseridos em ecossistemas como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, sites e *blogs*, os quais fornecem recursos essenciais para a construção e interpretação textual, organizando os gêneros em ambientes digitais. É importante destacar que esses ambientes vão além de sua estrutura técnica e da aparência dos usuários; eles incluem também a maneira como os textos se manifestam, suas interações com outros conteúdos, as dinâmicas de circulação na rede e as expectativas sobre como serão recebidos pelo público.

Esses ecossistemas podem ser entendidos através das mídias e de seus suportes como objetos de interação. Segundo Bonini (2011), a mídia funciona como uma tecnologia de mediação que apresenta formas específicas de organização, produção e recepção, que se realizam materialmente por meio de um ou mais suportes.

Na visão do autor, a internet é uma mídia que possibilita a utilização de diversos suportes, como cabos, discos rígidos (HD), monitores, entre outros.

Ao relacionar a proposta de Paveau (2022) com a formação dos gêneros digitais nativos, é possível identificar determinados aspectos característicos da composição de textos. Um elemento distintivo relevante é a capacidade de *relacionalidade*, que se diferencia, em certa medida, do modelo tradicional de intertextualidade. Isso se deve à presença ativa de conexões textuais por meio de recursos tecnolinguageiros, como *links* hipertextuais, elementos clicáveis e ferramentas de compartilhamento e incorporação. Conforme a autora, os discursos se interconectam não apenas entre si, mas também com os meios tecnológicos, além de envolverem tanto o escritor quanto o escreitor.

Com base nessas reflexões, Cavalcante *et al.* (2022, p. 185) destacam que, nos estudos de Linguística Textual, os gêneros “devem ser observados não apenas por representarem padrões relativamente estáveis de textos, mas, principalmente, por seu funcionamento nas interações dos ecossistemas e por suas relações com outros gêneros.” Isto é, os indivíduos que participam de um

determinado circuito comunicativo utilizam os gêneros de forma estratégica, adaptando suas características para atender a seus propósitos comunicativos e objetivos argumentativos.

Levando em conta o caráter relacional dos gêneros, percebe-se a possibilidade de interação entre diferentes gêneros e textos. Diversos estudiosos destacam esse fenômeno ao elaborarem diferentes formas de agrupamentos genéricos, conforme mencionado por Cavalcante *et al.* (2022, p.184). No entanto, é importante destacar que muitos desses autores que tratam dos agrupamentos não os abordam explicitamente a partir da noção de relacionalidade entre gêneros, tal como proposta por Paveau (2021, p. 59) e desenvolvida também por Cavalcante *et. al* (2022, p.179).

Ainda que a relação esteja implícita em algumas classificações, a articulação direta com o conceito de relacionalidade ainda é pouco explorada. Diante disso, esta dissertação propõe uma análise que aproxima essas perspectivas, reconhecendo a produtividade teórica dessa conexão. Frente a essa pluralidade, optamos por traçar um percurso pelos agrupamentos de gêneros que consideramos substanciais para o nosso objetivo.

3.1 Nove agrupamentos de gêneros: a abordagem de Benedito Bezerra (2017)

Nós entendemos os gêneros como padrões que podem sofrer alterações diante de determinada situação comunicativa, considerando o cenário em que os indivíduos interagem. Nesse sentido, em uma visão contemporânea, é crucial abandonar a perspectiva cristalizada de que os gêneros são vistos como unidades fixas e separadas, que podem ser facilmente ensinadas e aprendidas de forma rígida e independente, como explica Bezerra (2017, p.48):

Não devem ser tratados como entidades discretas, claramente distintas, prontas para serem ensinadas e aprendidas, mas como entidades complexas, dinâmicas, que se manifestam no mundo real e como parte da complexidade desse mundo.

O autor destaca que, ao contrário, os gêneros textuais são entidades complexas e em constante transformação, que refletem a complexidade do mundo em que existem e se manifestam. Ou seja, eles são dinâmicos, e a sua compreensão deve considerar essa natureza fluida e interconectada com a realidade, evitando simplificações que não condizem com sua verdadeira forma de funcionamento no contexto real.

Dessa forma, compreendemos que essa perspectiva oferece uma visão mais profunda e contextualizada da linguagem e da comunicação. Assim, ao nos referirmos aos gêneros como fenômenos em constante transformação, alinhados à complexidade do mundo real, somos levados a repensar também as abordagens de ensino, que frequentemente simplificam e compartimentam o conhecimento. Bezerra (2017) ressalta a importância dos gêneros inseridos no contexto

educacional, enfatizando a necessidade de uma educação mais crítica e flexível, capaz de preparar os alunos a compreender e interpretar textos de forma adaptativa.

Por essa razão, consideramos relevante explorarmos esse conceito a fim de ampliar e transformar os pensamentos engessados. Para Bezerra (2017), os gêneros são tomados como *uma categoria mediadora entre texto e o discurso*, uma abordagem inovadora, pois desafia dicotomias tradicionais que separavam rigidamente o texto como algo material e o discurso como *imaterial*. Essa noção possibilita relacionar tanto o texto quanto o discurso de forma produtiva, considerando seus contextos cognitivos e sociais. Além disso, essa interligação não apenas aprofunda o entendimento teórico, mas também torna a aplicação pedagógica mais eficaz, ao levar em conta a realidade sociocognitiva em que os gêneros se manifestam.

Em sua obra *Gêneros no Contexto Brasileiro: Questões [Meta]teóricas e Conceituais* (2017), no capítulo III – *Gênero no Mundo Real: Inter-relações*, o estudioso dos gêneros pondera que eles não funcionam de forma isolada, mas em constante inter-relação com outros gêneros, reconhecendo a diversidade das interações discursivas, nas quais os gêneros se sobrepõem, se complementam ou até entram em conflito, formando sistemas ou constelações moldados por contextos sociais e disciplinares específicos.

O autor explica da seguinte forma (Bezerra, 2017, p. 48):

[...] em vez de lidarmos com os gêneros como entidades isoladas, nos confrontamos com gêneros que ‘frequentemente são vistos na relação com outros gêneros, com certo grau de sobreposição ou até, por vezes, de conflito’ (Bhatia, 2004: 29), em agrupamentos ou ‘constelações’ alternativamente designados como ‘conjuntos de gêneros’ (Devitt, 1991), ‘sistemas de gêneros’ (Bazerman, 1994), ‘cadeias de gêneros’, ‘redes de gêneros’ (Swales, 2004), ‘gêneros disciplinares’ ou ‘colônias de gêneros’ (Bhatia, 2004), entre outros rótulos”.

A partir desse trecho, podemos compreender que essas inquietações científicas do autor em relação aos gêneros diz respeito à abordagem de diversos conceitos teóricos dos gêneros com o objetivo de entender os diferentes aspectos envolvidos nas inter-relações criadas pelos agrupamentos de gêneros em contextos específicos da interação humana. Nesse contexto, o autor reitera que os desafios analíticos que surgem variam conforme os “interesses pedagógicos no ensino ou de decisões metodológicas em pesquisa” (p. 47), o que demonstra a necessidade de flexibilidade e de adaptação nas práticas investigativas.

As diferentes denominações mencionadas no trecho acima, indicam que os gêneros funcionam em agrupamentos interligados, refletindo sua natureza dinâmica e interdependente no uso comunicativo real. Isso permite uma análise mais rica e multifacetada da linguagem, favorecendo uma compreensão mais aprofundada de como os textos circulam e se transformam em diferentes esferas.

Para consolidar seu posicionamento, o autor apresenta um compilado de nove estudos teóricos sobre os agrupamentos, com o intuito de demonstrar e lançar uma discussão acerca dos diferentes aspectos analíticos presentes nas propostas conceituais de gêneros. Partindo disso, apresentaremos esses trabalhos para firmar nosso posicionamento.

O primeiro conceito, definido como *conjunto de gêneros* por Devitt (1991), foi desenvolvido a partir de estudos sobre intertextualidade em documentos elaborados por profissionais de contabilidade. A autora identificou treze gêneros que são utilizados por contadores em sua prática profissional, sendo essa análise a base para a nomenclatura. Para ela, “quando examinamos o conjunto de gêneros de uma comunidade, estamos examinando as situações, as atividades recorrentes e os relacionamentos da comunidade. O conjunto de gêneros realiza o seu trabalho” (Devitt, 1991, p. 340). Em outras palavras, os gêneros atuam como um reflexo das situações, atividades e relacionamentos dentro de uma determinada comunidade, resultando em uma análise que vai além das características formais, considerando como operam nas ações cotidianas e nas relações interpessoais.

Na afirmação de Devitt (1991), podemos compreender que o conceito se centraliza na percepção de que, ao investigar esse conjunto, não se está analisando apenas os gêneros em si, mas também as situações em que são utilizados, as atividades que são recorrentes dentro da comunidade e os relacionamentos que se estabelecem entre seus membros. Essa perspectiva enfatiza que os gêneros não são apenas formas textuais, mas instrumentos que desempenham funções sociais e comunicativas específicas, ajudando a moldar e a entender a dinâmica da comunidade em questão. Dessa forma, a nomenclatura defendida pela autora, atua como um meio pelo qual a comunicação e a prática social se concretizam, realizando seu papel no contexto da interação humana.

Apesar de apresentar contribuições para os estudos dos agrupamentos de gêneros, essa visão também traz desafios, pois exige que aqueles que se dispõem a realizá-la, tenham sensibilidade não apenas às características textuais, mas também aos aspectos contextuais e sociais que influenciam o resultado final da análise. Portanto, a proposta de Devitt (1991) abre espaço para um entendimento mais complexo e integrado dos gêneros, mas também requer um esforço significativo para sua implementação em ambientes educacionais e de pesquisa.

Considerando essa definição, o autor Bazerman propôs o acréscimo do conceito de conjunto para *sistemas de gêneros*, denominando como “os diversos conjuntos de gêneros de pessoas que atuam coletivamente de forma organizada, acrescidos das relações padronizadas na produção, circulação e uso desses documentos” (2004, p. 318). Nessa perspectiva, o autor além de considerar

o aspecto individual trabalhado no conjunto de gêneros, acrescenta ao estudo sistemas de atividades mais amplos.

Por exemplo, em uma universidade, gêneros como o edital, o formulário de inscrição, o projeto de pesquisa e o relatório final formam um sistema articulado em torno da atividade de pesquisa. Essa visão se aproxima da proposta de Devitt (1991), que também enfatiza a interdependência entre gêneros dentro de comunidades discursivas específicas, mas se diferencia ao concentrar-se mais na dimensão cognitiva e na construção do conhecimento dentro dessas comunidades, enquanto Bazerman (2004, p. 318) foca nas práticas sociais mais amplas e institucionalizadas que moldam os fluxos comunicativos.

Somado a essas questões, Bhatia (2004) evidenciou que era fundamental analisar também as diversas formas discursivas exercidas no campo das práticas profissionais em uma dada situação disciplinar ou acadêmica. Mesmo com o estudo dos pontos anteriores, o autor salientou que essa concepção estaria separada das duas anteriores e a chamou de *gêneros disciplinares*. A finalidade dessa nova noção era de mostrar as marcas típicas de cada campo para que assim pudesse identificá-las como formas distintas. No entanto, alguns gêneros presentes no ambiente acadêmico podem apresentar semelhanças, como por exemplo, o artigo científico, resumo, resenha etc.

Esse compartilhamento de características, contudo, não apaga as especificidades que cada um desses gêneros carrega em termos de finalidade comunicativa, estrutura composicional e expectativas de uso dentro de comunidades disciplinares específicas. Por isso, torna-se produtivo observar que, ainda que esses gêneros estejam agrupados sob um mesmo domínio institucional (a academia), eles respondem a diferentes necessidades de circulação, validação e construção de conhecimento.

Tal compreensão nos permite, inclusive, estabelecer conexões entre a noção de gêneros disciplinares e as teorias que tratam da relacionalidade e dos agrupamentos genéricos, como as propostas por Bazerman (2004) com os sistemas de gêneros, ou por Devitt (2004) com os conjuntos de gêneros. Assim, as contribuições de Bhatia (2004) ampliam o campo de análise ao destacar como as práticas discursivas estão intrinsecamente ligadas aos contextos institucionais e às culturas disciplinares, ao mesmo tempo que abrem margem para investigações que considerem as interações e as sobreposições entre os gêneros.

A quarta nomenclatura apresentada é proposta por Swales (2004), o qual discute quatro conceitos relacionados com “constelações” de gêneros, são elas: hierarquias, cadeia de gêneros, conjuntos de gêneros e redes de gêneros. O autor objetivou lançar uma discussão voltada para a

realidade da pesquisa e dentre esses tópicos, utilizou o termo *hierarquia de gêneros* para se referir a esse pensamento. Para essa reflexão, foram elencados dois aspectos: o fato de que nem todos os gêneros possuem o mesmo valor aos olhos da comunidade que os produz e de que os gêneros mais prestigiados variam de campo para campo disciplinar.

Por exemplo, no meio acadêmico, um artigo científico costuma ser mais valorizado do que uma resenha ou um resumo, enquanto em contextos jornalísticos uma reportagem investigativa pode ter mais prestígio que uma nota rápida ou um comunicado de imprensa. Em outro caso, na área jurídica, pareceres e sentenças têm maior importância do que simples notificações ou memorandos internos. Esses exemplos ilustram como a hierarquia dos gêneros está diretamente relacionada às funções sociais e expectativas das comunidades discursivas específicas.

Para a cadeia de gêneros, Swales (2004) propõe conceituá-la como sucessão dos gêneros, ou seja, quando um gênero (necessariamente) sucede o outro, por exemplo, em um evento acadêmico teremos gêneros como a ficha de inscrição, que sucederá na produção de um resumo; em seguida, o boleto de pagamento, a carta de aceite, a apresentação em *PowerPoint*, a apresentação oral e, por fim, o trabalho em forma de artigo. Por último, o autor utiliza a noção de redes de gêneros para as relações intertextuais mais amplas entre gêneros num determinado campo de atividades (para ele, o mundo da pesquisa).

Um exemplo de rede de gêneros pode ser observado no contexto universitário, em que relatórios de pesquisa, artigos científicos, projetos de extensão, propostas de financiamento e apresentações em conferências dialogam entre si, construindo uma rede complexa de documentos inter-relacionados que sustentam e expandem a produção científica. Já os conjuntos de gêneros, segundo Swales (2004), correspondem a grupos de gêneros utilizados coletivamente por uma comunidade para desempenhar funções sociais específicas. Por exemplo, no ambiente jurídico, o conjunto de gêneros pode incluir petições, sentenças, contratos, recursos e pareceres, que juntos constituem o repertório discursivo utilizado pelos profissionais do direito para atuar em diferentes etapas do processo judicial.

Os autores Orlikowski e Yates (1994) apresentam o termo *repertório de gêneros*, o qual é apoiado na metáfora de uma orquestra sinfônica. Para os autores, “a compreensão da composição do repertório de gêneros de uma comunidade pode trazer valiosa informação sobre o escopo e a riqueza de sua comunicação, bem como sobre a natureza de suas atividades e interações”. Isto é, ao estudar os diferentes gêneros utilizados por uma determinada comunidade, podemos obter informações importantes sobre como as pessoas dessa comunidade se comunicam, a diversidade de

formas de comunicação que elas usam e os tipos de atividades e interações que acontecem entre elas. Em suma, essa definição reflete tanto a maneira como as pessoas se relacionam quanto a complexidade de suas práticas sociais.

Spinuzzi (2004) apresentou a sua noção como *ecologia de gêneros*, a qual, segundo ele, corresponde a uma “síntese entre a teoria de gêneros [de base retórica] e teorias mediacionais da mente, tais como a teoria da atividade e a cognição distribuída.” O foco dessa noção não é o indivíduo e nem o social, mas concentra-se na atividade, a qual é considerada constitutiva do gênero. Por exemplo, em um ambiente de trabalho como uma agência de publicidade, diferentes gêneros — como *briefs*, relatórios de *feedback*, e-mails, roteiros e apresentações — interagem de forma dinâmica para dar suporte à atividade principal, que é a criação e veiculação de campanhas publicitárias. Outro exemplo pode ser encontrado em ambientes educacionais, onde planos de aula, avaliações, relatórios de progresso e comunicações com pais formam uma rede ecológica de gêneros que estruturam a prática pedagógica e o processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, temos a *colônia de gêneros*, apresentada por Bhatia (2004), que propõe evidenciar as relações dos gêneros em diferentes domínios discursivos. Para o autor essa perspectiva visa demonstrar que os gêneros possuem caráter versátil permitindo que se manifestem em diversos níveis de generalização. Mesmo que haja inter-relação dos gêneros em uma determinada colônia, não necessariamente eles respeitam fronteiras e domínios disciplinares (Bhatia, 2004, p. 57).

Podemos compreender essa noção sob dois aspectos. O primeiro é que o termo colônia corresponde a *um agrupamento de gêneros intimamente relacionados*. O segundo é que se acrescenta a essa relação o sentido de “colonização”, que permite “a invasão da integridade de um gênero por outro gênero ou convenção genérica, levando frequentemente à criação de formas híbridas” (Bhatia, 2004, p. 58).

A ideia de que os gêneros podem ser “colonizados” por outros evidencia a sua natureza dinâmica, na qual eles não existem de forma isolada, mas podem influenciar uns aos outros. Quando um gênero “invade” ou se mistura com o outro, suas características e convenções se combinam, gerando novos gêneros hibridizados. Esse processo, denominado de *colonização*, ressalta o aspecto interdependente dos gêneros, mostrando que eles evoluem e se adaptam conforme interagem no contexto sociocomunicativo. A visão de Bhatia (2004) destaca que, em vez de serem estruturas rígidas, os gêneros são flexíveis e podem se transformar através dessas influências mútuas.

Embora seja evidente que a ideia de “colonização” dos gêneros – que sugere a fusão e influência mútua entre eles – é uma perspectiva enriquecedora que amplia nossa compreensão sobre as práticas comunicativas, esse fenômeno também pode gerar desafios na análise dos gêneros, principalmente quando se busca delimitar suas características específicas. A formação de gêneros híbridos pode dificultar a categorização clara e a aplicação de métodos analíticos, mas revela o caráter flexível e a capacidade de adaptação dos gêneros. Assim, essa definição também impõe a necessidade de uma abordagem mais profunda para lidar com essa fluidez.

Podemos perceber que há uma preocupação dos autores em constituir um conceito que seja mais adequado para diferentes agrupamentos de gêneros. No entanto, das diferentes análises apresentadas, os autores incluem, para cada noção, um critério analítico distinto, seja individual, social, acadêmico ou profissional, ou seja, para cada contexto situacional, a perspectiva será alterada. Para um entendimento geral das nove pesquisas, Bezerra (2017, p. 58) afirma que:

Conjunto, sistema, cadeia e colônia de gêneros são conceitos, que à exceção da relação próxima entre os dois primeiros, trazem implicações teórico-metodológicas bastante específicas, não obstante se mostram como ferramentas claramente úteis para o pesquisador.

Ao considerar os conceitos de *conjunto, sistema, cadeia e colônia de gêneros*, Bezerra (2017) pondera que é fundamental reconhecer que, embora os dois primeiros compartilhem uma relação próxima, cada um deles oferece implicações teórico-metodológicas distintas. Enquanto “conjunto” e “sistema” se relacionam à organização dos gêneros em torno de atividades coletivas e práticas institucionais, “cadeia” e “colônia” propõem abordagens mais específicas, voltadas à sucessão entre gêneros e à reunião de gêneros com propósitos semelhantes, respectivamente.

Esses agrupamentos contribuem de maneira significativa para os estudos de gêneros, ao possibilitar análises mais aprofundadas sobre as inter-relações, recorrências e dinâmicas presentes nas práticas discursivas em contextos diversos, como o acadêmico, institucional ou digital.

Além disso, segundo o autor, fica evidente que “nos diferentes conceitos, a relação entre gêneros pode ser vista como sequencial, sucessiva, ou como objeto de sobreposição e simultaneidade” (Bezerra, 2017, p. 50). Essa relação, portanto, pode assumir diferentes sentidos a depender da abordagem teórica adotada. Quando Bezerra (2017) menciona a dimensão “sequencial” ou “sucessiva”, sugere que um gênero pode evoluir ou se transformar em outro ao longo do tempo, configurando uma linha de continuidade em que os gêneros se sucedem. Já ao tratar de “sobreposição” e “simultaneidade”, o autor destaca que distintos gêneros podem coexistir e interagir no mesmo momento, influenciando-se mutuamente e, assim, desafiando a concepção de que constituem entidades isoladas.

Diante das ideias apresentadas, observamos que os gêneros estão sendo considerados para além de um paradigma padronizado e estático, elevando-se para uma visão prática colocando como fator essencial a interação dos indivíduos e o contexto situacional. Consideramos que é fundamental apresentarmos as perspectivas desses autores para chegarmos ao nosso objetivo geral.

3.2 A construção do conceito de constelação de gêneros por Júlio Araújo (2021)

Outra definição pertinente para o nosso percurso teórico é o conceito mencionado por Júlio Araújo (2021), que sugere um novo tipo de agrupamento, denominado *constelação de gêneros*. Em sua obra *Constelação de Gêneros: A Construção de um Conceito* (2021), o autor propõe “uma definição própria para constelação de gêneros, explicando como ela se constitui e como pode ser estudada” (p. 17). Para isso, o autor reflete sobre teorias relevantes aos estudos de gêneros, como as de Vijay Bhatia, Luiz Antônio Marcuschi, John Swales e Mikhail Bakhtin, evidenciando que essas perspectivas servem como base fundamental para sua própria definição.

Araújo (2021) parte de uma questão central para traçar sua classificação de agrupamentos de gêneros. Para ele, certos gêneros textuais, como a carta, a entrevista, a receita, a aula etc, se proliferam como práticas sociais variadas, cada uma cumprindo diferentes propósitos comunicativos. Embora todos esses gêneros compartilhem a mesma denominação, eles não se restringem a um único objetivo na comunicação. Isso sugere que, apesar da nomenclatura comum, cada gênero possui características próprias que refletem as necessidades e contextos específicos das interações sociais nas quais estão inseridos.

Frente a isso, ele refletiu sobre a multiplicidade desses gêneros e percebeu que não se referiam a um único gênero, mas a um grupo deles. Essa reflexão surgiu da observação de que, por pertencerem à mesma categoria, deveriam existir características semelhantes, além de elementos que os diferenciavam. Assim, surge a indagação de como identificar esses traços que nos permitam reconhecer e nomear os diferentes tipos dentro de um agrupamento complexo, como o das cartas. Dessa forma, seria possível identificar a carta precatória, a carta pessoal, a carta ao leitor, entre outros gêneros que fazem parte dessa ampla constelação.

Essas ponderações se voltaram a uma pergunta determinante para seu estudo: “O que seria capaz de tornar os gêneros tão próximos e tão distantes ao mesmo tempo?” (Araújo, 2021, p. 106). Ciente de que esse questionamento exigia uma dedicação profunda a revisões literárias sobre o conceito de constelação de gêneros, o autor chegou à conclusão de que essa classificação ainda era uma área de estudo nova e pouco explorada, comparando-a a uma “terra virgem” que ainda não foi sistematizada ou organizada. Embora reconhecesse que alguns autores já se aventuraram nesse

campo, a exploração ainda parecia inicial, e, por isso, havia um potencial significativo para novos desenvolvimentos teóricos.

Dessa forma, Araújo (2021) concebe sua sistematização do conceito de *constelação de gêneros* como *um agrupamento de situações comunicativas em torno das quais gravitam, em diferentes graus*. Os gêneros que participam desse agrupamento compartilham características comuns – dentro de um contexto comunicativo específico – que podem ser analisadas sob três perspectivas: 1) características comuns ao ambiente ou à esfera de comunicação (os gêneros operam dentro de um conjunto de normas e expectativas sociais que influenciam sua forma e uso); 2) características de sua constituição genética (os gêneros também se aproximam uns dos outros por suas origens e processos formativos) e 3) teia de propósitos comunicativos (reconhecidos pelos usuários, esses propósitos ajudam a distinguir os gêneros entre si e oferecem diretrizes sobre como devem ser utilizados adequadamente nas interações sociais).

Para compreendermos produtivamente a definição apresentada pelo autor, é necessário destacar as teorias que fundamentaram o conceito mencionado. Como já ressaltado pelo teórico, o termo *constelação* já havia sido explorado por outros linguistas e ainda provoca questionamentos. Desse modo, Araújo (2021), apoia-se no conceito mencionado por Marcuschi (2000), segundo o qual os gêneros não possuem uma forma fixa e estática, mas podem ser realizados de maneiras tão variadas que, em certos casos, pode ser difícil identificar se dois textos pertencem ao mesmo gênero.

Devido à flexibilidade dos gêneros, eles podem se manifestar de diferentes maneiras, adaptando-se ao contexto e ao propósito comunicativo. Sob essa perspectiva, a classificação dos textos se torna mais complexa, já que a multiplicidade de *formas* dentro de um gênero pode gerar divergência sobre sua identificação precisa.

Marcuschi (2000, p. 14) utiliza como exemplos a carta, a revista e a aula para discutir a variabilidade dos gêneros, ressaltando que, em todos esses casos, os textos podem se apresentar de formas variadas. Embora reconheça que a carta constitui uma constelação de gêneros, dado os diferentes formatos que pode assumir, ele não aplica esse mesmo raciocínio à aula, por exemplo. Isso levanta questionamentos sobre os critérios utilizados, sobretudo pela ausência de uma definição clara dos termos “forma” e “formato”. Ainda assim, o autor aponta um elemento crucial para a distinção entre os gêneros: o propósito comunicativo.

Essa discussão é retomada mais adiante em sua obra, quando Marcuschi (2011, p. 111) avança na conceituação da constelação de gêneros, sugerindo que os agrupamentos se organizam

por afinidades. Ele exemplifica com o caso da entrevista, afirmando que “o agrupamento representado pela expressão entrevista não reflete um tipo, mas uma constelação de eventos dos quais podemos chegar aos gêneros”. Essa visão dialoga diretamente com a perspectiva bakhtiniana, que também compreende os gêneros como construções históricas e sociais, organizadas por características compartilhadas que emergem nas práticas discursivas.

Em suma, a noção de constelação, apresentada por Marcuschi (2000) e interpretada por Júlio Araújo (2021), sugere que um gênero pode abrigar diferentes eventos comunicativos – ainda não se sabe ao certo se correspondem a gêneros ou a subgêneros. Essas manifestações realizam-se em diversos formatos, de modo que um mesmo gênero pode assumir diferentes configurações.

Marcuschi (2000) ressalta, ainda, que tais eventos comunicativos estão sempre subordinados a um gênero principal, o que evidencia uma organização hierárquica. Assim, sua proposta delinea uma estrutura em que o gênero maior engloba e organiza as distintas formas de realização comunicativa.

Para concluir esse raciocínio, é pertinente destacar que a perspectiva de Marcuschi (2000), ainda que careça de esclarecimentos sobre o conceito de *constelação de gêneros*, revela uma visão complexa da comunicação, em que a variabilidade dos gêneros está intrinsecamente ligada a uma hierarquia maior. Além disso, ressalta-se a dificuldade em classificar adequadamente os gêneros, enfatizando que, embora pareça desafiador, é imperioso refletirmos sobre a finalidade comunicativa e como esse fator influencia na realização dos gêneros, questionando se o aspecto da hierarquização sempre se aplicará de maneira consistente em todos os contextos.

A fim de propor uma sistematização teórico-metodológica para as pesquisas relacionadas às constelações de gênero, Araújo (2021) postula três categorias fundamentais para compreender como os gêneros se articulam e se manifestam em diferentes contextos. Essas categorias são: 1) *esfera da comunicação* — pautada no conceito de transmutação de Bakhtin ([1929] 2002; [1953] 2000) — que se refere à necessidade de rastrear as marcas históricas e as transformações dos gêneros, analisando sua evolução em novas esferas de comunicação, como a internet; 2) *formação genérica* — categoria vinculada ao propósito comunicativo — que se refere às mudanças nos gêneros que ocorrem quando suas funções sociais se tornam mais complexas; essas mudanças são essenciais para entender como os gêneros se adaptam a novos propósitos de comunicação; e 3) *função social* — amparada no conceito bakhtiniano de esfera de comunicação — que se refere a abordagens metodológicas etnográficas com o objetivo de realizar uma análise de cunho sociocultural.

Ao integrar esses aspectos em seu aparato teórico e metodológico, Araújo (2021) busca proporcionar uma base sólida para a análise dos gêneros, evitando reducionismos e enfatizando que a variabilidade e a interdependência dos gêneros são fundamentais para compreender como eles se realizam na prática comunicativa. Destacamos que essa abordagem não apenas enriquece a discussão acadêmica, mas também pode ter implicações práticas para a análise e a produção de textos em diferentes contextos.

Nesse sentido, Araújo (2021) analisou sua teoria em *chats* populares, propondo-se a verificar se esses gêneros formavam uma constelação. Motivado por questionamentos pertinentes à aplicação de sua definição, ele desafiou-se a observar o cenário da internet na posição de pesquisador-observador. Seu critério de análise baseou-se em três aspectos: a hipertextualidade, a transmutação e os propósitos comunicativos.

No que concerne à hipertextualidade, seguindo a definição de Marcuschi (2004, p. 26) que a caracteriza como “um modo de produção textual que pode se estender a todos os gêneros dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas”, Araújo (2021) defende que o ambiente digital, especialmente nos *chats*, é marcado pela hipertextualidade, a qual impacta todos os gêneros discursivos digitais. Essa hipertextualidade se manifesta por meio de usos diversos da linguagem, da escrita e do som, além de promover uma escrita não linear e a presença de links.

Em relação a esse fator, o estudioso objetivou entender como essas características hipertextuais se distribuem nos diferentes tipos de *chat*, destacando que essa natureza hipertextual não apenas define esses gêneros, mas também funciona como um elemento que os interconecta, enfatizando a importância dessa característica na comunicação digital.

Dessa forma, compreendeu-se que os usuários utilizam o espaço virtual de maneira orientada pelos propósitos comunicativos dos gêneros que estão empregando. Isto é, a forma como as pessoas se comunicam online é influenciada pelo contexto e pela função do gênero em questão. Por exemplo, ao fazer uma reclamação sobre um serviço, um usuário pode optar por um estilo de comunicação mais direto e sério, dispensando recursos lúdicos, como emojis ou sons, pois o gênero específico de bate-papo utilizado já estabelece um padrão de interação que prioriza a clareza e a efetividade da comunicação. Assim, evidencia-se a importância de compreender como os propósitos comunicativos moldam as interações no ambiente digital, independentemente das características hipertextuais presentes.

Em relação à transmutação dos *chats*, Araújo (2021) esclarece que, em virtude do seu processo contínuo de formação, esses gêneros poderão apresentar características diferentes das que

observamos atualmente. Além disso, essa dinâmica de formação também justifica a possibilidade de que algumas plataformas desapareçam, dependendo dos usos que se fazem delas e das inovações tecnológicas que surgirem.

Por essa razão, o autor analisou os *chats* levando em consideração a dinâmica de troca de turnos e os diferentes recursos semióticos utilizados, como a escrita, abreviações, *emoticons*, repetições de letras e sinais de pontuação. Esses elementos não apenas refletem a maneira como os usuários se comunicam, mas também servem como indicadores da transmutação dos gêneros, mostrando como eles são reinterpretados e adaptados no contexto dos *chats*.

Ademais, o pesquisador ressalta que, embora a sincronicidade dos chats seja amplamente reconhecida como uma característica fundamental por estudiosos da área, essa sincronia não se manifesta de maneira uniforme em todos os tipos de chats. Araújo (2021) enfatiza a importância de estudar a formação genérica para compreender como essa sincronia influencia a dinâmica dos gêneros, pois, além das conversas cotidianas, gêneros como aulas e entrevistas apresentam uma relação assimétrica entre os participantes, o que impacta a forma como a comunicação ocorre.

Assim, mesmo que os chats contribuam para a transmutação de gêneros, eles também mantêm características originais, como a assimetria nas aulas e entrevistas, que merecem atenção na análise da constelação de gêneros.

Quanto aos propósitos comunicativos, Araújo (2021) constatou que, apesar de todos os *chats* pertencerem a uma mesma constelação de gêneros, eles não são homogêneos e se manifestam de maneira diferente em termos (hiper)textuais. Segundo o autor, “cada bate-papo cumpre funções sociais distintas, que se deixam perceber pela teia de propósitos comunicativos articulados na constelação” (p. 112). O propósito comunicativo torna-se um critério fundamental para compreender a dinâmica desses *chats*, pois não apenas distingue os gêneros dentro da constelação, mas também afeta a interação entre os participantes, os recursos semióticos que utilizam e os temas abordados nas conversas.

Em suma, a análise realizada por Araújo (2021) revela que, embora os gêneros da constelação dos chats compartilhem características comuns, como a hipertextualidade — considerada um traço fundamental da ambiência digital que permeia todos os chats — e a transmutação — reconhecida como um processo formativo compartilhado, que deixa rastros importantes para a compreensão das funções sociais dos gêneros —, eles também se distinguem pela diversidade de propósitos comunicativos. Essa dualidade, entretanto, é essencial para compreender a complexidade dos chats como fenômenos de agrupamento genérico, evidenciando

que a relação entre semelhanças e diferenças enriquece as investigações genéricas no ambiente digital.

Dessa forma, os estudos sobre constelações e agrupamentos de gêneros, como o de Araújo (2021), tornam-se fundamentais para apoiar e enriquecer a formulação da proposta de *compósito de gêneros* desenvolvida neste trabalho. Ao evidenciar como os gêneros podem compartilhar traços estruturais e funcionais — sem, no entanto, perderem sua especificidade comunicativa —, essas análises oferecem referências teóricas relevantes que permitem estabelecer pontos de aproximação e, sobretudo, de distinção em relação à noção aqui defendida. Isso porque, diferentemente das propostas anteriores, este trabalho tem como foco central a tecnodiscursividade, privilegiando as formas de organização genérica que emergem em ambientes digitais e que são marcadas por uma intensa interatividade, mutabilidade e integração multimodal.

Assim, compreender os limites e as convergências entre os diferentes modelos de agrupamento é essencial para consolidar uma definição mais precisa e atualizada do conceito de *compósito de gêneros*.

3.3 Interseções e implicações das noções de hipergêneros e compósitos de gêneros

Considerando a multiplicidade de propostas teóricas sobre agrupamentos de gêneros, esta seção opta por concentrar-se em dois modos que se mostram particularmente relevantes no contexto digital: os hipergêneros e os compósitos de gêneros. A escolha por essas duas categorias se justifica por sua recorrência em práticas discursivas online e por sua capacidade de abarcar a complexidade da tecnodiscursividade.

Desse modo, este tópico tem como objetivo apresentar e discutir as definições, implicações e interseções entre essas duas noções, de modo a fundamentar o conceito de *compósito de gêneros* que propomos, ancorado nas especificidades do ambiente digital contemporâneo.

De acordo com Lima (2013, p. 102), a busca pela definição de hipergênero surgiu da percepção de que entender o funcionamento de um gênero exige mais do que apenas analisar sua estrutura e contexto social. É necessário também considerar suas relações com outros gêneros. Seguindo essa perspectiva, Lima (2013, p. 109), em sua tese de doutoramento e ancorado no estudo de Bonini (2011), propõe que este “seja visto como um macroenunciado composto por um conjunto de gêneros típicos que se agrupam de modo ordenado e articulado”. Para Lima (2013, p. 145),

A estruturação composicional e o funcionamento dessa macrounidade genérica é regulada por convenções retórico-textuais e retórico-discursivas estáveis. [...] essas convenções, tal como as que são aplicadas ao gênero, são apenas relativamente estáveis, o suficiente para que o hipergênero seja socialmente reconhecido como uma extensão textual unificada, e não um simples aglomerado de textos.

A partir do trecho, o conceito de hipergênero segundo Sóstenes Lima (2013) destaca que essa categoria é composta por uma variedade de textos que, embora distintos, são organizados de maneira a formar uma unidade maior. Isso significa que, para que um conjunto de gêneros seja reconhecido como um hipergênero, ele precisa seguir algumas convenções ou normas retóricas que proporcionem uma certa estabilidade e coesão.

Amparado também no pressuposto bakhtiniano de que os gêneros são *tipos relativamente estáveis de enunciados*, as convenções mencionadas pelo autor são as regras que guiam a produção e a interpretação dos textos dentro do hipergênero. Essas regras não são fixas, mas são suficientemente consistentes para que as pessoas reconheçam o hipergênero como algo unificado, em vez de apenas um amontoado de textos diferentes.

Para Lima (2013), o hipergênero possui uma estrutura que lhe confere identidade própria, mesmo sendo composto por diversos gêneros que dialogam entre si.

A ideia de que essas convenções são relativamente estáveis permite reconhecer o hipergênero como uma estrutura unificada, que fornece identidade e coesão a uma multiplicidade de gêneros interligados. Entretanto, essa concepção pode ser desafiada, pois essa estabilidade não é absoluta, uma vez que as regras que governam a produção e interpretação dos textos dentro do hipergênero estão sujeitas a mudanças e adaptações.

A transição entre gêneros e a emergência de novos hipergêneros podem, portanto, ser vistas como uma resposta às necessidades comunicativas em constante evolução da sociedade contemporânea. Assim, enquanto o hipergênero seja defendido como uma entidade coesa, é necessário também considerar as tensões entre a estabilidade das convenções e a dinamicidade dos contextos em que esses gêneros se manifestam.

Ainda nesse processo de conceituação, partiremos para a definição do teórico Bonini (2011), que apresentou sua concepção para a contemporaneidade da seguinte maneira: “agrupamento de gêneros para compor uma unidade maior (o hipergênero)” (p. 681). Para ele, o gênero não se concretiza isoladamente, mas em relação a outros gêneros; ou seja, nossa interação ocorre por meio de gêneros e hipergêneros no contexto das mídias, que podem estar correlacionadas.

De acordo com Bonini (2011), as mídias podem conter diversos gêneros, alguns dos quais agrupam outros em sua composição, formando os hipergêneros. Esse tipo de agrupamento pode ser considerado uma unidade maior de gênero, que se situa em um nível superior aos demais, sendo concebido como um grande enunciado.

Nessa perspectiva, os hipergêneros abrangem tanto gêneros organizadores, como sumário, introdução, editorial e chamada, quanto gêneros de funcionamento, como notícia e entrevista. Para ilustrar, o autor menciona o canal Rede Globo, tomando como exemplo a programação do *Jornal Nacional*, cuja formatação incorpora vinhetas de abertura e encerramento, além de gêneros como a notícia e a reportagem.

O autor conduz sua análise a partir de três componentes essenciais: sua definição de gênero, formas de suporte (físicos, convencionados e elementos híbridos) e a mídia (tecnologia de mediação linguageira), abordando aspectos de produção, recepção e organização. Essa análise é feita da seguinte maneira (Bonini, 2011, p. 688):

a) **gênero** – unidade da interação linguageira que se caracteriza por uma organização composicional, um modo característico de recepção e um modo característico de produção. Pode ser de natureza verbal, imagética, gestual, etc. Como unidade, equivale ao enunciado bakhtiniano; b) **mídia** – tecnologia de mediação da interação linguageira e, portanto, do gênero como unidade dessa interação. Cada mídia, como tecnologia de mediação, pode ser identificada pelo modo como caracteristicamente é organizada, produzida e recebida e pelos suportes que a constituem; e c) **suporte** – elemento material (de registro, armazenamento e transmissão de informação) que intervém na concretização dos três aspectos caracterizadores de uma mídia (suas formas de organização, produção e recepção)

Mediante esse padrão analítico, Bonini (2011) defende que as mídias funcionam como sistemas compostos por diversos suportes que operam de maneira integrada para possibilitar a circulação de gêneros e hipergêneros. Ele exemplifica isso com a televisão e o DVD, que incluem diversos suportes, como microfones, câmeras, aparelhos de DVD e televisores, entre outros. No entanto, o teórico distingue que, embora o suporte seja importante, ele não é o elemento central na caracterização do gênero como unidade de interação. Os termos mais cruciais para entender o processo de interação são gênero e mídia, já que a interação ocorre por meio dos gêneros, que circulam através das mídias.

Segundo Bonini (2011, p. 689), “o termo suporte só é relevante em uma análise mais pormenorizada de uma mídia específica.” Ou seja, seria interessante analisá-lo de forma mais detalhada, mas, como isso representaria uma exceção, não seria o foco principal para compreender a dinâmica da relação entre os gêneros e as mídias.

No entanto, é imperativo destacar o impacto da evolução tecnológica, que resultou na disseminação do uso de dispositivos eletrônicos como um dos principais meios de facilitar nossa interação, proporcionando acesso instantâneo a uma variedade de textos em diferentes contextos. Nesse sentido, a forma como os gêneros são produzidos e recebidos também modificou-se. Ao

considerarmos a integração dos elementos tecnológicos aos linguísticos, é essencial que repensemos os critérios analíticos formadores dos gêneros.

Diante das considerações expostas, sugerimos, portanto, uma ampliação da noção de suporte mencionada por Marcuschi (2003, 2008), considerado como um “*locus* físico ou virtual” possuindo como função principal a de materialização dos textos. Como mencionado por Paveau (2021, p. 119), as investigações linguísticas devem ser focalizadas nas “matérias *compósitas*, mestiçadas com o não-linguageiro de natureza técnica.” Logo, propomos que o suporte, no tocante aos gêneros, seja concebido como um *locus* de aparecimento do texto, de modo a transpor a ideia que associa os elementos tecnológicos apenas a uma função de alicerce para os textos.

Em consonância a Cavalcante *et al.* (2022, p. 81) defendemos que o suporte, no tocante aos gêneros, seja concebido como um *locus* de aparecimento do texto, de modo a transpor a ideia que associa os elementos tecnológicos apenas a uma função de alicerce para os textos. Propomos, em vez disso, uma visão em que o suporte é compreendido como atuante na configuração da interação, sendo, portanto, relevante na construção de sentidos.

A mudança de suporte – como o uso de um celular em vez de um *notebook* – pode interferir diretamente como os textos são postos e compreendidos. Por exemplo, um *site* jornalístico acessado pelo computador tende a exibir uma estrutura mais ampla, com menus laterais, chamadas de matérias secundárias e anúncios dispostos de maneira espaçada. Já no celular, esse mesmo *site* é reorganizado em uma estrutura vertical, com menus ocultos e ênfase na rolagem contínua, o que induz uma disposição mais limitada ao conteúdo em destaque.

Retomando o conceito de mídia mencionado por Bonini (2011), que é entendido como um elemento fundamental, atua de modo a fornecer as coordenadas necessárias para a prática dos gêneros. Dessa forma, a mídia estabelece características específicas, como processos de edição e relações espaciais e temporais, que moldam a maneira como um gênero é percebido e utilizado. Por exemplo, uma mesma notícia pode ser veiculada de maneiras distintas dependendo de sua veiculação na televisão, no rádio, em jornais ou na internet. Essas variações não são meramente superficiais; elas se devem à mediação languageira associada a cada tipo de mídia, que determina como a informação é organizada, transmitida e recebida.

Além disso, Bonini (2011, p. 688) destaca que “em oposição ao gênero, que é uma unidade da interação languageira, a mídia é um elemento contextualizador no interior do qual o gênero circula.” Isso quer dizer que ela define as condições nas quais os gêneros operam, influenciando assim a sua funcionalidade e a dinâmica da interação. Portanto, a relação entre mídia e gênero é

interdependente, onde a mídia não só suporta, mas também molda e determina as características de cada gênero que nela circula.

Em relação ao ambiente digital, Bonini (2011, p. 700) ressalta que “a mídia internet se organiza e funciona basicamente por meio de hipergêneros: sites de busca, sites institucionais, dicionários e enciclopédias, páginas pessoais, blogs, etc.” Um aspecto fundamental dessa perspectiva é a versatilidade da internet, onde diferentes mídias podem ser incorporadas. Para o autor, dentro de um hipergênero, é possível integrar diversas outras mídias e formatos, como vídeos, e-mails, documentos (PDF, DOC, PPT), chats e áudios. Essa capacidade de incorporar múltiplas formas de mídia enriquece a interação, pois permite que os usuários naveguem entre diferentes tipos de gêneros e mídias de maneira fluida.

Assim, a interação na internet é mediada por gêneros e hipergêneros que se manifestam no contexto das mídias, muitas vezes em uma relação encadeada. Isso implica que a forma como os usuários se comunicam e interagem online é influenciada não apenas pelos gêneros em si, mas também pela estrutura e funcionalidade das mídias que os hospedam.

Entendemos que os critérios estabelecidos pelo autor se aproximam do cenário moderno, direcionando-se a uma inovação nos estudos linguísticos. No entanto, julgamos relevante mencionar uma questão pertinente ao nosso estudo: a análise de mídia feita por Bonini (2011) correspondeu às demandas do que se conhecia e tinha do contexto digital na época em que seu estudo foi realizado. Por isso, ponderamos ser necessário ampliar esse entendimento para incluir a contemporaneidade, especialmente em relação à disseminação das redes sociais atualmente.

Sobre essa lacuna notável, questionamos se a definição de Bonini (2011) ainda conseguiria abranger todo esse universo digital em que redes sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, têm revolucionado a forma como os indivíduos interagem, compartilham informações e constroem relacionamentos, introduzindo novas dinâmicas e gêneros de comunicação. Além disso, as redes sociais têm um impacto significativo na formação e transformação de gêneros, pois influenciam os padrões de comunicação, o que poderia complementar a perspectiva de Bonini (2011) sobre a relação entre mídia e gênero. A maneira como os usuários se apropriam desses espaços para expressar opiniões, divulgar conteúdos ou criar narrativas pode revelar nuances sobre a interação linguageira que não são capturadas por uma análise que não considera esses ambientes.

A esfera digital atual, que abrange o nosso objetivo de estudo, torna-se relevante para ampliarmos o conceito de mídia proposto por Bonini (2011), compreendida como *tecnologia de mediação da interação linguageira*. Nesse sentido, consideramos a mídia como um conceito que se

realiza e acontece por meio de suportes, ou seja, se concretiza através de diversos suportes, entendidos como *locus* de aparecimento dos textos.

Essa perspectiva amplia a compreensão de mídia, não apenas como um canal de comunicação, mas como um sistema complexo onde diferentes elementos interagem para facilitar a circulação de informações e a construção de significados dos gêneros.

Consideramos essa ponderação especialmente relevante em um cenário contemporâneo, marcado pela diversidade de suportes e pela rápida evolução das tecnologias de comunicação. Assim, a análise da mídia deve considerar não apenas os suportes utilizados, mas também as relações sociais, culturais e tecnológicas que permeiam a produção e a recepção de conteúdos. Essa abordagem nos permite compreender melhor a complexidade da interação na era digital e as nuances que caracterizam os gêneros em diferentes contextos.

Em consonância com a nossa discussão, destacamos que o prefixo “hiper” aponta para questionamentos acerca de sua função, podendo levar à compreensão de que o agrupamento de gêneros se condiciona por ser um enorme enunciado, implicando a impossibilidade de identificarmos os pontos divergentes entre os propósitos comunicativos. Nesse contexto, é importante ponderarmos que, ao afirmar que os gêneros não se concretizam de forma isolada, mas em relação com outros, Bonini (2011) enfatiza a natureza dinâmica e colaborativa da comunicação, especialmente no ambiente digital. Ele reconhece a importância de múltiplos gêneros que se combinam para formar estruturas maiores e mais complexas, os hipergêneros.

No entanto, é relevante refletir sobre possíveis interpretações equivocadas dessa concepção, considerando a diversidade de mídias e contextos. Em ambientes digitais, as fronteiras entre os gêneros podem se diluir, dificultando a definição clara de quando um gênero se integra a outro para formar um hipergênero ou quando ele permanece autônomo. Essa visão também pode provocar questionamentos sobre como as funções sociais dos gêneros se transformam dentro desses agrupamentos e como os usuários interpretam e lidam com essas transições.

Nesse sentido, Cavalcante e Muniz-Lima (2021) e Cavalcante *et al.* (2022) também divergem da ideia de que o hipergênero pode ser entendido como um grande enunciado. As autoras defendem que, em suas concepções, o enunciado bakhtiniano é equivalente ao texto, o qual é compreendido como uma unidade única, composta por elementos multissemióticos e inserida em um contexto interacional específico. Diante dessa perspectiva, é possível considerar que os hipergêneros se configuram como compósitos de gêneros, pois envolvem a reunião de diversos

gêneros em um mesmo espaço físico de atualização textual (Cavalcante; Muniz-Lima, 2021, p. 434).

De acordo com Cavalcante e Muniz-Lima (2021), a ideia de compósito de gêneros também é discutida por Carvalho (2023, p. 150), que analisou esse fenômeno no blog *Witness*. O autor argumenta que, em blogs, há um agrupamento de gêneros que seguem uma sequência com início e fim definidos. Ele propõe que o compósito de gêneros nos blogs seja estruturado em três níveis: *o nível funcional* (com gêneros organizadores, como a homepage, cabeçalho e menu de opções, e gêneros operacionais, como a postagem de blog e o tutorial); *o nível de autonomia* (com gêneros inseparáveis, como o comentário online, menu e cabeçalho, e gêneros separáveis, como o tutorial); e *o nível organizacional* (que inclui gêneros encadeados, como o tutorial vinculado à postagem, e gêneros não encadeados).

Teoricamente, compreendemos que diante da dinamicidade proporcionada pelo universo digital, essa estruturação tenciona a uma abordagem relacional e sistêmica dos gêneros. Do ponto de vista pragmático, a organização do compósito em níveis – *funcional, de autonomia e organizacional* – permite mapear com maior precisão e funcionamento interno do agrupamento, evidenciando como os gêneros se articulam para cumprir funções comunicativas específicas e atender às exigências do ecossistema digital em que estão inseridos.

O autor defende que o termo “compósito” deve ser entendido como “um objeto composto e formado pela união de vários outros elementos a fim de engendrar uma unidade maior” (Carvalho, 2023, p. 90). Compreende-se que essa ideia destaca a formação do compósito pela integração de diferentes partes que, ao se unirem, criam algo mais abrangente do que seus componentes isolados. Esse conceito pode ser visto como uma delimitação mais precisa da definição de hipergêneros apresentada por Bonini (2011), ao evidenciar que múltiplos gêneros se combinam para formar um conjunto único, que opera como uma entidade maior e integrada.

Reconhecemos a relevância da proposta apresentada pelo autor para os estudos genéricos, especialmente aqueles voltados à análise de agrupamentos de gêneros no ambiente digital. Consideramos que essa pesquisa representa um avanço significativo nas investigações sobre gêneros. A noção apresentada por Carvalho (2023) é a que mais se alinha ao que estamos entendendo como compósito de gêneros. Contudo, nossa pesquisa será fundamentada principalmente nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Textual, com base na perspectiva adotada pelo grupo de pesquisa Protexoto (2022), e não se limitará à análise de *blogs*.

Embora o autor tenha desenvolvido uma abordagem focada nesse compósito de gêneros,

sua proposta busca abranger um escopo mais flexível, aplicável a outros objetos comunicativos, sendo o *blog* um recorte.

Ainda sobre o termo “compósito”, que muito nos interessa, ponderamos que não o estamos tomando segundo a definição apresentada por Paveau (2021, p. 58), a qual afirma que “os discursos digitais nativos são compósitos, ou seja, são constituídos por uma matéria mista que reúne indiscernivelmente o linguageiro e o tecnológico [...]”. Assim, a teórica aponta que, nos discursos nativos digitais, a linguagem e a tecnologia operam em conjunto, formando uma nova “matéria discursiva” composta por ambos os aspectos.

A interação com a interface tecnológica altera a maneira como o discurso é construído e compreendido, integrando aspectos multimodais (visuais, auditivos, interativos) e permitindo novas formas de enunciação e expressão. Dessa forma, os compósitos revelam o caráter misto e indissociável das práticas comunicativas digitais atuais.

Nesta pesquisa, não adotamos o termo “discursos digitais nativos” como elemento pertinente de análise. Em vez disso, fundamentamo-nos na noção de texto apresentada por Cavalcante *et al.* (2019), que o concebem como um evento único e irrepitível, manifestando de forma nova a cada enunciação em uma situação comunicativa particular, compreendemos esses fenômenos como unidades reais de comunicação, ancoradas em práticas sociais e organizadas por textos simulacros.

A noção de que um texto é simulacro evidencia que a coerência e o sentido são construídos situacionalmente, a partir da simulação de uma presença enunciativa que articula quem fala, onde e quando, configurando um evento único e irrepitível. Dessa forma, o texto torna-se uma construção viva, marcada pela pluralidade de interpretações e pelas transformações pelas variações nos interlocutores, nos contextos sócio-históricos e nas intenções comunicativas, o que amplia significativamente sua função nos processos comunicativos.

Além disso, a interação com a interface tecnológica altera a maneira como o texto é construído e compreendido, integrando aspectos multissemióticos (visuais, auditivos, interativos) e permitindo novas formas de enunciação e expressão. Dessa forma, os compósitos revelam o caráter misto e indissociável das práticas comunicativas digitais atuais.

Compreendemos a importância do conceito de Paveau (2021) para o nosso objetivo, pois nos determos na análise dos gêneros no ambiente digital, os quais precisam ser avaliados considerando os aspectos tecnolinguísticos. No entanto, destacamos que essa abordagem se diferencia da noção de compósito de gêneros proposta neste trabalho, já que aqui o foco recai

sobre a tecnodiscursividade — isto é, sobre a forma como a articulação entre os gêneros se dá de maneira intrinsecamente vinculada ao universo digital, considerando os efeitos materiais e simbólicos da tecnologia sobre os modos de produção, circulação e recepção textual.

Assim, nosso entendimento de compósito está voltado para o sentido de agrupamento, em que há uma reunião de gêneros em uma mesma página, demonstrando que esse espaço permite a circulação de diversos gêneros, alguns dos quais podem conviver no mesmo ambiente e, ainda assim, apresentar propósitos, formatos e temáticas bem divergentes.

3.4 Gêneros nativos digitais: a perspectiva dos tecnogêneros segundo Paveau (2021)

Antes de aprofundarmos na perspectiva dos tecnogêneros segundo Paveau (2021), é importante situar o contexto em que esses gêneros emergem. A contemporaneidade é marcada pela consolidação e rápida transformação dos ambientes digitais, que configuram novas formas de produção, circulação e recepção de textos. Nesse cenário, os gêneros nativos digitais surgem como manifestações discursivas próprias do meio tecnológico, com características que refletem a interação direta com as interfaces digitais e a multimodalidade. Essa abordagem permite compreender como os compósitos de gêneros se organizam em espaços híbridos, nos quais diferentes modos de comunicação coexistem e se articulam, oferecendo um panorama atualizado sobre as dinâmicas discursivas do mundo digital.

Desse modo, presenciamos a evolução do meio digital e atualmente a estamos vivenciando freneticamente. O desenvolvimento de dispositivos móveis ampliou ainda mais o alcance das ferramentas digitais, permitindo que estejamos constantemente conectados e com acesso a recursos diversificados na palma da mão. Em linha com os impactos da globalização na cultura atual, observamos a digitalização das interações no mundo, resultante da crescente adoção da internet em diversas sociedades.

Nesse contexto, os usuários estão em interação contínua, e o progresso tecnológico em grande escala tem acelerado a comunicação, tornando os laços sociais mais amplos e acessíveis através de ambientes virtuais. Assim, as práticas sociais se diversificaram, resultando em novos gêneros que emergem na Web 2.0, destinados a atender a diferentes objetivos comunicativos e que podem ser modificados a qualquer instante.

Sob essa perspectiva, entendemos que os gêneros estão profundamente conectados às atividades humanas e, como mencionado por Bazerman (2006, p. 23), “influenciam os pensamentos que formulamos e as formas de comunicação por meio das quais interagimos”. Portanto, é crucial reconhecer que, assim como os atos interativos foram alterados pelo avanço

digital, os gêneros também passaram por mudanças significativas. Nesse contexto, é fundamental explorar os gêneros além das abordagens convencionais, considerando os novos modos de comunicação e as ferramentas disponíveis no ambiente digital.

A perspectiva de Bazerman (2006), que destaca a influência dos gêneros nas formas de pensar e interagir socialmente, encontra um ponto de convergência importante com a noção de tecnogêneros proposta por Paveau (2021, p. 328). Enquanto Bazerman (2006) enfatiza que os gêneros moldam os atos comunicativos e cognitivos dentro de práticas sociais, Paveau (2021, p. 328) amplia essa compreensão ao focar especificamente nos gêneros que emergem no ambiente digital, os tecnogêneros são “marcados por ou derivados da dimensão tecnológica do discurso, o que implica um funcionamento e propriedades particulares.”

Portanto, enquanto Bazerman (2006) enfatiza a função social e cognitiva dos gêneros de forma ampla, Paveau (2021) destaca a dimensão tecnológica como constitutiva dos gêneros digitais, marcando um desdobramento contemporâneo da teoria dos gêneros nos ecossistemas digitais.

Assim, a noção de tecnogêneros de Paveau (2021) pode ser vista como uma extensão e atualização do entendimento de Bazerman (2006), pois incorpora os efeitos da mediação tecnológica na constituição e transformação dos gêneros, evidenciando como a tecnologia molda tanto os propósitos comunicativos quanto as formas textuais. Dessa forma, ambos os autores contribuem para uma compreensão dinâmica e situada dos gêneros, integrando as dimensões social e tecnológica das práticas discursivas.

Considerando a constante evolução social, torna-se essencial entender que, como já mencionado anteriormente nesta pesquisa, os gêneros possuem uma certa estabilidade em seus padrões, mas também se alteram à medida que a sociedade avança. Segundo Cavalcante *et al.* (2022, p. 170), “um gênero pode, ao longo do tempo, passar por mudanças em várias de suas características (como estrutura, conteúdo, estilo, ambiente etc.) para atender a novas finalidades sociais [...]”. Embora os gêneros sejam construídos com base em convenções sociais, eles também se ajustam às novas exigências que a sociedade apresenta e/ou demanda.

Um exemplo que ilustra a transformação dos gêneros em resposta à evolução social é o *blog*, em nossa perspectiva adotada nesta dissertação, são considerados como um agrupamento de gêneros. Inicialmente, os *blogs* eram espaços pessoais para compartilhar pensamentos e experiências. No entanto, com a evolução da comunicação digital e a crescente demanda por

informações rápidas e acessíveis, os *blogs* se transformaram em plataformas de conteúdo especializado, onde se discutem temas variados, desde moda e viagens até política e ciência.

Essa mudança é acompanhada por adaptações nas estruturas dos *blogs*, como a inclusão de recursos multissemióticos (vídeos, *podcasts*, infográficos) e a interação com os leitores por meio de recursos tecnolinguageiros, como comentários e compartilhamentos nas redes sociais. Assim, os *blogs*, que começaram como um gênero relativamente informal e pessoal, evoluíram para gêneros mais complexos e multifuncionais, atendendo às novas demandas sociais por informação e interação.

Outro ponto a ser considerado diante dessa transformação é a proliferação dos papéis sociais interligados aos gêneros. Sabemos que as pessoas estão sempre em busca de atualizações em seus próprios costumes e, com isso, assim como os gêneros, algumas práticas sociais entram em desuso para que novas possam ser utilizadas, e assim sucessivamente. Com o passar dos anos, tivemos a ascensão da era digital, o que possibilitou a adaptação e criação de novas interações.

Retomando o conceito de ecossistema, reforçamos que, nesta pesquisa, compreendemos as redes sociais como – *Youtube, Instagram, Whatsapp, TikTok* – não apenas como espaço de veiculação de textos, mas como ambientes digitais complexos, atravessados por configurações organizacionais próprias, interação e circulação textual. Essa perspectiva, ancorada nas contribuições de Cavalcante *et al.* (2022) e Émérít (2017), permite-nos analisar os gêneros que ali emergem em sua relação com os suportes e mídias que os configuram.

O ecossistema *Instagram* emergiu como um espaço para novas formas de interação, permitindo que os usuários se conectem de maneira mais ampla. Funcionalidades como vídeos curtos (*reels*) e transmissões ao vivo (*lives*) têm sido cada vez mais adotadas pelas pessoas. Esses recursos transformaram a rede social em um local de expressão pessoal e, em alguns casos, até em um ambiente de trabalho.

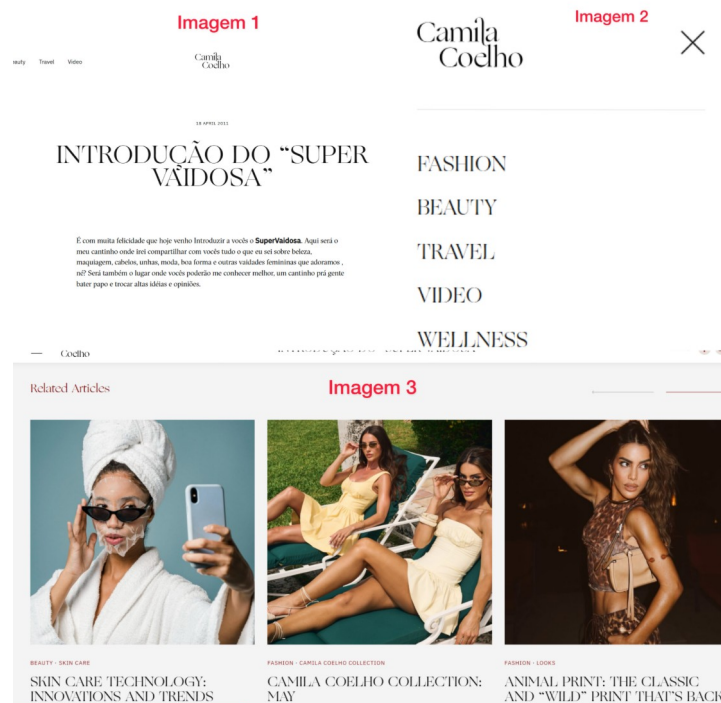
Assim, ao considerarmos essas plataformas como ecossistemas, reconhecemos que nelas operam práticas comunicativas situadas, marcadas por regras de uso, recursos tecnolinguageiros, formatos específicos e modos de leitura que influenciam diretamente a constituição dos gêneros e sua materialização no ambiente digital. Nesse contexto, o *Instagram* emerge como um espaço propício para novas formas de interação, permitindo que os usuários se conectem de maneira mais ampla. Funcionalidades como vídeos curtos (*reels*) e transmissões ao vivo (*lives*) têm sido cada vez mais adotadas pelas pessoas. Esses recursos transformaram a rede social em um local de expressão pessoal e, em alguns casos, até em um ambiente de trabalho.

Nesse sentido, podemos observar que, além das mudanças apresentadas sobre os *blogs*, outro aspecto que merece ser mencionado é o caso das blogueiras, construídas socialmente e digitalmente. Podemos compreender que o termo “blogueira” derivou da definição de *blog*, uma plataforma digital onde conteúdos são compartilhados de forma regular. Essa relação é fundamental para entendermos o papel das blogueiras no ambiente contemporâneo.

Elas não apenas escrevem e publicam, mas também se tornam influenciadoras, moldando opiniões e tendências. Assim como os blogs se tornaram espaços dinâmicos para a troca de informações, as blogueiras desempenham um papel crucial nesse processo, refletindo a evolução das práticas de comunicação na era digital. Um exemplo é a blogueira Camila Coelho, considerada uma das pioneiras na consolidação dessa profissão, destacando-se como influenciadora digital e empresária.

Ela começou seu trabalho com o *blog* “Super Vaidosa”, onde compartilhava dicas de beleza, moda e estilo de vida, e atualmente possui uma grande presença nas redes sociais, além de ter lançado sua própria linha de maquiagem. Essa trajetória pode ser visualizada na imagem abaixo:

EXEMPLO (1) – (registro de tela obtido por meio da tecla 'Print Screen' do notebook).



Fonte: <https://camilacoelho.com/2011/04/18/introducao-do-super-vaidosa/>
Acessado em: 09 de junho de 2025.



O exemplo apresenta a interface do *blog de lifestyle* e beleza da influenciadora Camila Coelho, evidenciando sua estrutura organizada em três partes principais.

A Imagem 1, mostra a introdução da postagem intitulada “Introdução do ‘Super Vaidosa’”, na qual Camila explica que o *blog* é um espaço dedicado a compartilhar dicas sobre beleza, moda e bem-estar. A segunda imagem, exibe o menu lateral, que organiza o conteúdo em categorias claras como *Fashion, Beauty, Travel, Video* e *Wellness*, facilitando a navegação e o acesso aos temas de interesse do público. Por fim, a terceira imagem, destaca a seção de artigos relacionados, apresentando publicações visuais que abordam cuidados com a pele, moda e tendências de estampa, reforçando o caráter informativo e atualizado do *blog*.

É possível perceber que o *layout*, com sua estética elegante e moderna, é pensado para atrair e envolver um público interessado em estilo de vida, beleza e moda, mostrando como o *blog* se mantém relevante e alinhado aos propósitos comunicativos da mídia digital contemporânea.

Portanto, compreendemos que, diante das evoluções tecnológicas, embora a blogueira Camila Coelho tenha sido pioneira no segmento de beleza e *lifestyle*, seu *blog* demonstra uma clara evolução alinhada às transformações da mídia internet e aos objetivos comunicativos contemporâneos. Inicialmente focado em textos e fotos estáticas, o *blog* se atualizou, incorporando formatos multissemióticos, como vídeos, espaço para engajamento dos interlocutores e interatividade, acompanhando as demandas do público e o dinamismo das plataformas digitais.

Demonstrar essas transformações no *blog* de Camila Coelho é fundamental para o objetivo desta pesquisa, pois permite compreender como os formatos comunicativos evoluem em resposta às mudanças tecnológicas e às novas demandas do público. Essa análise evidencia não apenas a adaptação de um meio pioneiro, mas também revela as estratégias tecnolinguageiras que garantem a manutenção da relevância e da efetividade na comunicação digital. Assim, investigar essa trajetória contribui para a reflexão sobre a adaptação dos gêneros, demonstrando que eles podem estar reunidos sem necessariamente ocupar uma posição hierárquica, mas de algum modo agrupados.

Essa breve relação de ideias demonstra como as mudanças nos gêneros impactam não apenas seus aspectos composicionais, mas também acompanham o desenvolvimento das práticas sociais. Essa afirmação se fundamenta na consideração de que, quando ocorrem alterações nos costumes dos indivíduos em uma sociedade, as práticas sociais sofrem transformações significativas. Assim, em virtude da tecnologia, surgem novas formas de expressão culturais e novos comportamentos sociais.

Paveau (2021, p. 328) conceitua os gêneros que se adaptam no tecnodiscurso como *tecnogêneros*, os quais se caracterizam por uma “dimensão compósita”, resultante da interdependência entre linguagem e tecnologia. A autora enfatiza a importância de estudar a linguagem em sua relação com os recursos tecnológicos, destacando que os *tecnogêneros* podem ter duas origens: serem pré-digitais, quando adaptados de gêneros já existentes antes da era digital e modificados pelas particularidades do ambiente digital, ou serem nativos digitais, ou seja, criados diretamente no contexto digital. Ela esclarece da seguinte maneira (Paveau, 2021, p. 328):

Não se tratará mais aqui de tipologia com pretensão de exaustividade, dada a falta de trabalhos suficientes sobre os discursos digitais nativos, e porque a categoria do (tecno)-gênero está em constante evolução e intervenção. Apresentam-se apenas alguns exemplos a partir do critério de composição, integrando, pois, prioritariamente, a restrição tecnológica.

Esse trecho destaca a complexidade envolvida na análise dos gêneros digitais nativos, reconhecendo que os *tecnogêneros* estão em constante mudança e adaptação. A autora enfatiza que, devido à falta de estudos aprofundados e à natureza dinâmica desses gêneros, não é viável propor uma tipologia definitiva. Nesse sentido, a abordagem adotada deve ser flexível e atualizada, de modo que a análise possa acompanhar as rápidas transformações tecnológicas e sociais. Ademais, o ambiente digital estimula a inovação tanto em pesquisas futuras quanto no desenvolvimento de novas tipologias.

Entretanto, é importante ponderar que, embora a fluidez dos gêneros digitais imponha desafios classificatórios, isso não significa a completa impossibilidade de se identificar padrões estruturais e funcionais recorrentes. Estudos como os de Júlio Araújo (2021, p. 17), ao propor a noção de “constelação de gêneros”, indicam que os gêneros digitais, ainda que inovadores, frequentemente se organizam a partir de relações intertextuais e interacionais com gêneros preexistentes. Assim, a proposta de uma abordagem flexível não deve excluir a busca por critérios analíticos que permitam alguma sistematização e compreensão do funcionamento desses novos formatos textuais.

Em um cenário de rápidas inovações tecnológicas e transformações sociais, a análise dos gêneros digitais nativos exige uma abordagem flexível e aberta à adaptação. Conforme Paveau (2021) argumenta, os *tecnogêneros* estão em permanente evolução, tornando custoso a construção de uma tipologia definitiva. Podemos compreender que isso ocorre devido à natureza mutável dos gêneros, que surgem e se transformam em resposta às demandas do ambiente digital. Portanto, a proposta de uma análise rígida e estática não seria capaz de abarcar a complexidade desse fenômeno. Dessa forma, é essencial que as pesquisas sobre gêneros digitais acompanhem o ritmo

das mudanças tecnológicas, permitindo novas interpretações e fomentando inovações futuras no campo teórico.

Paveau (2021, p. 323) classifica os tecnôgenos em três categorias:

I) *tecnôgenos prescritos* (que não existem offline, dependem inteiramente das ferramentas digitais e circulam quase exclusivamente online) – como é caso dos *tweets*, dos *stories* do *Instagram* ou *shorts* do *Youtube* e das publicações em plataformas de *streaming*, que só fazem sentido no ecossistema digital em que são produzidos e consumidos;

II) *tecnôgenos negociados* (já existiam no contexto pré-digital, mas, ao serem adaptados para o ambiente digital, incorporam características tecnolinguageiras, podendo circular tanto no mundo online quanto offline) - — como acontece, por exemplo, com artigos jornalísticos publicados em portais de notícia, resenhas de livros em blogs ou aulas gravadas para plataformas de ensino a distância;

III) *tecnôgenos produzidos* (baseados no termo “produto”, que são criados e moldados pelos internautas de forma independente, sem estarem sujeitos às restrições dos tecnôgenos prescritos – aqueles com normas mais rígidas – ou às convenções dos tecnôgenos negociados, que circulam entre os ambientes online e offline). Nessa categoria, inserem-se os memes, as correntes digitais personalizadas, os vídeos virais espontâneos e outras formas discursivas emergentes e fluidas, muitas vezes construídas de maneira colaborativa, efêmera e fora de instituições formais de produção textual.

A partir dessas categorizações, Paveau (2021) reflete a interação entre os gêneros nativos digitais e o ambiente digital, o que ressalta como a tecnologia redefine e transforma os gêneros, gerando novos formatos e dinâmicas discursivas. No entanto, essas classificações podem suscitar questionamentos sobre a rigidez das categorias, uma vez que os *tecnôgenos prescritos* refletem normas específicas do ambiente digital, há uma preocupação em como essas normas podem excluir vozes diversas que não se encaixam nesses moldes. Os *tecnôgenos negociados*, embora reconheçam a adaptação de gêneros tradicionais, podem perpetuar uma hierarquia entre formatos digitais e offline, sugerindo que o que é considerado “legítimo” no espaço digital deve se basear em padrões estabelecidos anteriormente.

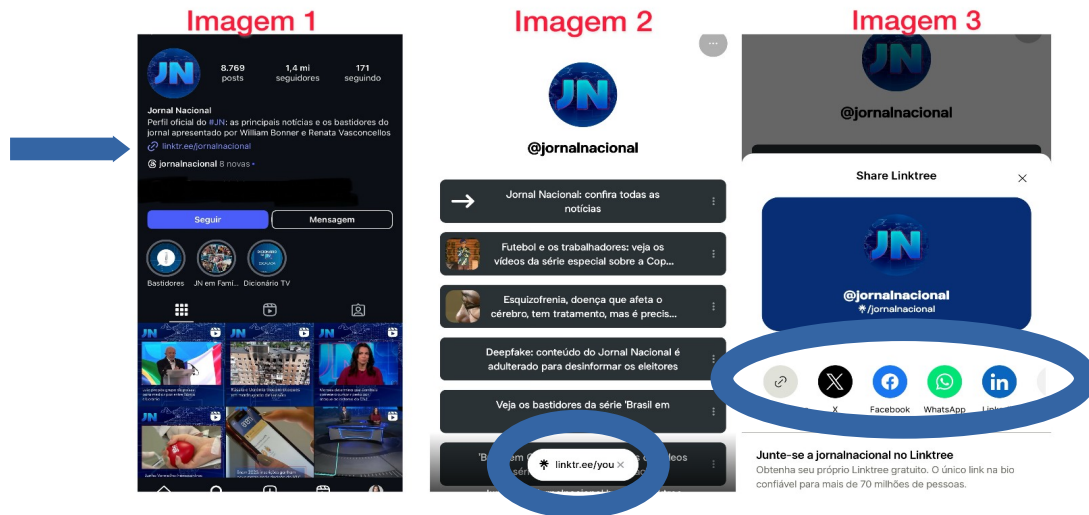
Por outro lado, os *tecnôgenos produzidos*, apesar de ponderarem a criatividade e a autonomia dos usuários, podem também abrir espaço para a desinformação e a banalização do discurso, já que a falta de regras e normas pode levar à proliferação de conteúdos que não seguem critérios de qualidade ou veracidade.

Portanto, é fundamental que a análise dos *tecnogêneros* não apenas categorize, mas também critique as dinâmicas sociais e culturais em jogo, considerando como essas práticas discursivas impactam a construção de identidades e a circulação de ideias na era digital.

Em adição, estamos vivendo em uma era em que o discurso digital se apresenta de forma fluida. Por essa razão, é fundamental analisar os gêneros à luz dos recursos tecnológicos, dos quais dependemos de maneira significativa em nosso cotidiano. Segundo Cavalcante, Brito e Oliveira (2021), “todos os gestos languageiros são tecnodiscursivos, na medida em que envolvem direta ou indiretamente a interveniência das tecnologias”. Ou seja, independentemente do contexto ou da forma de expressão, a tecnologia está sempre presente e influencia a maneira como nos comunicamos. Com base nessa afirmação, compreende-se que a tecnologia não é apenas um suporte, mas uma parte intrínseca do processo comunicativo que molda tanto a forma quanto o conteúdo dos gestos languageiros.

Assim, esses e outros elementos que constituem os gêneros digitais nativos são evidenciados por meio de uma captura de tela do perfil público de *@jornalnacional*, disponibilizado no ecossistema *Instagram*. Vejamos o exemplo a seguir:

EXEMPLO (2) – captura de tela



Fonte: https://www.instagram.com/jornalnacional?igsh=MTdsbDB2dDdqZXVjcQ%3D%3D&utm_source=qr
 Acesso em: 09 de junho de 2025.



De acordo com as interpretações apresentadas anteriormente, o perfil do *Instagram* @jornalnacional pode ser visto como um compósito de gêneros, pois reúne diferentes gêneros digitais em um só espaço. A Imagem 1 ilustra a integração dos gêneros biografia e *post* de *Instagram*, entre outros, na estrutura do perfil. O aspecto da relacionalidade é representado pela interação entre os diversos textos e gêneros que constituem o compósito, bem como pelos atributos tecnológicos implicados a construção textual.

Além disso, por meio de *hiperlinks*, o usuário pode sair do ecossistema *Instagram* e navegar no *Threads* (plataforma social que permite aos usuários compartilhar atualizações e se conectar de forma mais autêntica), ou em outros ecossistemas digitais, como *WhatsApp*, *LinkedIn* e *X* (antigo Twitter). Nesse contexto, destacam-se elementos tecnolinguageiros como os tecnobotões “Seguir”, “Mensagem” e “Linktree” (Imagem 1), bem como os ícones de compartilhamento em redes sociais (Imagem 3), os quais criam pontos de interação entre usuário e plataforma. Tais recursos ativam comandos que viabilizam a navegação, o contato direto e a circulação do conteúdo, funcionando como tecnolinguagens multissemióticas que incorporam a ação ao texto e ampliam sua dimensão interativa.

A biografia, ilustrada da imagem 1, que situa o perfil como fonte de informação ao veicular a legenda “As principais notícias e os bastidores do jornal apresentado por William Bonner e Renata Vasconcellos”, está interconectado com outros textos por meio de vínculos hipertextuais, claramente identificáveis pelo uso de recursos tecnolinguageiros como arrobas (@) e outros elementos clicáveis, como ícones, *hiperlinks* e imagens.

A interação do texto com os interlocutores é igualmente prevista no contexto midiático do *Instagram*. Os papéis do autor e do “escritor” são entendidos em uma dimensão idiodigital, onde sua subjetividade reflete uma experiência singular na criação do texto. Além disso, o ecossistema incentiva a participação ativa do interlocutor ao oferecer ferramentas como seguir, compartilhar e enviar mensagens.

Assim, o “escritor”⁶ tem a liberdade de escolher como um texto será construído, lido e interpretado, conectando-o a outras representações comunicativas tecnolinguageiras. Para ilustrar algumas das opções de desencadeamento não linear de gêneros, as imagens a seguir apresentam possíveis textos-alvo com base nas fontes acessíveis no perfil mencionado.

O exemplo analisado reúne diversos gêneros nativos digitais e os articula por meio de ferramentas tecnolinguageiras que integram navegação, multimodalidade, hipertextualidade e interatividade, formando um ecossistema textual coerente e funcional. Esses elementos não apenas organizam a comunicação, mas constroem sentidos de forma integrada e relacional — marca fundamental para o compósito de gêneros adotado nesta dissertação.

Em resumo, os gêneros do ambiente digital e os textos que os compõem estão sempre em interação com outras unidades semelhantes, embora cada uma tenha suas próprias características, propósitos comunicativos e contextos de produção. Essa interrelação constante se manifesta por meio de processos de intertextualidade, nos quais os textos se referenciam, se modificam ou se reorganizam a partir de outros já existentes, criando um fluxo contínuo de sentidos.

Nesse contexto, não apenas os gêneros dialogam entre si, mas também se adaptam às condições tecnológicas que os circunscrevem — como algoritmos, interfaces, formatos e limitações de plataforma — compondo o que a Linguística Textual contemporânea tem chamado de tecnodiscursividade. Assim, no ambiente digital, os gêneros não existem isoladamente, mas emergem e se desenvolvem em constante relação com um ecossistema digital amplo, heterogêneo e

6 De acordo com Paveau (2021), é o próprio enunciador quem realiza, de forma simultânea e dinâmica, os atos de escrita e leitura no contexto do ambiente digital.

interconectado, no qual cada produção textual pode ser ao mesmo tempo ponto de chegada e de partida para novas formas de enunciação.

4. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS À LINGUÍSTICA TEXTUAL BRASILEIRA: TECNODISCURSIVIDADE, INTERATIVIDADE, MULTIMODALIDADE E VIRALIZAÇÃO.

A abordagem dos gêneros nativos digitais, a partir da perspectiva dos tecnogêneros proposta por Paveau (2021), contribui significativamente para a compreensão das novas configurações textuais emergentes no ambiente digital, evidenciando a complexidade, a dinamicidade e a diversidade de práticas discursivas que se estruturam a partir das tecnologias de linguagem.

No entanto, para aprofundar a análise desses fenômenos no contexto da contemporaneidade é necessário articular essa perspectiva teórica com os princípios fundamentais da Linguística Textual brasileira, especialmente no que diz respeito à interatividade, à tecnodiscursividade, à multimodalidade e à viralização. Tais categorias não apenas complementam a visão dos gêneros ao explicitar as condições de produção e circulação textual no meio digital, mas também oferecem um instrumental analítico mais sensível às especificidades socioculturais e comunicativas em uso nas redes sociais.

4.1 Tecnodiscursividade e Interatividade

As práticas sociais são influenciadas por fatores como história, cultura, política, economia e o ambiente social de uma sociedade, podendo variar entre grupos e mudar com o tempo. Algumas práticas podem ser benéficas, enquanto outras precisam ser transformadas ou abandonadas. Assim, é fundamental uma análise crítica dessas práticas para entender as dinâmicas sociais e promover mudanças positivas. A interação social, seja em grupos ou individualmente, pode ser facilitada por ferramentas de comunicação como fala, escrita e gestos, e é impactada por fatores como valores sociais, cultura, religião, moral e condições econômicas, que afetam diretamente a qualidade das relações.

Nesta seção, abordaremos as noções de interação e interatividade, conceitos centrais à Linguística Textual, pois buscamos explorar e aprofundar as discussões que envolvem os gêneros nativos digitais. Ao nos debruçarmos sobre essas questões, focamos principalmente nos gêneros digitais, que surgem e se desenvolvem de forma específica no ambiente virtual. A interação entre os interactantes nesses ambientes pode ser caracterizada pela simultaneidade, pelo *feedback* constante e pela possibilidade de adaptação imediata da mensagem. Portanto, ao analisarmos os gêneros nativos digitais, buscamos compreender como essas novas formas de comunicação redefinem os

conceitos de interação e interatividade, refletindo as transformações das práticas sociais e comunicativas na era digital.

Cada área disciplinar investiga esse fenômeno – interação – de acordo com seus interesses analíticos, porém, para a nossa discussão, interessa-nos prioritariamente a definição proposta por Goffman (2014, p. 28), que a descreve como: “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações um dos outros, quando em presença física imediata”. Ou seja, a interação ocorre sempre em uma situação face a face, na qual um indivíduo adota uma postura com a intenção de influenciar o outro com quem está se comunicando. Essa concepção teve grande importância para os estudos sociológicos – especialmente no campo da microssociologia, que analisa as interações humanas a partir dos acontecimentos cotidianos, sendo ainda o conceito predominante em muitas áreas da comunicação.

Goffman (2014) é reconhecido como pioneiro por explorar uma perspectiva intimista das interações, concentrando-se em atos verbais e não verbais, como gestos, movimentos, trocas de olhares e expressões, para compreender a exteriorização do pensamento humano. Em sua abordagem, o autor descreve os elementos que compõem uma interação, atribuindo aspectos dramaturgos, fatores fundamentais nesse processo.

O autor estabelece uma analogia entre o teatro e a interação social, na qual o palco representa o espaço em que o indivíduo, denominado ator, desempenha um papel ao se apresentar, na tentativa de influenciar outros, chamados de participantes. A dinâmica entre ator e participante é fluida, alternando-se constantemente: o participante assume o papel de ator ao executar um desempenho, e o ator se torna participante quando o outro assume a fala. Essa encenação ocorre diante de um terceiro elemento, a plateia, composta por observadores que, embora não participem ativamente, influenciam a interação. Por fim, toda interação está inserida em um cenário, que corresponde ao contexto comunicativo estruturado, determinando os padrões de comportamento dos atores, participantes e observadores em cada situação comunicativa.

Na contemporaneidade, os indivíduos estão em constante processo de atualização de seus hábitos e comportamentos, o que pode resultar no desuso de determinadas práticas sociais e na emergência de novas formas de interação em um ciclo contínuo de transformações. Com o passar dos anos, assistimos à ascensão da era digital, que possibilitou a adaptação e criação de novas formas de interação. Se antes as interações se davam predominantemente de forma presencial, com amigos e familiares, hoje não é mais necessário o deslocamento físico para estabelecer comunicação. Por meio de dispositivos eletrônicos, como *smartphones*, *tablets* e *notebooks*, e com

um bom acesso à internet, é possível interagir com outros indivíduos de qualquer lugar. Nesse contexto, torna-se essencial integrar o meio tecnológico aos estudos interacionistas, uma vez que novos elementos foram introduzidos na dinâmica da interação.

Nesse sentido, Goffman (2014, p. 28), ao definir a interação como “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros”, em que o contato físico imediato se torna obrigatório, sugere uma dinâmica que difere do ambiente digital, por meio da qual a interação pode ser realizada sem a necessidade de contato físico, o que configuraria como uma divergência em relação ao modelo proposto pelo autor. Segundo Koch (2015), o texto é o lugar onde a interação se realiza. Com o surgimento da Web 2.0, tanto o texto quanto o fenômeno da interação precisam englobar elementos linguísticos e não linguísticos.

Em consonância à perspectiva da LT, não existe texto sem contexto. Cada interação é composta por elementos contextuais específicos como o histórico, as intenções dos interlocutores e as condições sociais envolvidas. A construção de sentido, nesse processo contínuo, é mediada por diversos fatores que se articulam entre si. Assim, embora o texto comporte uma gama de interpretações, isso não significa que qualquer leitura seja válida. Essa compreensão reforça a importância de, conforme Cavalcante *et al.* (2022, p. 17), “não desvincularmos a noção de texto e contexto”, uma vez que a produção de sentido transcende o que é explicitamente apresentado. Dessa forma, envolve não apenas a materialidade linguística, visual e sonora, mas também aspectos implícitos que exigem uma compreensão mais ampla do contexto sociocultural que está inserido.

Em uma situação interacional, a produção de sentidos não acontece de forma isolada, mas por meio da articulação entre múltiplos elementos. O caráter híbrido do texto, somado aos papéis sociais, às marcas dêiticas, às escolhas argumentativas, revela como os gêneros são moldados pelas condições de produção e pelas intenções dos interactantes. Essa compreensão reforça a premissa da LT de que o texto é uma unidade de sentido complexa, relacional e situada, atravessada por processos sociais, ideológicos e interacionais.

Para Paveau (2021), o termo “contexto” poderia ser substituído por “ambiente”, por este abranger o conceito de ambiente ecológico composto por elementos humanos e tecnológicos que influenciam a produção dos discursos. Por outro lado, Èmérit (2017) defende a conservação do termo “contexto”, já consolidado nas ciências linguísticas, argumentando que ele pode ser ampliado para abarcar a complexidade das produções digitais. Em alinhamento com Cavalcante, Brito e Oliveira (2021), adotamos a perspectiva de que a noção de contexto deve incorporar

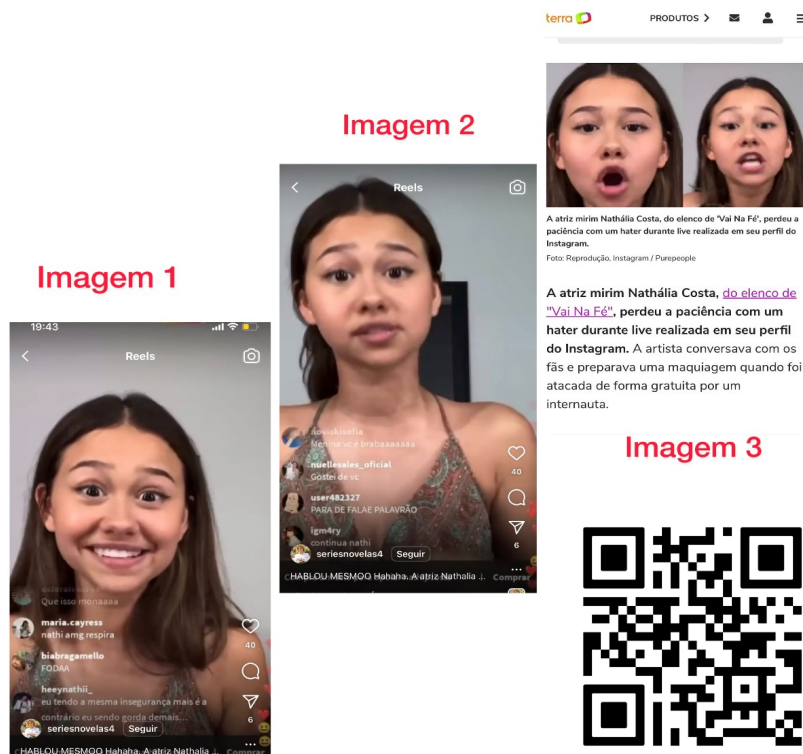
também a de ambiente, entendendo-o como um espaço que integra tanto as ações humanas quanto os processos tecnológicos.

Sob essa perspectiva, a análise textual não se limita à dimensão linguística, mas envolve a articulação entre elementos linguísticos e tecnológicos, considerando ainda os contextos sociais e históricos. Nesta dissertação, destacamos que a concepção de texto proposta por Paveau (2017), referência na *Análise do Discurso Digital*, difere da perspectiva adotada pela Linguística Textual defendida pelo grupo de pesquisa Prottexto — abordagem com a qual este trabalho se alinha. Para Paveau (2017), o texto está restrito à sua materialidade física, excluindo os fatores contextuais, enquanto o discurso integraria tanto essa materialidade quanto os elementos socioculturais e sócio-históricos.

Para justificar a perspectiva adotada, admitimos, com base nos pressupostos teóricos da Linguística Textual, a noção de discurso como um posicionamento “assumido em textos” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 28), entendido como uma manifestação de valores contextualizados. Discursos como o religioso, político ou acadêmico são reconhecidos por meio da memória coletiva e compartilhada pelos indivíduos. A LT não se concentra nos discursos isoladamente, mas na relação entre eles, na organização textual, na interação e na argumentação.

Desse modo, afirmamos, nesta dissertação, que o texto emerge e circula em contextos que integram fatores sócio-históricos e materiais, bem como os diversos elementos envolvidos nas interações, incluindo os discursos. Com o intuito de examinar a perspectiva defendida, propomos a análise das imagens a seguir, extraídas do ecossistema *Instagram* e do portal de notícias Terra:

EXEMPLO (3) – Captura de tela



Fonte: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/atriz-mirim-da-tv-globo-sofre-ataques-na-web-e-perde-a-paciencia-em-video-polemico-mrdinha,67f569481ad99a40e20d13704b9c5e77u2bwmew2.html>

Acesso em 19 de maio de 2025.

A rede social *Instagram* consolidou-se como um ambiente para o surgimento de novas formas de interação, ampliando as possibilidades de conexão entre os usuários. Funcionalidades como os vídeos curtos (*reels*) e as transmissões ao vivo (*lives*) têm sido cada vez mais utilizadas, contribuindo para que a rede se configure tanto como um meio de expressão pessoal quanto como um espaço profissional. Nas imagens apresentadas, a atriz mirim Nathália Costa aparece em seu perfil realizando uma transmissão ao vivo, durante a qual interagia com seu público ao relatar sua trajetória artística enquanto realizava uma automaquiagem. Nesse formato, a interação ocorre por meio de comentários, curtidas e reações (*emojis*), permitindo que, ao iniciar a *live*, o usuário receba mensagens de sua audiência, o que concretiza a interação entre os participantes mais dinâmica e direta.

A imagem 1 refere-se ao início da transmissão ao vivo realizada pela atriz, cuja expressão facial transmite simpatia e segurança. Nesse instante, ela se dirige aos espectadores da live, compartilhando aspectos de sua vida pessoal enquanto inicia uma automaquiagem.

Em seguida, os participantes começam a interagir por meio de comentários – por intermédio da área reservada para opiniões – que em sua maioria expressam concordância, apoio e até desabafos. Isso demonstra a expectativa de que seu auditório reforce e valide a postura assumida por ela durante a transmissão.

Em um dado momento da exposição, surge um comentário negativo de um terceiro, questionando a legitimidade de Nathália Costa como atriz ao afirmar que, uma vez que não detinha uma trajetória profissional consolidada no campo, ela não poderia ser considerada uma representante da classe. Embora pudesse ter ignorado o comentário, atriz manifesta uma reação de incômodo e prontamente se posiciona em resposta da seguinte forma: “Hoje, eu cansei, tá? Vou responder mesmo. ‘Carreira? Nem de atriz pode ser chamada.’ Então, seu capeta vai no Safari [navegador de internet para usuários de iPhone] e pesquisa ‘Nathália Costa que você vai ver escrito ‘Atriz’. Porque eu fui categorizada como atriz pela Globo! Pela Globo que é a maior emissora do país. Não só do país como da América Latina.”

A imagem 2 refere-se a esse período. A entonação das falas revela uma mudança significativa na postura da atriz diante da crítica recebida. Sua resposta, marcada por um retorno impulsivo, incorpora elementos de oralidade, emoção e defesa da identidade profissional. A escolha de palavras como “seu capeta” e o uso de imperativos “vai no Safari e pesquisa” indicam um momento de ruptura com a imagem previamente serena apresentada no início da live. Além disso, ao mencionar a categorização como atriz pela “Globo”, a locutora recorre a uma autoridade institucional reconhecida para legitimar sua identidade profissional, mobilizando uma estratégia argumentativa que busca reafirmar sua credibilidade diante do público.

Dessa forma, podemos perceber que a interação virtual vai além da necessidade de um encontro físico entre os interlocutores. Esse formato de comunicação possibilita a troca de informações independentemente da localização, sendo viabilizado por recursos tecnológicos que permitem uma interação rápida e fluida, como é o caso das redes sociais. Assim, mesmo sem a presença corporal, a interação comunicativa se mantém eficaz, reforçando a ideia de que, no ambiente digital, as situações interacionais podem ocorrer por meio de diversos recursos multimodais, efetivando os aspectos sociais e interacionais.

Nesse sentido, é importante compreender que o ambiente digital também pode seguir as mesmas normas e valores sociais que praticamos em interações presenciais, como o respeito mútuo. No exemplo em questão, o comentário ofensivo poderia ter sido evitado se não tivesse sido feito de maneira irônica. Além disso, princípios como educação, cooperação e solidariedade

poderiam ter sido adotados tanto pela pessoa que fez o comentário quanto pela atriz, a fim de prevenir o constrangimento.

Sob a perspectiva de Paveau (2021), esse exemplo integra o ambiente ecológico digital, em que elementos humanos (a atriz, o público, os comentários) e tecnolinguageiros (*Instagram*, recursos da live, *emojis* e curtidas) se entrelaçam para produzir sentidos, uma vez que a atriz mirim utiliza o sistema técnico como ferramenta para transmitir não apenas o que ela fala, mas também como os recursos técnicos permitem a interação síncrona com os demais. Por outro lado, segundo Èmerit (2017), o termo “contexto” permanece adequado desde que seja ampliado. Aplicando essa visão às imagens, percebe-se que o contexto da interação engloba tanto a situação de exposição da atriz diante do público quanto às respostas dos interlocutores, como “*nathi amg respira*” ou “*fodaa*”, evidenciando a dinâmica social própria das redes sociais.

Conforme a proposta de Cavalcante, Brito e Oliveira (2021), ao unirmos as duas perspectivas, compreendemos que o contexto da cena não se limita aos dizeres da atriz, mas envolve a interface digital, a mediação da câmera, a sincronicidade ao vivo, os efeitos da recepção (comentários e curtidas) e o modo como esses elementos influenciam mutuamente a produção dos textos. A expressão facial da atriz e sua resposta a um possível ataque verbal indicam um deslocamento emocional que é potencializado pelo meio digital, revelando que o ambiente virtual é também um espaço de performance e construção de sentidos dos textos.

Com isso, compreende-se que o texto não pode ser analisado dissociadamente das relações interacionais. A interação, portanto, está entrelaçada com a concepção de texto que assumimos, pois é a partir dela que se constroem sentidos, se negociam posições e se manifestam os discursos. Particularmente no ambiente digital, a presença do outro — ainda que mediadas por máquinas — é essencial para a construção do texto como um espaço de troca, posicionamento e produção coletiva de significados.

Muniz-Lima (2022, p.107), também dentro do âmbito dos estudos em Linguística Textual, revisita a noção de interação em ambientes digitais. A autora, concebe a interação como “um processo de coconstrução de sentidos, que se dá entre interlocutores humanos e/ou não humanos e que sofre interferência de um conjunto de aspectos.” Esses elementos variam conforme a mídia, o suporte, os níveis de interatividade e os sistemas semióticos mobilizados.

No ambiente digital, os recursos tecnolinguageiros participam ativamente dessa configuração, exigindo uma análise que ultrapasse a dicotomia entre oralidade e escrita. Essa

ampliação da visão interacional no contexto digital reforça a importância da interação para a definição de texto na linguística Textual brasileira.

Muniz-Lima (2022, p.123) defende a “interatividade como um aspecto tecnolinguageiro da interação que se refere aos diferentes modos de engajamento ativo entre interlocutores no processo de construção de sentidos, inclusive quando a máquina assume esse papel interlocutivo”. Em relação às interações em ambientes digitais, a autora introduz o termo “interatividade”, concebendo-o como uma característica ao mesmo tempo tecnológica e linguageira, que possibilita “ações diretas, ativas e síncronas entre interlocutores no processo de construção de sentidos” (p. 124). Isto é, refere-se à capacidade de reagir por meio dos recursos oferecidos por um determinado ecossistema digital. Nessa esfera, a interação pode apresentar níveis de interatividade, conforme três critérios: o grau de controle do conteúdo, o caráter dialógico e a sincronicidade.

A primeira noção refere-se ao controle de conteúdo, destacando a participação ativa dos interlocutores ao “controlarem ou reagirem de alguma forma aos textos que circulam em contexto digital” (Muniz-Lima, 2022, p. 168). Essa perspectiva evidencia que os indivíduos, ao editar, excluir ou compartilhar textos, influenciam diretamente na circulação, configuração e permanência dos conteúdos nos ambientes virtuais. No *Instagram*, por exemplo, os usuários podem editar legendas, apagar publicações, compartilhar *posts*, *reels*, *storys*, além de responder com diferentes recursos, como curtidas, comentários, reações e mensagens diretas (*directs*). Com um simples clique, os interlocutores decidem como desejam se posicionar diante do conteúdo, seja para apoiá-lo ou contestá-lo.

O aspecto dialógico diz respeito à alternância de falas nas interações online e à possibilidade de engajamento com os textos por meio de espaços direcionados aos comentários nas plataformas digitais. Esse movimento reforça o alto grau de interatividade, intensificado pela variável da sincronicidade – o tempo de resposta entre os participantes –, que pode indicar o nível de envolvimento na interação. No *Whatsapp*, por exemplo, há desde diálogos com trocas ágeis até situações em que a resposta se limita à visualização da mensagem.

Em consonância com Cavalcante *et al.* (2022, p. 80), a interação online ainda envolve um aspecto essencial na produção de textos, a mídia. Os autores defendem que:

Não podemos compreender mídia apenas como uma ferramenta ou como um simples mediador da interação, mas sim como a tecnologia (BONINI, 2011) que faz funcionar a produção, a transmissão e a circulação/disseminação do ato de linguagem.

Nesta dissertação, ao tratarmos dos textos produzidos em ambientes digitais, alinhamo-nos à perspectiva de Cavalcante *et al.* (2022), pois compreendemos que, nos espaços de comentários, os interlocutores – por meio de palavras, *hashtags*, *emojis*, *links*, compartilhamentos – participam ativamente da construção de sentidos. Desse modo, essas ações rompem com a concepção de que a mídia seria apenas um canal neutro. Alinhando-se à visão de Bonini (2011), entende-se que a mídia deve ser concebida como uma tecnologia que atua diretamente na produção, transmissão e circulação dos discursos. Dessa forma, essa abordagem destaca uma concepção da linguagem, na qual a materialidade tecnológica está imbricada ao ato comunicativo e às práticas sociais.

Retomando o nosso posicionamento de que o suporte seja concebido como um *locus* físico de aparecimento do texto Cavalcante *et al.* (2022, p. 81), compreendemos que ele exerce um papel determinante na construção de sentidos. A limitação de funcionalidades em determinados dispositivos, como o uso do *Instagram* via computador, impacta diretamente os modos de engajamento possíveis dos interlocutores. Assim, evidenciamos que a interação não depende apenas dos indivíduos, mas também dos mecanismos materiais que compõem o ambiente digital.

Paveau (2021, p. 57) denomina de tecnodiscursos as produções desenvolvidas e disseminadas no ambiente digital, construídas a partir das ferramentas disponibilizadas pelas mídias. Em alinhamento com Cavalcante *et al.* (2022, p. 82), entendemos que essas produções não devem ser concebidas como simples “textos” ou “discursos”, “mas sim, de um pressuposto de que um pressuposto de os atos de linguagem”, entrelaçadas aos recursos tecnológicos das máquinas, formando o que se pode chamar de “tecnodiscursividade”.

Sob essa perspectiva, ao abordarmos as produções nativas digitais da tecnodiscursividade, optamos por adotar o termo “tecnotexto”, conforme proposto por Duarte e Muniz-Lima (2020, 2021), por estarmos ancorados nos fundamentos da Linguística Textual. Assim, as “produções elaboradas on-line” (Paveau, 2021, p. 28), são compreendidas, neste trabalho, como textos nativos digitais.

A ampliação da visão acerca das interações no ambiente digital revela-se fundamental para a análise da organização dos gêneros em compósitos. Para tanto, é imprescindível que essa investigação considere as características próprias das produções nativas digitais no contexto da tecnodiscursividade. Nessa direção, a Linguística Textual, apoiando-se na perspectiva de Paveau (2021), defende que no contexto digital online, a linguagem não pode ser analisada de forma dissociada dos elementos tecnológicos que a constituem.

Com base nessa concepção, compreendemos que a interação se realiza por meio de uma encenação específica, que envolve não apenas a participação ativa dos interlocutores – com projeções de si e dos outros –, mas também os papéis sociais assumidos, os propósitos comunicativos, bem como a organização e as funções desempenhadas pelos gêneros nesse contexto. Embora tais configurações também estejam presentes em interações não digitais, isso não exclui a possibilidade – ao contrário, até potencializa – que ocorram igualmente (ou de forma intensificada) nas interações mediadas digitalmente, onde os recursos tecnolinguageiros ampliam as formas de performatividade, exposição e resposta dos sujeitos envolvidos.

4.2 A multimodalidade na constituição dos gêneros nativos digitais

A intensificação das interações no ambiente digital, potencializada pelos recursos tecnolinguageiros, revela um cenário comunicativo em que a performatividade e a construção de sentidos se articulam de forma ampliada. Nesse contexto, ganha destaque um componente central da produção de sentido nos ecossistemas digitais: a multimodalidade.

Ao integrar diferentes modos semióticos — como linguagem verbal, imagens, sons, vídeos, *emojis*, tecnobotões, arrobas (a) —, a multimodalidade não apenas enriquece a comunicação, mas se torna fundamental para a constituição dos gêneros nativos digitais.

É justamente essa contribuição expressiva e funcional da multimodalidade que será explorada na próxima seção, com o objetivo de compreender como ela opera na configuração desses novos formatos textuais próprios do ambiente virtual.

Neste trabalho, buscamos investigar como os gêneros se constituem no ambiente digital. Para isso, interessa-nos analisar a função dos elementos multissemióticos na formação dos gêneros. Esses aspectos vêm sendo discutidos por pesquisas que, tradicionalmente, adotam uma perspectiva dualista da linguagem, isolando as ações humanas das não-humanas. Em contraste com essa visão, nossa investigação adota a abordagem da ecologia discursivo-digital, com o intuito de contribuir para os estudos da Linguística Textual, ao considerar os sistemas semióticos presentes nos textos e enfatizar o caráter híbrido dos atos de linguagem no âmbito da tecnodiscursividade.

Muniz-Lima (2022, p. 230) argumenta que, nas interações realizadas em ambientes digitais online, é necessário considerar os aspectos languageiros que se articulam com os recursos tecnológicos, incluindo o tipo de mídia, o tipo de suporte, os níveis de interatividade e os diferentes sistemas semióticos. Neste subtópico, analisamos a função dos elementos semióticos presentes nos tecnotextos que constituem os gêneros que circulam em contexto digital online.

Para isso, utilizamos um *reels* publicado no perfil do *Instagram* @greengodictionary, logo após a vitória do filme brasileiro “Ainda Estou Aqui” na cerimônia do Oscar 2025 (*Academy Awards*).

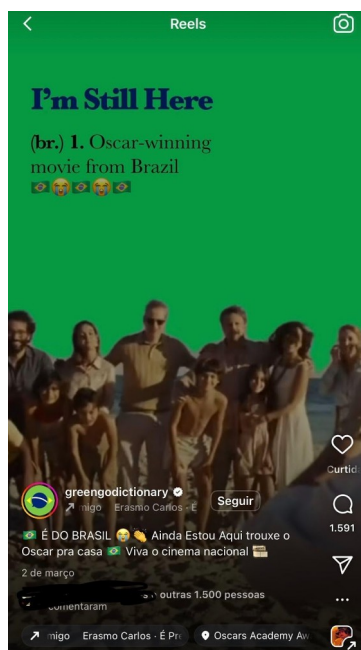
A escolha desse exemplo justifica-se não apenas por sua atualidade e relevância sociocultural, mas também por evidenciar de forma clara como os gêneros nativos digitais incorporam múltiplos modos de significação. Nesse *reels*, observamos a combinação estratégica de som, legenda, imagem em movimento, *emojis* e texto verbal, compondo um enunciado multissemiótico que não apenas informa, mas também engaja o público por meio da afetividade, da interatividade e da estetização discursiva. Assim, buscamos compreender de que maneira esses elementos se articulam na constituição do compósito de gêneros, contribuindo para sua eficácia comunicativa e seu alcance em ambientes digitais altamente dinâmicos e sensíveis à viralização.

Nesse sentido, torna-se evidente que a eficácia comunicativa dos gêneros nativos digitais não está apenas na seleção de conteúdos, mas sobretudo na maneira como diferentes modos de significação são integrados de forma coesa e estratégica. A combinação entre elementos visuais, sonoros, verbais e cinéticos permite que os textos dialoguem simultaneamente com múltiplos sentidos e expectativas do público, favorecendo a amplificação de sua recepção e o potencial de viralização.

Além disso, essa articulação multissemiótica é fortemente condicionada pelas lógicas dos ecossistemas em que os gêneros circulam, exigindo que os produtores de conteúdo ajustem constantemente suas escolhas expressivas às *affordances* — conceito originalmente criado pelo psicólogo James J. Gibson (1979), no âmbito da psicologia ecológica, e posteriormente adaptado para o design, a comunicação digital e os estudos de mídia. Em termos gerais, *affordances* referem-se às possibilidades de ação oferecidas por um ambiente, objeto ou tecnologia, ou seja, ao que uma plataforma digital “permite” ou “facilita” que o usuário faça.

Essas possibilidades estão estreitamente ligadas às funcionalidades técnicas e aos algoritmos específicos de cada ambiente digital, o que influencia diretamente a forma como os gêneros são construídos, distribuídos e recebidos. Assim, a compreensão dos gêneros digitais requer uma análise atenta não apenas à sua materialidade textual, mas também aos fatores contextuais, tecnológicos e interacionais que moldam sua produção, circulação e recepção. Desse modo, observemos o exemplo a seguir:

EXEMPLO (4) – Captura de tela extraída do reels



Fonte: *Instagram* (@greengodictionary)

Acesso em 15 maio de 2025.

A captura de tela retirada de um *reels* do perfil @greengodictionary, no ecossistema *Instagram*, apresenta uma composição multissemiótica que evidencia o caráter multimodal e tecnodiscursivo dos gêneros nativos digitais. Nesse contexto, os elementos verbais, imagéticos, sonoros e simbólicos atuam de forma integrada para construir sentidos, engajar público e afirmar identidades socioculturais.

Elencamos a postagem, referente à celebração da vitória do filme brasileiro “Ainda Estou Aqui” no Oscar de 2025 (*Academy Awards*), para ilustrar como a tecnodiscursividade mobiliza diferentes recursos para realizar determinadas situações comunicativas, neste caso, demonstram-se a emoção e o orgulho nacional em relação à dramaturgia brasileira.

O vídeo é composto por uma junção de diversas cenas do filme nacional, em que o título do filme em inglês – *I'm still here* – está em destaque tipográfico (negrito e azul), colocado no topo da tela, marcando a centralidade visual como elemento simbólico ao conteúdo.

A legenda abaixo do título: “(br.) 1. Oscar-winning movie from Brazil”, reproduz a estrutura de um verbete de dicionário, enfatizando o tom cômico, criativo e informativo da postagem. A expressão “(br.)” sugere um glossário de traduções ou expressões específicas do Brasil, marcando a identidade nacional.

Em relação aos aspectos visuais, observa-se o uso de um fundo verde vibrante, característico das postagens do perfil analisado, que contribui para a identidade visual da rede social específica. Sobre esse fundo, estão inseridos recortes de algumas cenas do filme criando uma atmosfera simbólica de afeto e superação que dialogam com a narrativa do longa-metragem e reforçam o sentimento de vitória e reconhecimento internacional. Enfatizamos que a combinação entre o *layout* fixo e as cenas móveis chama a atenção de modo atrativo dos interlocutores.

Além disso, os *emojis* da bandeira brasileira, de rostos chorando de emoção e de palmas contribuem para intensificar os sentidos da postagem, funcionando como marcadores visuais de afeto, nacionalidade e celebração. O *emoji* de claquete, por sua vez, situa o campo cinematográfico do conteúdo e auxilia a ambientar o público no universo do filme. Esses elementos tecnolinguageiros, comuns no ambiente digital, não apenas complementam o aspecto verbal, mas muitas vezes o substituem, participando ativamente do processo de significação dos sentidos.

Por fim, o componente sonoro, representado pela música “É preciso dar um jeito, meu amigo”, do cantor Erasmo Carlos, amplia ainda mais a multissemiose da esfera digital. A escolha da trilha musical está relacionada diretamente com o enredo do filme, ativando a memória afetiva e cultural dos interlocutores, promovendo uma experiência de sensibilidade com o enredo do filme. Em suma, constatamos que o *reels* analisado é um exemplo que mobiliza diversos sistemas semióticos para produzir um discurso emocional, humorístico e identitário, demonstrando como os gêneros nativos digitais operam na ecologia discursivo-digital, permitindo sentido que só podem ser plenamente capturados pela leitura conjunta dos elementos multimodais.

Ainda que o locutor considere utilizar apenas a linguagem verbal ou visual, o tecnotexto articula, por meio dos recursos disponibilizados pelas plataformas digitais, simultaneamente diferentes semioses – como a verbal, visual, tátil (relacionada ao de ferramentas digitais) e, como na postagem observada, a sonora. Todas essas semioses devem ser interpretadas de forma integrada

e com igual relevância, pois é na convergência entre elas que os sentidos são produzidos e transformados.

Dessa forma, compreendemos que a inserção de tecnobotões, imagens, sons, legendas verbais e *emojis* é característica dos gêneros nativos digitais e evidencia o hibridismo humano-máquina. Em consonância com Martins (2024, p. 124), acreditamos que:

No contexto digital, de modo ainda mais amplo, estamos diante de uma multiplicidade de sistemas semióticos, e, por isso, observar não só as semioses verbal, oral e escrita, mas também a imagética (estática e dinâmica), a gestual e a sonora são fundamentais para a compreensão do que está sendo construído nessas interações, seja entre humano-humano, seja entre humanos com interferência da máquina (os algoritmos, por exemplo), seja entre humanos e máquinas ou computadores de forma direta.

Compreendemos a complexidade das interações no ambiente digital ao consentirmos que há a presença de uma pluralidade de modos semióticos que transcendem as visões tradicionais das formas verbais e escritas. Nesse sentido, a perspectiva de Martins (2024) é fundamental para a compreensão dos gêneros nativos digitais, pois tais gêneros emergem justamente em um ambiente comunicativo em que as semioses verbal e escrita não atuam isoladamente, mas se articulam com elementos visuais, gestuais e sonoros, formando um todo integrado.

Nossa principal evidência é a de que a multimodalidade desempenha um papel central na formação dos gêneros nativos digitais na tecnodiscursividade, pois estão constituídos de múltiplas semioses. Essa multiplicidade não apenas amplia as possibilidades de construções de sentidos, como também redefine os modos de produção e recepção dos textos digitais. Portanto, defendemos que a multimodalidade se configura como um princípio estruturante dos gêneros no ambiente digital, sendo essencial para a análise das práticas sociais contemporâneas, sobretudo porque revela a natureza híbrida entre humano e máquina.

4.3 O fenômeno da viralização como força estruturante do composto de gêneros digitais

Com a instantaneidade proporcionada pelo compartilhamento de conteúdos digitais, observa-se que determinados assuntos alcançam ampla disseminação e permanecem em circulação por longos períodos – em alguns casos, por anos –, revelando a vivacidade e a durabilidade do fenômeno da viralização, impulsionado por fatores como a multimodalidade, a interatividade, os algoritmos e as práticas de compartilhamento das ideias dos usuários. Consideramos esse aspecto como um dos mais significativos nas comunicações contemporâneas em contextos online marcados pela alta competitividade pela atenção.

Acesso em 19 de maio de 2025.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RyLHtphyHR4&t=88s>.

A imagem foi capturada do programa “*De Frente com Blogueirinha*”, transmitido pelo canal DiaTV e veiculado no *YouTube*. O acontecimento em destaque refere-se a uma entrevista realizada em 2023, com a atriz brasileira Bruna Marquezine (temporada 2, episódio 27), que já atingiu 4,6 milhões de visualizações. A proposta do programa se inspira em entrevistas tradicionais, como podemos observar pela composição estrutural das vestimentas formais, da bancada bastante reconhecida em telejornais e o fundo com tons mais escuros. Embora contenha aspectos que retomam elementos habituais, as apresentações são permeadas pelo humor ácido e performativo do ator Bruno Matos – criador da personagem Blogueirinha –, que satiriza formatos jornalísticos ao mesmo tempo que aborda temáticas sobre mídia, fama e comportamento social.

Em determinado momento da entrevista, a personagem Blogueirinha costuma realizar uma espécie de perguntas curtas e diretas ao entrevistado, exigindo respostas rápidas e, muitas vezes, provocativas sobre situações pessoais ou temas embaraçosos. Nesse sentido, a pergunta que viralizou foi a frase “*Um livramento?*”, pronunciada com entonação irônica e expressividade cômica, após a convidada, Bruna Marquezine, ter vivenciado uma ruptura negativa em um relacionamento amoroso passado.

Ao gerar mais de 7 mil comentários, como ilustrado no exemplo 5, um deles aparece em destaque na imagem: “– *Um livramento? KKKKKKKKK (emoji representando uma voz expressiva) a melhor pergunta até hj, melhor do mundoo*”. Esse comentário reforça o fenômeno viral do conteúdo, demonstrando como falas marcantes reverberam nas redes sociais.

O uso da expressão, nesse contexto, também fortalece o tom humorístico e debochado da personagem Blogueirinha, ao sugerir, com apenas duas palavras, um julgamento implícito sobre a situação aludida. A partir dessa circunstância, as palavras tornaram-se um bordão que rapidamente se espalhou pelas redes sociais, sendo ressignificado em diferentes situações cotidianas como forma de expressar alívio ou até sarcasmo diante de eventos considerados problemáticos.

Para seguirmos com a análise, consideramos relevante destacar que, em conformidade com Cavalcante *et al.* (2022, p. 180), as mídias e seus suportes materiais são “meios que ao se organizarem em sistemas no ambiente digital e ao definirem perfis de modos de interação, constituem verdadeiros ecossistemas, como menciona Émérit (2017).

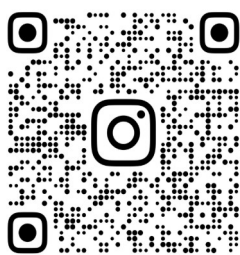
Por isso, nesta dissertação, adotamos o termo ecossistema para referir-nos ao *Youtube*, *Instagram*, *Whatsapp*, entre outros, pois, ao considerarmos elementos como modos de aparecimento dos textos, sua relação com outros, as formas de circulação e as expectativas de

recepção, queremos evidenciar que os ecossistemas são ambientes dinâmicos regulados por normas de uso, práticas sociais e estratégias comunicativas específicas.

Sob essa perspectiva, a viralização do bordão “*Um livramento?*”, originalmente proferida na entrevista analisada acima, no ecossistema *Youtube*, foi posteriormente amplamente difundida no ecossistema *Instagram* em variados formatos como vídeos curtos, figurinhas, *gifs* e memes evidenciando o caráter transformador da construção de sentidos dos textos.

Compreendemos que, tratando-se dos gêneros nativos digitais, “a influência do ambiente se evidencia mais profundamente em suas configurações” (Cavalcante *et al.* 180), pois esses gêneros são inseparáveis das condições tecnológicas, sociais e interacionais da internet, já que o ambiente atua como coautor na produção e no funcionamento dos tecnotextos. Nesse sentido, observemos as capturas de telas abaixo, retiradas de um *reels* elaborado unicamente a partir do recorte do momento em que a pergunta viralizada foi feita pela Blogueirinha à atriz Bruna Marquezine:

EXEMPLO (6) – captura de tela extraída do *reels*



REEL COMPARTILHADO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2023

Fonte: *Instagram* (@blogueirinha)

Acesso em 16 de maio de 2025.

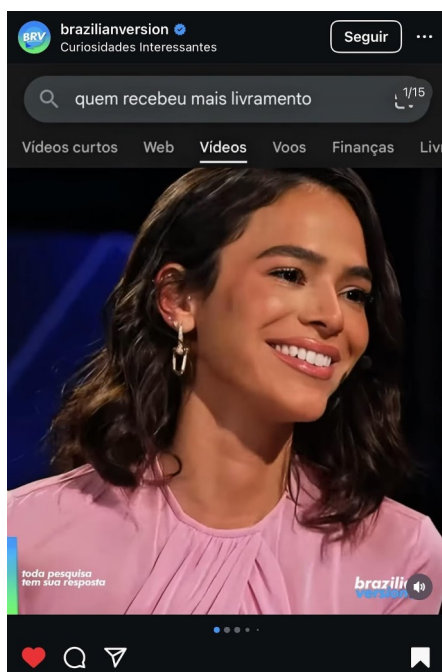
Conforme Cavalcante *et al.* (2022, p. 180), “os gêneros são praticados, a nosso ver, dentro desses ecossistemas”. A fala “Um livramento?” foi, inicialmente, integrada no conjunto de gêneros que compõem a entrevista específica veiculada no *Youtube*. No entanto, devido à contemporaneidade e à possibilidade de reconfiguração das convenções sociais, a situação comunicativa foi deslocada e ressignificada no mesmo ecossistema *Instagram*, assumindo novos propósitos comunicativos.

O exemplo 6 refere-se a uma postagem publicada pela personagem Blogueirinha, após a entrevista com Bruna Marquezine, acompanhada da legenda “Qual livramento vocês tiveram em 2023?”, a qual sugere uma ativação da memória discursiva do público em relação ao bordão. Além disso, o *reels* possibilita a ressignificação do acontecimento específico com a atriz, permitindo que os interlocutores também se reconheçam em situações emblemáticas de suas próprias vidas.

Embora a entrevista analisada tenha sido publicada em 2023, o bordão “Um livramento?” continua sendo amplamente recuperado e ressignificado em diferentes contextos nas redes sociais. Conforme a perspectiva da Linguística Textual, os exemplos em diferentes ecossistemas confirmam a visão de Cavalcante *et al.* (2022, p. 180) de que os gêneros devem ser analisados “pelo seu funcionamento nas interações dos ecossistemas e por suas relações com outros gêneros”. A permanência da viralização de “Um livramento?” demonstra como os tecnotextos podem se destacar e sobreviver atemporalmente, sendo reutilizados em novos formatos, mantendo sua relevância comunicativa mesmo fora de seu evento original.

Cabe observar, contudo, que esse fenômeno de permanência e reatualização não se restringe apenas aos tecnotextos: outros gêneros, como *slogans* publicitários, manchetes jornalísticas ou falas icônicas de entrevistas, também podem ultrapassar seu contexto de origem e adquirir nova força em situações posteriores, contribuindo para a construção de sentidos compartilhados na cultura digital.

Vejamos outro exemplo de uma postagem realizada pelo perfil *@brazilianversion*, no ecossistema *Instagram* em 2025:

EXEMPLO (7) – Captura de tela extraída do *post* de *Instagram*

Fonte: *Instagram* (@brazilianversion)
Acesso em 19 de maio de 2025.

O exemplo 7 ilustra a reconfiguração da expressão “Um livramento?” fora de sua situação original — a entrevista entre Blogueirinha e a atriz Bruna Marquezine —, realizada em 2023. Nesse novo *post*, o trecho viralizado no programa é inserido em uma sobreposição de uma barra de pesquisa – recurso comum em *sites* como o Google – contendo a pergunta: “quem recebeu mais livramento?”. A composição visual e textual do *post* constrói um novo sentido para o bordão, que, originalmente, tinha tom interrogativo e irônico, mas passa a funcionar quase como uma afirmativa ou resposta implícita.

A presença da imagem de uma figura específica (sugerida pelo *post*) após a pergunta sugere que aquela pessoa é justamente a que “recebeu mais livramento”, reforçando a ideia de que o enunciado assume um caráter afirmativo e interpretativo, como se o conteúdo estivesse apresentando uma conclusão baseada em julgamentos compartilhados socialmente.

Tal acontecimento tornou-se tão marcante no ambiente digital que, mesmo com apenas a expressão facial sorridente da atriz e a palavra “livramento”, já se provoca um reconhecimento imediato, ativando a memória intertextual dos interlocutores familiarizados com o episódio. Essa apropriação confirma a capacidade dos tecnotextos de se resignificarem ao circular em novos contextos, ativando sentidos variados por meio da articulação entre recursos verbais, visuais e culturais amplamente reconhecidos nas práticas comunicativas digitais.

Ressaltamos ainda que, mesmo que alguns usuários não identifiquem a origem da viralização ou o contexto da entrevista, não anula o fato de que outros interlocutores podem recuperar os sentidos implicados a postagem, garantindo a continuidade da circulação e da resignificação dos sentidos nos tecnotextos. Corroboramos com Martins (2024, p. 124) que afirma que:

Os textos sempre correspondem a uma interação entre um eu e um tu (e prováveis terceiros), estruturam-se de acordo com as práticas por meio de gêneros, eles, necessariamente, acontecem por meio do cenário dêitico criado nos circuitos comunicativos.

A afirmação da autora ressalta o caráter dialógico da linguagem, conforme proposto por Bakhtin (2011), segundo o qual cada texto emerge de uma situação concreta de interlocução, mesmo que implícita, sendo moldado pelos papéis sociais dos participantes. Concordamos com a visão de que os gêneros não são apenas formas estáveis de organização textual, mas também convenções sociocomunicativas.

Além disso, a compreensão que há um campo dêitico nas situações comunicativas reforça a importância de que o texto está situado no tempo, no espaço e na identidade dos interlocutores. Assim, assumimos que todo texto é, simultaneamente, produto e produtor de relações sociais, situado em um espaço-tempo específico e atravessado por marcas de subjetividade – aspecto fundamental para a análise dos gêneros e seus modos de significação.

Portanto, a postagem analisada funciona como um tecnotexto que se ancora no acontecimento digital, atualizando seu propósito comunicativo ao evocar novas interpretações. Defendemos que essa possibilidade de circulação reforça a ideia de que no âmbito digital, os gêneros e seus sentidos não estão fixos, mas sim em constante reconstrução – a depender da mídia, do suporte, dos recursos tecnológicos dos ecossistemas, dos interlocutores envolvidos, dos contextos e das estratégias enunciativas empregadas.

Com a instantaneidade proporcionada pelos ambientes digitais e suas lógicas algorítmicas, observa-se que determinados conteúdos alcançam ampla disseminação e permanecem em

circulação por longos períodos — em alguns casos, por anos —, revelando a vivacidade e a durabilidade do fenômeno da viralização.

Entendemos por viralização o processo pelo qual um conteúdo — seja ele texto, imagem, vídeo, áudio, meme ou interação — se dissemina em alta velocidade e com grande alcance por meio das redes digitais, impulsionado por práticas de compartilhamento, remixagem, engajamento emocional e reforço algorítmico. Tal como um “vírus”, esse conteúdo ultrapassa os limites do evento original, ganha nova vida em diferentes ecossistemas, e torna-se objeto de reaproveitamentos sucessivos, que vão da ironia ao comentário afetivo, do remix visual à paródia textual.

Esse fenômeno, longe de ser acidental ou efêmero, constitui uma dinâmica estruturante do compósito de gêneros digitais. De acordo com Cavalcante *et al.* (2022), os gêneros nativos digitais não podem ser compreendidos fora dos ecossistemas onde circulam, pois são configurados em estreita relação com os suportes, com as práticas de circulação e com os modos de recepção — o que implica que o ambiente digital atua como coautor dos textos. Assim, a viralização opera como um mecanismo dinâmico de reconfiguração genérica, atravessando suportes, linguagens, públicos e propósitos comunicativos.

Corroborando com Muniz-Lima (2024, p. 159), o fenômeno da viralização permite que frases, vídeos ou gestos sejam replicados e apropriados por diferentes interlocutores em curto espaço de tempo, favorecendo a construção de relações intertextuais criativas, plurifuncionais e tecnodiscursivamente performadas. A viralização torna-se, portanto, um indicador de relevância cultural, capaz de reforçar discursos, ironizar comportamentos ou dar visibilidade a determinadas tendências.

No compósito de gêneros digitais, conteúdos que viralizam são constantemente recortados, legendados, parodiados e ressignificados em outros gêneros, ampliando seu campo dêitico e ativando memórias discursivas dos interlocutores. O exemplo da pergunta “Um livramento?”, originada na entrevista de Bruna Marquezine no programa “De Frente com Blogueirinha”, ilustra esse processo: o trecho viralizado deixa de pertencer exclusivamente ao gênero “entrevista de humor” e passa a circular como bordão, meme, *sticker*, *reels*, legenda provocativa e postagem interativa, compondo assim diferentes arranjos genéricos nos quais o sentido inicial é preservado, reconfigurado ou subvertido.

Como já salientamos, de acordo com Martins (2024, p. 124), os textos digitais se estruturam a partir da interação entre um “eu” e um “tu” (e prováveis terceiros), ancorados em campos dêiticos

construídos nos circuitos comunicativos. A viralização expande esse campo ao envolver participantes anônimos e criadores múltiplos, todos contribuindo para o prolongamento e a transformação do evento textual inicial.

Dessa forma, defendemos que a viralização não apenas impacta o modo como os gêneros nativos digitais são consumidos, mas é um dos elementos constitutivos dos compósitos de gêneros nativos digitais, pois torna possível a coexistência de múltiplas versões de um mesmo conteúdo, ativando memórias, mobilizando afetos e produzindo novas camadas de significação. A respeito do imbricamento entre viralização e gêneros digitais, vejamos o quadro seguinte:

QUADRO SÍNTESE: a viralização no compósito de gêneros digitais

Dimensão	Descrição	Exemplos	Relação com o compósito de gêneros
Definição	Disseminação massiva, veloz e contínua de um conteúdo em múltiplos ecossistemas digitais.	Frases, bordões, memes, vídeos, gestos.	Insero o conteúdo em redes de remediação e reaproveitamento, tornando-o um núcleo reorganizador de novos gêneros.
Agentes de ativação	Algoritmos, afetos, engajamento, interatividade, plataformas.	Comentários, curtidas, <i>reposts</i> , duetos, <i>remixes</i> .	A viralização é retroalimentada pelos sistemas algorítmicos e pela prática discursiva dos usuários.
Efeitos enunciativos	Deslocamentos de sentido, reinterpretações, ironias, reaproveitamentos.	Humor, denúncia, empatia, crítica social.	Gera compósitos híbridos com múltiplos propósitos comunicativos e vozes enunciativas.
Circulação entre ecossistemas	Migração entre plataformas, com ressignificação progressiva.	<i>YouTube</i> → <i>Instagram</i> → <i>TikTok</i> → <i>WhatsApp</i> .	Mostra que os gêneros são multimodais e interplataforma, estruturando-se em função do ecossistema e do suporte.
Relação com o campo dêitico	Ativação de memórias coletivas e construção de comunidades discursivas.	“Um livramento?”, “É sobre isso”, “Se tiver coragem, me responde.”	Amplia os interlocutores e reposiciona os sujeitos discursivos em função de novas situações enunciativas.
Papel na formação de compósitos	Núcleo articulador de gêneros diversos, com reaproveitamento expressivo e funcional.	Entrevista + <i>reels</i> + meme + comentário + paródia.	Cria conjuntos de gêneros imbricados que compartilham um mesmo evento discursivo transformado.

A partir do quadro síntese apresentado, é possível compreender a centralidade da viralização na constituição do compósito de gêneros digitais. Como se observa, o fenômeno não se restringe à mera repetição ou popularização de um conteúdo, mas se configura como um mecanismo de

rearticulação enunciativa, que atravessa diferentes plataformas e modula os sentidos conforme as condições de produção, circulação e recepção de cada ecossistema digital.

O quadro evidencia que a viralização atua como força organizadora, capaz de reunir, em torno de um mesmo acontecimento discursivo, múltiplos gêneros (entrevista, *reels*, comentário, meme, bordão), cada um com sua forma e finalidade comunicativa. Essa reunião, marcada por deslocamentos e ressignificações, é precisamente o que caracteriza o compósito de gêneros: um arranjo dinâmico e interdependente de formas textuais que compartilham uma matriz enunciativa comum, ainda que reformulada.

Além disso, como mostram os efeitos enunciativos, o conteúdo viralizado não permanece estático. Ele passa a operar como um significante flutuante, sendo apropriado por diferentes sujeitos, atualizado por novas vozes e reinscrito em distintas situações de fala — o que reforça seu papel como produtor de redes referenciais e ativador de campos dêiticos expandidos, conforme propõe Martins (2024). Isso permite que o mesmo trecho, como “Um livramento?”, funcione como humor, denúncia, empatia ou crítica social, a depender da interação em que se insere.

Por fim, a viralização exemplifica de maneira contundente a lógica de funcionamento dos gêneros no ambiente digital: nômades, performáticos, tecnodiscursivos e atravessados pela interatividade, os gêneros que integram o compósito digital refletem como a linguagem é continuamente reformulada por suas condições de aparecimento. Ao integrar-se ao compósito de gêneros, a viralização atualiza sentidos, amplia interlocuções e reposiciona os sujeitos envolvidos nas interações.

Desse modo, defendemos que a viralização não é um mero efeito colateral das redes, mas um componente estruturante da textualidade digital, sendo fundamental para a análise dos gêneros contemporâneos e das estratégias enunciativas que neles se mobilizam.

Com base nas reflexões teóricas apresentadas até aqui, compreendemos que fenômenos como a interatividade, a multimodalidade, a tecnodiscursividade e, sobretudo, a viralização, são elementos que reconfiguram a maneira como os gêneros se organizam, circulam e produzem sentido nos ecossistemas digitais.

Essa compreensão sustenta a necessidade de uma abordagem analítica sensível às especificidades do meio digital e aos modos de coabitação e articulação entre diferentes gêneros em uma mesma página ou plataforma. A partir dessa perspectiva, passamos à descrição da metodologia adotada nesta pesquisa, detalhando os procedimentos de seleção do corpus, os critérios de análise e

os fundamentos teórico-metodológicos que orientam a investigação do compósito de gêneros no ecossistema *Instagram*.

5. METODOLOGIA

5.1 Caracterização da pesquisa

O universo digital tem provocado transformações significativas na forma como os gêneros são produzidos, compartilhados e apropriados socialmente. Fatores como a multimodalidade, a interatividade e a viralização, ampliam o alcance e a ressignificação dos padrões de textos. A concepção contemporânea de gêneros, conforme adotada nesta pesquisa e adotada por Cavalcante et al. (2022, p. 174), de que “não é o texto que é relativamente estável, mas o gênero”, desloca o foco da estabilidade textual para a estabilidade relativa do gênero, pois o compreendemos como reflexo de práticas sociais que se atualizam constantemente. Sob essa perspectiva, argumentamos que o gênero não deve ser compreendido como um molde fixo que acomoda textos, mas como uma construção social que se tipifica a partir de usos recorrentes e contextuais.

Com base nos estudos contemporâneos em Linguística Textual, nesta pesquisa, defendemos que diversos gêneros podem coexistir em uma mesma página digital e que, articulados entre si, formam uma unidade textual mais ampla do que cada gênero isoladamente, configurando-se como um compósito de gêneros. Buscamos compreender como diferentes formas de organização dos gêneros interagem no ambiente digital, compondo estruturas que respondem a finalidades comunicativas específicas.

Assim, a metodologia empregada visa identificar e analisar esse agrupamento, considerando suas relações funcionais, os suportes tecnológicos em que se inserem e os efeitos de sentido que produzem em conjunto.

Dentre as noções de gêneros apresentadas na literatura, os estudos recentes em Linguística Textual propõem uma ampliação das concepções, considerando o ambiente digital como aspecto constitutivo na formação e adaptação dos gêneros. De acordo com Marconi e Lakatos (2001), a presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, uma vez que se baseia na análise de produções acadêmicas já existentes sobre o tema, com o objetivo de tratar de forma clara as definições dos conceitos centrais, embasando as discussões teóricas que sustentam a investigação. Nesse sentido, este estudo se trata de uma pesquisa qualitativa e descritiva, focada na análise do agrupamento denominado de compósitos de gêneros no ambiente digital.

O estudo busca compreender as formas de organização e interação entre os gêneros que coexistem em uma página web, especialmente em plataformas digitais como o *Instagram*,

utilizando os pressupostos teóricos da Linguística Textual brasileira. Para evitar interpretações equivocadas, esclarecemos que o termo “página web inicial” é aqui entendido como página inicial do aplicativo *Instagram*, isto é, o ambiente de entrada da plataforma em que são exibidas as publicações mais recentes e relevantes para o usuário, de acordo com a lógica algorítmica de organização do conteúdo.

A abordagem qualitativa é justificada pelo interesse em entender as dinâmicas internas dos textos e gêneros digitais no tecnodiscurso. Assim, realizaremos uma investigação descritiva de caráter exploratório, com o objetivo de descrever os agrupamentos de gêneros, que estamos denominando de *compósito de gêneros*. Para alcançar esse objetivo, será necessário examinar outros agrupamentos de gêneros presentes no ambiente digital para evidenciar nossas diferenciações.

Para que nosso objetivo geral fosse alcançado, seguimos as seguintes ações: i) observamos como os recursos de multimodalidade, interatividade e viralização operam nos ecossistemas digitais, configurando novas dinâmicas de produção e circulação textual; ii) analisamos as distintas formas de organização presentes nos agrupamentos de gêneros com base no programa teórico metodológico da Linguística Textual e iii) consideramos aspectos como a página web inicial, as condições de produção dos textos, os gêneros com os quais coabitam, o auditório previsto, os propósitos comunicativos, o suporte que agrupa os gêneros, os traços de viralização e o perfil do usuário, para propormos a constituição do compósito de gêneros.

Nesta pesquisa, portanto, buscamos de modo mais sistemático, problematizar noções que ainda não foram amplamente explorados por outros estudos, especialmente na área da Linguística Textual, no que se refere à constituição dos gêneros, e na Análise do Discurso Digital, quanto às manifestações da tecnodiscursividade. Assim, adotamos uma abordagem metodológica que nos permita observar como os gêneros se reconfiguram no ambiente digital: A respeito da concepção cristalizada na literatura sobre gêneros, como repensar os critérios analíticos deste, no meio social digital? De que modo o compósito de gêneros digitais nativos se diferenciam de outros agrupamentos já desenvolvidos na literatura? De que maneira os aspectos da interatividade, da multimodalidade e da viralização, característicos no ambiente digital, influenciam as configurações estruturais e funcionais dos gêneros, em comparação com as formas tradicionais de produção, circulação e recepção textual?

Nossa hipótese básica é a de que o ambiente digital modifica significativamente a concepção de gênero textual, dando origem a gêneros híbridos que articulam recursos multimodais, interativos e virais, exigindo, assim, uma atualização das classificações tradicionais a fim de

contemplar as particularidades da tecnodiscursividade. A partir da hipótese central, desdobram-se hipóteses secundárias articuladas aos critérios de análise propostos, os quais são examinados sob a perspectiva de coconstrução de sentidos entre interlocutores adotada nesta pesquisa.

Sob a perspectiva da relação humano-máquina, examinamos a hipótese de que i) a partir do conceito dado por Paveau (2021) sobre tecnogêneros, assumimos que o caráter híbrido – homem e máquina – é um fator essencial para a composição dos gêneros digitais nativos na tecnodiscursividade, tornando-os diferenciais a outros agrupamentos já apresentados na literatura; ii) defendemos que os agrupamentos de gêneros presentes no meio social digital devem ser classificados como *compósito de gêneros* através dos seguintes critérios analíticos – associados à Linguística Textual -: página web inicial; condições de produção dos textos do compósito; gêneros com os quais coabita no compósito; auditório previsto; suporte que agrupa os gêneros; traços de armazenamento e viralização; perfil do usuário e iii) acreditamos que a interatividade, a multimodalidade e a viralização no ambiente digital promovem a criação de gêneros híbridos que integram texto, imagem e vídeo, rompendo com as classificações tradicionais de gêneros e estabelecendo novos formatos discursivos e práticas comunicativas, caracterizados por uma interação mais dinâmica entre usuários e ecossistemas.

5.2 Delimitação do universo e da amostra

Neste projeto de pesquisa, a delimitação do universo parte do pressuposto de que, devido a expansão do digital, os gêneros tiveram uma eclosão nos ecossistemas digitais de modo a ampliarem-se e emergirem diversos gêneros digitais nativos. Além disso, partimos da compreensão de que a noção de hipergênero, apresentada por Bonini (2011), levanta questionamentos quanto ao uso do prefixo “hiper”. Assim, defendemos que essa definição ainda carece de consensos e uma delimitação conceitual mais precisa. Diante disso, propomos uma redefinição do conceito, incorporando aspectos como a tecnodiscursividade, a interatividade, a multimodalidade e a viralização.

Sustentamos que os gêneros digitais nativos podem se articular com outros gêneros de maneira compósita, seja por meio de recursos tecnológicos oferecidos pelo ecossistema digital, seja mediante ao hibridismo entre a matéria linguística e a matéria não linguística. Desse modo, escolhemos analisar gêneros nativos digitais presentes no *Instagram*, com o objetivo de descrever como ocorre a reconfiguração dos gêneros nesse ambiente e de que forma eles se organizam, constituindo um *compósito de gêneros*.

A partir de uma perspectiva ancorada na tecnodiscursividade, esta pesquisa objetiva compreender o funcionamento do *compósito de gêneros* no ecossistema digital Instagram, com o intuito de demonstrar como os gêneros nativos digitais se organizam e se articulam nesse ambiente. Para isso, é necessário considerar as ferramentas tecnolinguageiras oferecidas pela plataforma, como os arrobas (@), as *hashtags*, os *hiperlinks*, tecnobotões, compartilhamentos, entre outros. Acerca da amostra, selecionamos quatro perfis com postagens no ecossistema *Instagram* (*post*, *reels* e *stories*) que possuem recursos tecnolinguageiros próprios.

As postagens escolhidas evidenciam a formação dos gêneros nativos digitais por meio de seus textos, sendo a seleção realizada de forma aleatória e contemplando perfis com diferentes temáticas (informativo, comercial e pessoal). Desse modo, as publicações analisadas foram extraídas entre maio de 2023 e junho de 2025, considerando a presença de ferramentas tecnolinguageiras e a configuração própria dos gêneros no ambiente digital.

5.3 Procedimentos de coletas de dados

Em relação ao procedimento que será utilizado para a coleta de dados, nesta pesquisa, usaremos a documentação indireta, visto que coletaremos os dados já disponibilizados em perfis públicos e privados, pois acreditamos que localizaremos elementos linguísticos produzidos em situações enunciativas reais. Assumimos a posição de “pesquisador-usuário”, conforme proposto por Émérit (2020), ao analisarmos perfis em redes sociais dos quais participamos ativamente. Essa perspectiva nos possibilita uma vivência direta no processo de coleta de dados, aproveitando nossa familiaridade com as dinâmicas e interações desses ambientes digitais. Ao utilizarmos nossos próprios perfis, asseguramos a legitimidade e a pertinência dos dados obtidos, aspectos fundamentais para o desenvolvimento e aprofundamento desta pesquisa.

Desse modo, buscaremos os dados no ecossistema *Instagram*, rede social escolhida em razão da sua dinamicidade na circulação dos gêneros nativos digitais, possibilitando a formação de vários agrupamentos de gêneros por meio das publicações – *reels*, *posts* e *stories* – dos perfis dos usuários. Este enfoque nos permitirá analisar a mudança e presença dos gêneros digitais nativos que perpassam a Web 2.0, bem como observar a interatividade dos interlocutores, engajamento ativo e a organização do compósito de gêneros nesse ambiente.

Esse procedimento metodológico se revela pertinente porque permite um acesso direto e detalhado aos diferentes gêneros presentes nos perfis do *Instagram*, assegurando que os dados coletados sejam analisados em seu contexto real de uso. Dessa forma é possível captar com maior

precisão as interações, a organização do compósito e as práticas comunicativas particulares desse espaço digital.

A coleta de dados foi realizada a partir de uma seleção de quatro perfis que apresentassem uma composição organizada dos gêneros, visando investigar como estes compõem os perfis selecionados. Para isso, foram considerados os seguintes critérios analíticos: web inicial; condições de produção dos textos do compósito; gêneros com os quais coabita; auditório previsto; propósitos dos gêneros no compósito; suporte que os agrupa; traços de viralização e armazenamento e perfil do usuário.

Assim, a coleta ocorreu por meio de observações sistemáticas dos gêneros presentes nos perfis selecionados e a documentação por meio de capturas de tela feitas com *smartphone*. Quanto às fontes dos dados, indicamos o endereço da página de onde as informações foram extraídas, a data de publicação e elaboramos QR codes para facilitar o acesso aos exemplos.

Além disso, as postagens que integrarão o corpus da pesquisa poderão apresentar áudios; nesses casos, será realizada a transcrição do material sonoro. Por fim, os dados foram analisados no próprio ambiente digital em que foram produzidos, sendo a pesquisadora também usuária ativa do ecossistema onde os gêneros foram coletados.

5.4 Procedimentos de análise de dados

Nesta pesquisa, o enfoque da análise é apontar a estruturação dos gêneros nativos digitais e como estão agrupados, pois possuem características singulares uma vez inseridos na Web 2.0. Além disso, pretendemos esclarecer a distinção entre a noção de hipergênero defendida por Bonini (2011) do “*compósito de gêneros*” que estamos nos referindo.

Para isso, iniciamos as etapas dos procedimentos metodológicos com o levantamento de obras que se dedicam à análise dos gêneros e dos agrupamentos de gêneros: Bakhtin (2011), considerado o precursor da noção de gêneros; Bazerman (2006), que os compreende como formas de vida e modos de ser e Cavalcante (2012, 2022), que os define como padrões relativamente regulares, com estruturas recorrentes e propósitos comunicativos específicos. Ainda segundo Cavalcante *et al.* (2022, p. 174), “não é o texto que é relativamente estável, mas o gênero.”, o que indica que os gêneros também podem ser instáveis e sofrer modificações em sua forma e Marcuschi (2003) acerca do impacto das tecnologias digitais como fator determinante para o surgimento de novos gêneros. A articulação dessas teorias oferece os conceitos e categorias analíticas necessários à compreensão da composição dos gêneros no universo digital.

Acerca da investigação dos agrupamentos de gêneros destacamos os seguintes estudos: Bezerra (2017), que reúne e organiza nove trabalhos teóricos sobre os agrupamentos; Júlio Araújo (2021), que propõe a construção de um aparato teórico-metodológico capaz de oferecer uma base consistente para a análise dos gêneros; e Carvalho (2023), que apresenta uma definição para compósito de gêneros. Esses estudos são fundamentais para nossa pesquisa, pois fornecem os referenciais teóricos necessários à compreensão dos modos de agrupamentos e organização dos gêneros no ambiente digital, contribuindo diretamente para alcançar o objetivo geral de investigar a constituição do que estamos denominando de *compósito de gêneros* no ecossistema *Instagram*.

Além de, com base em Paveau (2021) e Cavalcante *et al.* (2022), ampliamos a discussão sobre a tecnodiscursividade e suas propriedades, o que nos permite repensar o conceito de gênero no ambiente digital. A partir dessa perspectiva, consideramos as particularidades tecnolinguageiras e a forma como os usuários interagem nas plataformas digitais, com base nas noções de multimodalidade, interatividade e viralização que caracterizam esses aspectos.

Após a leitura do aporte teórico, selecionamos os conceitos pertinentes e aplicável às remissões, entre gêneros, analisadas no ecossistema digital selecionado para esta pesquisa. Em seguida, elencamos e analisamos os critérios que compõem os demais agrupamentos de gêneros para que possamos diferenciá-los do nosso conceito “*compósito de gêneros*” de acordo com os parâmetros teórico-metodológicos da Linguística Textual. Pretendemos evidenciar como esses agrupamentos de gêneros já são discutidos na literatura e de que maneira se manifestam no ambiente digital.

Além disso, buscamos apresentar e discutir a concepção de compósito de gêneros desenvolvida nesta pesquisa, propondo uma análise que contemple as formas de interação entre humanos e não humanos na constituição e circulação dos gêneros, à luz dos estudos da Linguística Textual. Desse modo, almejamos que esta pesquisa contribua efetivamente para o avanço das reflexões sobre gêneros, consolidando-os como um fundamento central na análise textual contemporânea.

6. COMPÓSITO DE GÊNEROS NA TECNODISCURSIVIDADE: UMA CARACTERIZAÇÃO À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL BRASILEIRA

Nos capítulos anteriores, apresentamos algumas noções da Linguística Textual – desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Protexto – e da Análise do Discurso, que fundamentam nossa pesquisa. Discutimos as implicações da concepção tradicional de gêneros quando analisada em relação às transformações promovidas pelas tecnologias da Web 2.0, buscando ampliar o conceito

e, assim, contribuir para as investigações em torno de um tema amplamente explorado nos estudos linguísticos.

Em seguida, propusemo-nos a analisar os agrupamentos de gêneros já existentes na literatura que estivessem relacionados com o objetivo geral desta pesquisa. Nesse percurso, destacamos a noção de hipergênero proposta por Bonini (2001), levantando considerações que contribuem para o desenvolvimento desta dissertação. Para fundamentar essa análise, destacamos conceitos centrais, como as noções de suporte e mídia que adotamos, os tecnogêneros mencionado por Paveau (2021), além de aspectos relevantes como interatividade, multimodalidade e viralização.

Nesse sentido, elencamos critérios específicos que orientam a identificação e a análise do *compósito de gêneros* adotado nesta dissertação: página web inicial; condições de produção dos textos do compósito; gêneros com os quais coabita no compósito; auditório previsto; suporte que agrupa os gêneros; traços de armazenamento e viralização; e perfil do usuário. Ao estabelecer tais parâmetros, conseguimos delimitar com mais precisão os contornos do *compósito de gêneros*, diferenciando-o, por exemplo, das noções de hipergênero – Bonini (2011) - e dos agrupamentos de gêneros discutidos nos capítulos anteriores.

Desse modo, a definição proposta neste trabalho busca não apenas retomar perspectivas anteriores, mas avançar na compreensão do modo como os gêneros se organizam em ecossistemas digitais. Para isso, detivemo-nos aos gêneros que perpassam o ecossistema *Instagram* e investigamos como eles se articulam em uma mesma página, atendendo a propósitos comunicativos distintos, dialogando com as condições de produção, os perfis de usuários e os modos de circulação próprios do ecossistema.

Visando apresentar de maneira clara e sistematizada, elaboramos o seguinte quadro analítico que reúne os critérios adotados para a compreensão do *compósito de gêneros* na tecnodiscursividade:

QUADRO (2): Sistematização do Compósito de Gêneros



Fonte: elaboração própria

A organização em forma de quadro esquema permite uma visualização mais objetiva dos traços que estruturam esse agrupamento, trazendo esclarecimentos sobre o significado de cada aspecto levantado.

Um dos primeiros aspectos a ser considerado é a página web inicial – ponto de entrada do usuário – representada pela página inicial do ecossistema, que guia o acesso e atua como direcionadora do percurso do leitor. Nesse espaço, observa-se também os gêneros coabitantes, ou seja, os diferentes gêneros que coexistem e estabelecem relações entre si.

Outro critério importante é a finalidade do conjunto, expressa por meio dos propósitos comunicativos que estão ligados à situação de uso. Embora cada gênero tenha, em geral, uma finalidade predominante (como informar, argumentar ou entreter), é o uso situado que define sua função efetiva. Assim, conforme Cavalcante *et al.* (2022, p. 160), o locutor, ao considerar suas metas comunicativas e o efeito possível que deseja produzir no interlocutor, seleciona o gênero que

mais se ajusta a esse objetivo. Compreende-se, portanto, que os propósitos podem funcionar como elementos estratégicos em uma determinada interação, de modo que suas formas e conteúdos são escolhidos em função da tentativa de influenciar, mobilizar ou orientar o outro dentro de um dado contexto.

Relacionado a esse traço, está o auditório previsto, ou seja, o público-alvo a quem o padrão de textos é direcionado, o qual influencia diretamente a linguagem, os conteúdos escolhidos e a organização geral do compósito. Além disso, os traços de armazenamento e viralização referem-se às formas de engajamento ativo e à circulação dos conteúdos – como destaques fixações e arquivamentos – que, por meio dos recursos tecnolinguageiros próprios do ecossistema, mantêm os textos acessíveis e em constante visibilidade.

Como mencionado anteriormente, ressaltamos que o fenômeno da viralização vai além da simples repetição ou disseminação de um conteúdo, que não pode ser constatada apenas por critérios quantitativos – afinal, se fosse apenas uma questão de números, seria necessário estabelecer um parâmetro para essa quantidade. Por essa razão, consideramos que a viralização se constitui como um processo de reorganização enunciativa, que se desloca entre os ecossistemas e modula os sentidos produzidos de acordo com as condições específicas de produção, circulação e recepção em cada ambiente digital.

Destacamos também o perfil do usuário, que remete às características do produtor textual – podendo ser um perfil pessoal, institucional, informativo ou comercial – e que impacta os temas, a abordagem e os gêneros escolhidos. No ambiente digital, para que esses tecnotextos existam, é necessário considerar as condições de produção, ou seja, os recursos disponíveis no ecossistema digital – os quais também podem sofrer alterações de acordo com as atualizações realizadas pelos gestores responsáveis pelas redes sociais – como possibilidades de edição, elementos multissemióticos, tecnobotões, e limites estruturais impostos pelo próprio ecossistema.

Por fim, o suporte, entendido nesta dissertação como o *locus físico* onde os textos se manifestam, influencia diretamente a forma, o design e a experiência de leitura. No caso do *Instagram*, por exemplo, quando acessado pelo celular, predomina uma visualidade vertical e fragmentada, com forte apelo à rolagem contínua e à interação tátil (toques, arrastes, pressionamentos), privilegiando formatos como *stories*, *reels* e carrosséis de fotos, os quais ocupam a tela inteira. Já no computador, a apresentação é disposta de maneira mais estática e espaçada dos elementos e menor ênfase das ferramentas tecnolinguageiras - como o envio rápido de mensagens e o uso de filtros em tempo real.

Portanto, defendemos que o suporte não é neutro, pois atua ativamente na configuração das interações, influenciando a forma de engajamento do usuário, o modo de leitura e a própria construção de sentidos nos ecossistemas digitais.

Nesta dissertação, a noção de *compósito de gêneros* envolve uma articulação dos critérios analíticos supracitados, visto que permitem compreender como os textos se organizam em diferentes gêneros, de modo a interagir e circular nos ecossistemas digitais. Além disso, distanciamos-nos da noção de hipergênero, conforme proposta por Bonini (2001), ao enfatizarmos que não concebemos os gêneros que compõem um conjunto de forma hierárquica, pois entendemos que não há posições superiores ou inferiores entre os gêneros coabitantes.

Embasamo-nos, sobretudo, na concepção de gênero assumida por Bakhtin (2016), segundo a qual os gêneros são padrões de textos relativamente estáveis que, conforme Cavalcante *et al.* (2022, p. 159) “modelam os atos de comunicação e favorecem a interação entre os interlocutores. Ademais, consentimos com a perspectiva de Volóchinov (2016) e Cavalcante *et al.* (2022, p.174) de que, a realidade efetiva da linguagem é o acontecimento social da interação. Ou seja, a partir de uma visão dialógica da linguagem, reconhecemos que a interação, no ambiente digital, pode se completar na relação entre textos, ampliando a compreensão sobre os modos de circulação e construção de sentidos, e permitindo perceber que os tecnotextos muitas vezes funcionam em rede, em compósitos, e dialogam com práticas sociais compartilhadas.

Ao considerar que os textos são planejados conforme a prática social dos gêneros – e que esses gêneros, por sua vez, tendem a se agrupar –, obtemos um fundamento teórico pertinente para analisar como se constroem significados nos ecossistemas digitais, nos quais a atividade comunicativa se realiza não em um texto isolado, mas na interconexão entre múltiplos textos.

Por essa razão, ao situarmo-nos em um cenário contemporâneo marcado pela ampla escala de interações e mudanças sociais possibilitadas pelo aspecto digital, defendemos conforme Cavalcante *et al.* (2022, p. 174) que “todo texto se enquadra num dado padrão estabilizado, mas desestabilizável de gênero.” Dessa forma, é possível compreender que, apesar da existência de normas e convenções que orientam a produção de textos, a flexibilidade dos gêneros se revelam essenciais para acompanhar as transformações nas práticas sociais atuais.

Sob a perspectiva da Linguística Textual, ressaltamos a importância desse conceito para que a análise dos gêneros não se restrinja a uma compreensão estática da formação dos textos, mas que incorpore também os aspectos socioculturais, interacionais, discursivos e argumentativos que permeiam a construção de um dado padrão estabilizado, mas desestabilizável, de gênero.

Nossa constatação mais relevante é a de que os gêneros, uma vez inseridos no ambiente digital, não se apresentam de forma isolada, mas em constante diálogo com outros gêneros e práticas comunicativas que os cercam. Essa interatividade é intensificada pelas características tecnolinguageiras que favorece a interconexão entre conteúdos, usuários e suportes. Assim, defendemos que a articulação entre diferentes gêneros em um mesmo compósito não ocorre de maneira aleatória, mas responde a tipicidades comunicativas específicas, moldadas pelas ferramentas particulares, pelos hábitos de navegação e pelas estratégias de engajamento próprias do ecossistema em que estão inseridos.

Por assumirmos esse posicionamento, nesta dissertação, justificamos que o aspecto digital é o fator determinante para diferenciarmos o *compósito de gêneros* dos demais agrupamentos. Isso porque, no universo digital, os gêneros coabitam e são construídos em função das dinâmicas interatividades multissemióticas e de recursos tecnolinguageiros, exigindo novas formas de organização do padrão de textos que não se limitem às classificações tradicionais.

6.1 Os compósitos de gêneros

Dessa forma, ancorando-nos na concepção adotada por Paveau (2021), em que os gestos linguageiros são compreendidos como como compósitos⁷ – isto é –, não se dissociam das relações com o ambiente em que são produzidos e, portanto, com as tecnologias com os atravessam. Trata-se de uma abordagem ecológica da linguagem (Paveau, 2021), que considera o enunciado não como uma unidade isolada, mas como parte de um ecossistema comunicacional mais amplo.

Assim, a análise linguística deve considerar fatores externos ao enunciado em si, mas a todo conjunto de elementos que compõem o sistema em que ele é gerado – incluindo interações, suportes, recursos tecnolinguageiros, mídias como a internet e práticas comunicativas. Aliado à noção de Paveau (2021, p. 49) Cavalcante *et al.* (2022, p. 178) pontua que o ambiente seria “o conjunto dos dados humanos e não humanos no âmbito dos quais os discursos são elaborados.”

Nesse panorama, segundo Paveau (2021, p. 29), o contexto era compreendido a partir de uma perspectiva egocentrada do discurso, na qual o sujeito-locutor é concebido como o centro controlador da produção de textos. Essa concepção está associada a análise logocentradadas, voltadas exclusivamente para o aspecto linguístico da materialidade discursiva, desconsiderando os elementos tecnolinguageiros, sensoriais e materiais (computadores, *tablets*, *softwares*) que participam ativamente do processo de produção dos enunciados.

⁷ Ressaltamos que a noção de compósito proposta por Paveau (2021) não converge com o entendimento de compósito que propomos nesta dissertação.

Em contraposição, o conceito de ambiente proposto por Paveau (2021, p. 49) se fundamenta em uma abordagem ecológica da linguagem: o discurso não é produzido somente pelo sujeito, mas é decorrente de uma rede de relações que envolve sujeitos, objetos, ferramentas tecnolinguageiras, espaços e práticas sociais distintas.

Nesta dissertação, em consonância à Cavalcante *et al.* (2022, 178) entendemos que o uso do termo ambiente é mais adequado do que o de contexto, pois este último, em seu conceito tradicional, limita-se geralmente à análise do aspecto linguístico e imediato do texto. Em virtude dessa pontuação, defendemos que a noção de ambiente amplia essa visão ao considerar a inter-relação e a hibridização entre os aspectos linguísticos, textuais e tecnológicos, refletindo produtivamente as complexidades comunicativas contemporâneas.

Dessa forma, torna-se necessário repensar as bases teóricas que sustentam a análise discursiva no universo digital. Em contexto com Cavalcante *et al.* (2022, p. 178) e Adam (2019), “todo ambiente em que o texto como uma unidade de comunicação e sentido acontece deve ser considerado”. Em concordância com a visão dos autores, compreendemos que não se trata apenas de substituir o conceito de contexto pela noção de ambiente, mas de compreender que, no ambiente digital, a produção, a disseminação e a recepção dos textos estão intrinsecamente ligadas às práticas de leituras específicas – como clicar, deslizar a barra de rolagem e tocar na tela – que fazem parte do próprio enunciado.

Portanto, essa compreensão amplia o escopo analítico e permite observar como elementos tecnolinguageiros compõem a materialidade textual e reconfiguram as situações comunicativas. A partir dessa compreensão torna-se possível examinar como os tecnotextos – especialmente os que formam um padrão e assim se configuram os gêneros – não apenas refletem práticas discursivas contemporâneas, mas também *Instagram* novas formas de interação, produção de sentido e construção identitária.

Com base nessa perspectiva, analisamos os compósitos de gêneros que emergem nos ecossistemas digitais, considerando os modos de coabitação entre os gêneros distintos, os recursos tecnolinguageiros mobilizados e os efeitos de sentido gerados pelos aspectos de interatividade e viralização. Concordamos com Cavalcante *et al.* (2022, p. 179) sobre delimitar um traço principal para os compósitos de gêneros:

Aquilo que Bonini chamou de hipergênero faz parte, na verdade, de mais de um tipo de agrupamento de gêneros em um mesmo espaço físico de atualização em textos, como o que acontece na página de um jornal, por exemplo, ou de uma homepage; numa revista, numa compilação de capítulos acadêmicos, e inúmeras outras maneiras de os gêneros se resumirem num mesmo suporte, e num mesmo espaço de realização ou aparecimento.

Assim, defendemos que, nesta dissertação, buscamos delimitar com maior precisão a noção proposta por Bonini (2003) acerca do hipergênero, compreendendo que o fenômeno por ele descrito — a coexistência de diferentes gêneros em um mesmo espaço de atualização textual — não se restringe a uma única categoria teórica, mas pode ser compreendido como pertencente a diferentes tipos de agrupamentos de gêneros.

Aquilo que Bonini (2001) denominou de hipergênero parece abranger, na verdade, formas variadas de organização de gêneros que compartilham um mesmo suporte físico e um mesmo espaço de realização, como ocorre em páginas de jornais, *homepages*, revistas, compilações acadêmicas e outros formatos editoriais. Nessas configurações, o que se observa não é a constituição de um gênero maior que subordina os demais, mas sim a convivência funcional de gêneros autônomos, articulados entre si em termos de propósito, organização e circulação.

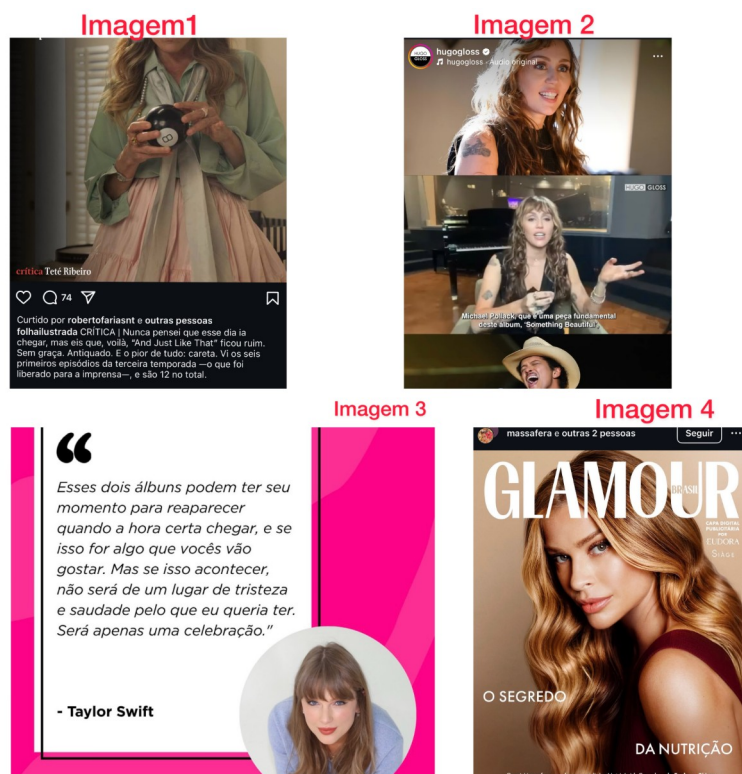
Ao longo desta pesquisa, propomos, portanto, uma distinção analítica que reconhece a complexidade desses arranjos e defende a necessidade de categorias mais ajustadas às especificidades comunicativas e tecnológicas dos ambientes contemporâneos — em especial no contexto dos ecossistemas digitais

Sob a perspectiva da LT, consideramos que os gêneros devem ser analisados não apenas por expressarem padrões relativamente estáveis de textos, mas, sobretudo, pelo modo como operam nas interações estabelecidas dentro dos ecossistemas comunicativos e pelas relações que constroem com outros gêneros. Isso porque os sujeitos envolvidos nos atos de linguagem mobilizam recursos linguageiros de forma estratégica, ajustando-os aos seus propósitos enunciativos e argumentativos no contexto em que estão inseridos.

Assim, para demonstrar essa lógica, observemos um exemplo do compósito de gêneros adotado nesta dissertação:

EXEMPLO (8) – Compósito de gêneros no *Instagram*: construção de imagem pública no universo

pop



Fonte: perfil pessoal
Acesso em 09 de junho de 2025.

As imagens a seguir foram capturadas a partir da página inicial do perfil pessoal da pesquisadora-usuária no *Instagram*, evidenciando um *compósito de gêneros* que articula diferentes formas de textualização – verbal, imagética e audiovisual – em torno de um eixo temático comum: a figura midiática de Taylor Swift. O agrupamento compõe um tecido textual multimodal que circula na Web 2.0 e é organizado tecnicamente pela lógica algorítmica da plataforma.

Esse compósito evidencia a articulação entre gêneros distintos que, embora mantenham autonomia estrutural e funcional, coabitam um mesmo suporte digital, sendo organizados tecnicamente pela lógica algorítmica da plataforma e pela temática comum, neste caso, vinculada à cultura pop e ao universo midiático contemporâneo.

Quanto à coabitação dos gêneros que integram o compósito, identificam-se:

- Imagem 1: postagem do *feed* com fotografia posada e legenda reflexiva;

- Imagem 2: *stories* com fragmentos de vídeo e bastidores, ativando a função de proximidade e espontaneidade;
- Imagem 3: citação da artista, apresentada em *layout* gráfico próprio, operando como refrão discursivo e reforço de imagem;
- Imagem 4: capa da revista Glamour, republicada no *Instagram*, funcionando como intertextualidade externa e revalidação institucional da imagem midiática da atriz.

O que se observa, portanto, é a coabitação de múltiplos gêneros que, embora distintos em forma e função, compartilham o mesmo suporte digital e convergem para a produção de sentidos relacionados à construção de uma persona pública. Esse compósito exemplifica como os gêneros, integrados em um mesmo espaço tecnolinguageiro, contribuem para práticas comunicativas marcadas pela viralização, fragmentação e curadoria de imagem.

Provenientes de esferas diversas – como jornalismo, entretenimento, publicidade e posicionamento identitário –, entrelaçam-se em um ambiente digital comum, instaurando uma intergenericidade funcional⁸ – que intensifica a circulação de sentidos e fortalece o vínculo com o público-alvo. Tal configuração materializa a lógica do *compósito de gêneros* proposta nesta dissertação: um agrupamento no qual diferentes gêneros interagem em um mesmo ecossistema digital, constituindo uma unidade de significação mais ampla que cada gênero isoladamente, sem subordinação hierárquica entre eles.

Quanto aos propósitos comunicativos, observa-se uma convergência entre informar, entreter, valorizar personalidades midiáticas e promover engajamento. A crítica (Imagem 1) busca posicionar-se editorialmente diante de uma produção audiovisual, enquanto a entrevista e a citação aproximam o público da artista por meio de falas íntimas ou inspiradoras. Já a capa da revista adota um tom publicitário, alinhado à lógica de mercado e à construção da imagem pública da celebridade. Esses propósitos dialogam diretamente com as estratégias comunicativas das redes sociais, voltadas à visibilidade, compartilhamento e ampliação da audiência.

O auditório previsto para esse compósito é composto majoritariamente por usuários familiarizados com os gêneros que circulam nas redes — leitores de crítica cultural, fãs de música e entretenimento, consumidores de mídia visual e seguidores de personalidades públicas. Trata-se, portanto, de um público ativo, que participa de forma interativa nas plataformas digitais, consumindo e (re)produzindo conteúdo de forma contínua, por meio dos recursos tecnolinguageiros.

8 Intergenericidade é o fenômeno pelo qual diferentes gêneros coabitam, se combinam, se influenciam ou se inserem uns nos outros, contribuindo para a construção de sentidos mais complexos.

A estética gráfica apurada, os elementos multissemióticos e a linguagem acessível são indícios de que esse conteúdo é planejado para atrair um público jovem e conectado, habituado aos mecanismos de viralização e engajamento da Web 2.0.

No entanto, reconhecemos que esse perfil não é exclusivo: a circulação desses gêneros e conteúdos pode também atingir públicos de outras faixas etárias, especialmente em razão da crescente diversidade de usuários nas redes sociais e da ampliação do letramento digital entre pessoas de diferentes idades. Assim, mesmo que o conteúdo seja majoritariamente orientado a um público jovem, ele não se restringe a esse segmento, podendo mobilizar afetos, interesses e reconhecimentos em interlocutores mais amplos.

Por fim, o compósito analisado revela traços evidentes de armazenamento digital e potencial de viralização, reforçando a ideia de que os gêneros não apenas se adaptam ao ambiente virtual, mas são constantemente ressignificados pelas condições tecnológicas de sua circulação. A presença de celebridades, o uso de formatos replicáveis (como citações e vídeos curtos), a integração de elementos multissemióticos, além da possibilidade de compartilhamento rápido, são recursos que potencializam a difusão dos sentidos. Tais características apontam para a natureza tecnotextual dessas produções, entendidas aqui como textos que emergem de uma articulação entre linguagem e técnica, conforme discutido nas noções de tecnodiscursividade (Cavalcante *et al.*, 2022).

Dessa forma, a análise do compósito de gêneros apresentado confirma que os tecnotextos que compõe os gêneros nativos digitais não operam isoladamente, mas em rede, de modo articulado e funcional, ativando sentidos múltiplos por meio da interconexão entre gêneros, propósitos, suportes e sujeitos sociais. A compreensão dessa configuração é fundamental para a caracterização das práticas discursivas no ambiente digital, em que a coabitação textual e a tecnodiscursividade constituem traços estruturantes da comunicação contemporânea.

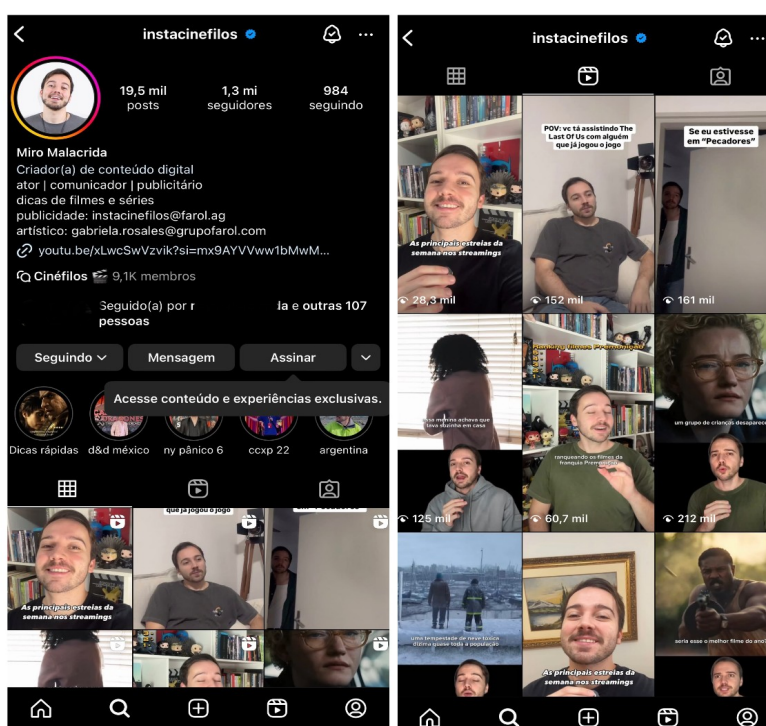
Dando continuidade à proposta analítica desta dissertação, será apresentado a seguir mais um compósito de gêneros selecionado para estudo. A escolha de um novo exemplo não apenas amplia o escopo da investigação, mas também reforça a compreensão de que há uma lógica organizacional nos compósitos que circulam nos ecossistemas digitais. Ao observarmos diferentes arranjos de gêneros coabitando em uma mesma página web, torna-se possível identificar regularidades estruturais, propósitos comunicativos recorrentes e padrões de interação entre os elementos linguageiros e tecnológicos.

Assim, ao aplicar os critérios propostos nesta pesquisa — como a página web inicial, os gêneros coabitantes, os propósitos comunicativos, o auditório previsto e os traços de armazenamento e viralização — buscamos evidenciar que o compósito não é fruto do acaso, mas uma construção estrategicamente moldada para funcionar de forma integrada e eficaz no ambiente digital. Portanto, propomo-nos observar a aplicabilidade e a pertinência dos critérios desenvolvidos, além de consolidar a proposta teórico-analítica proposta nesta pesquisa:

EXEMPLO (9) – capturas de tela do perfil do *Instagram* @instacinefilos

Imagem 1

Imagem 2



Fonte: <https://www.instagram.com/instacinefilos?igsh=a2oycmZjdHBhOTYz>
Acesso em 09 de junho de 2025.



Com base no exemplo apresentado, composto por capturas de tela do perfil público do *Instagram* @instacinefilos, com destaque para a imagem de perfil (**Imagem 1**) e para a galeria de vídeos (**Imagem 2**), é possível realizar uma análise do compósito de gêneros digitais conforme os critérios propostos na pesquisa.

Dessa forma, a **Imagem 1** representa a página inicial do perfil no ecossistema *Instagram*, caracterizada pela reunião de múltiplos gêneros organizados visualmente em uma única interface. Essa página constitui o ponto de entrada para o compósito, que articula identidade digital (*bio* e foto de perfil), navegação funcional (tecnobotões e *hiperlinks*), e a disposição dos conteúdos em destaque, como *stories fixos* e *posts recentes*. O perfil é de um criador de conteúdo voltado à divulgação de filmes e séries, evidenciando uma curadoria temática audiovisual.

No compósito analisado, observa-se a presença de diversos gêneros digitais que coabitam e se articulam funcionalmente dentro de uma mesma página de perfil no *Instagram*. A biografia de apresentação, localizada no topo da página, cumpre o papel de gênero identitário e informativo, pois delimita quem é o sujeito enunciador e qual o foco temático do conteúdo. Os *stories* fixos (destaques), por sua vez, representam um gênero originalmente efêmero que, ao ser arquivado, ganha caráter permanente e curatorial, funcionando como extensão da identidade discursiva do perfil.

Já os vídeos curtos (*reels*), predominantes na galeria principal, podem ser classificados como um gênero audiovisual híbrido, que mescla elementos da resenha crítica, da recomendação e da crônica humorística, sendo caracterizados por sua estrutura multissemiótica e narrativa direta. Além disso, é possível notar a presença de postagens compostas por imagem e texto sobreposto, as quais reforçam o caráter opinativo e interpretativo do locutor. A interação entre esses diferentes gêneros revela uma organização textual marcada pela intergenericidade, em que os elementos tecnolinguageiros mantêm certa autonomia, mas atuam de forma integrada para compor uma identidade comunicativa coerente e funcional no ambiente digital.

O auditório previsto é composto por usuários ativos das redes sociais, especialmente jovens adultos interessados em cultura pop, cinema, séries e tendências de *streaming*. O tom acessível, as referências atuais e a estética de vídeos verticais (formato possibilitado por ecossistemas como *TikTok* e *Reels*) indicam uma adaptação discursiva ao consumo veloz e informal típico desse público. No entanto, como já discutido anteriormente, isso não exclui a possibilidade de engajamento por parte de faixas etárias mais amplas, à medida que o letramento digital se estende a diferentes gerações.

O compósito analisado apresenta fortes marcas de tecnodiscursividade, evidenciadas principalmente pelos seus traços de armazenamento e potencial de viralização. Os conteúdos são fortemente marcados pela multimodalidade, combinando texto, imagem, som, performance oral e elementos gráficos, especialmente nos vídeos curtos que compõem a maior parte das postagens.

Esses vídeos, além de visualmente dinâmicos, são produzidos em formatos breves e objetivos, com legendas de forte apelo comunicativo e temas populares do universo audiovisual, o que favorece seu compartilhamento, salvamento e replicação por parte dos usuários. A organização dos conteúdos é sustentada por sistemas de armazenamento em nuvem e mecanismo algorítmico, permitindo que as postagens sejam distribuídas e recuperadas com base em interações como curtidas, comentários, *hashtags* e interesses de navegação.

Além disso, o perfil adota estratégias de acessibilidade e engajamento contínuo, como a inserção de legendas nos vídeos — o que possibilita o consumo mesmo sem áudio — e a atualização frequente dos conteúdos, mantendo a presença ativa do criador e estimulando o retorno constante do público. Esses aspectos revelam um domínio das ferramentas tecnológicas de publicação e uma compreensão precisa das lógicas de visibilidade e engajamento que regem as redes sociais digitais.

O perfil analisado representa um compósito de gêneros articulado em um ecossistema digital — mais especificamente, no *Instagram* —, onde diferentes gêneros interagem e compartilham o mesmo espaço de realização comunicativa. Essa disposição, longe de ser aleatória, reflete uma lógica estruturada tanto por decisões humanas (do criador de conteúdo) quanto pelas ferramentas tecnológicas da plataforma, compondo um ecossistema comunicativo coeso, tematicamente orientado para a divulgação de informações relacionadas ao universo cinematográfico e de séries.

A análise dos dois compósitos apresentados confirma a pertinência da noção de compósito de gêneros proposta nesta dissertação. Em ambos os casos, observou-se a coabitação de múltiplos gêneros digitais articulados de forma funcional em um mesmo ecossistema digital. Enquanto no primeiro exemplo a integração entre crítica, citação, vídeo e capa de revista revela um arranjo textual centrado na projeção de imagem pública e na circulação viral em torno de personalidades midiáticas, no segundo, os vídeos, *stories* fixos e publicações opinativas compõem um conjunto voltado à recomendação cultural e à curadoria de conteúdo audiovisual.

Em comum, os dois compósitos demonstram que a convivência entre gêneros não ocorre de modo aleatório, mas segue uma lógica de organização orientada por propósitos comunicativos

específicos, por estruturas tecnolinguageiras e por estratégias de visibilidade digital. Além disso, os exemplos analisados evidenciam a presença de traços recorrentes, como a multimodalidade, a interatividade, o engajamento com o auditório e o potencial de viralização, o que reforça a ideia de que os compósitos de gêneros são fenômenos complexos, moldados pelas condições de produção e circulação dos textos nas plataformas digitais.

Assim, os casos analisados não apenas ilustram a aplicabilidade dos critérios desenvolvidos, como também sustentam a proposta teórico-analítica da LT, seguida nesta pesquisa, ao demonstrar que o compósito de gêneros constitui uma unidade significativa e estratégica no contexto da tecnodiscursividade.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo repensar o conceito de hipergênero no contexto digital, conforme proposto por Bonini (2011), e propor a noção de compósito de gêneros como alternativa mais adequada para compreender a configuração e o funcionamento de determinados agrupamentos genéricos na Web 2.0. A partir dos pressupostos da Linguística Textual brasileira, investigamos como diferentes gêneros digitais coabitam um mesmo suporte e, articulados por elementos temáticos, funcionais e tecnológicos, constituem uma unidade maior que o gênero isolado.

A partir da análise dos compósitos de gêneros no ecossistema Instagram, evidencia-se que essa plataforma, ao reunir múltiplos formatos e estilos, potencializa suas combinações para atender a diferentes propósitos comunicativos, públicos e contextos. Dessa forma, concluímos que a configuração desses agrupamentos, mediada por recursos tecnolinguageiros, amplia as possibilidades de construção de sentido e confirma o caráter plural e adaptativo dos gêneros em ecossistemas digitais.

Para tanto, adotou-se uma metodologia de caráter descritivo e exploratório, baseada em pesquisa bibliográfica e análise discursiva de exemplos coletados em plataformas digitais, especialmente no *Instagram*. O percurso metodológico seguiu três etapas: (i) revisão teórica sobre gêneros, tecnogêneros e agrupamentos genéricos; (ii) definição dos parâmetros para caracterizar o compósito de gêneros, considerando critérios como suporte, condições de produção, gêneros coabitantes, público-alvo, características de armazenamento e viralização, perfil do usuário e lógicas algorítmicas; (iii) análise de compósitos reais, com a observação de como gêneros distintos interagem no mesmo espaço digital.

As análises revelaram algumas regularidades importantes. Em primeiro lugar, observou-se que a viralização não depende apenas do conteúdo, mas também de recursos tecnolinguageiros integrados à plataforma (reações, compartilhamentos, comentários, rolagem contínua), que incentivam o engajamento. Em segundo lugar, constatou-se que o suporte interfere diretamente na construção dos sentidos, pois o design, a disposição visual e as formas de interação variam significativamente entre a navegação por celular e por computador, impactando o consumo e a circulação dos gêneros. Em terceiro lugar, identificou-se que a lógica algorítmica organiza e aproxima gêneros distintos, favorecendo a formação de compósitos temáticos ou funcionais que orientam a atenção e o percurso do usuário.

Outro aspecto relevante foi a confirmação do caráter tecnolinguageiro dos compósitos analisados, em consonância com Paveau (2021) e Martins (2024), nos quais a produção de sentidos resulta da coparticipação entre linguagem e tecnologia. Esse hibridismo se manifesta tanto na forma como os gêneros são estruturados quanto nas possibilidades de interação que oferecem, reforçando a pertinência da adoção do termo compósito de gêneros para descrever tais fenômenos.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui ao oferecer parâmetros analíticos que permitem distinguir o compósito de gêneros de outros tipos de agrupamentos, como constelações e sequências, preservando sua especificidade no contexto digital. Do ponto de vista metodológico, o trabalho demonstra que a análise deve considerar não apenas a natureza e a função dos gêneros, mas também o suporte, a arquitetura da plataforma e as dinâmicas interacionais que emergem das práticas sociais on-line.

Além disso, concluímos que este estudo se apresenta como uma contribuição relevante para a área de Linguística Textual, ao reafirmar a importância de compreender o conceito de gênero em sua pluralidade e complexidade. Ancorados nos pressupostos bakhtinianos e na concepção defendida pelo grupo de pesquisa Protex², reconhecemos os gêneros como padrões de textos relativamente estáveis que orientam atos comunicativos e favorecem a interação entre os interlocutores. Tal compreensão aprofunda as possibilidades de análise do campo da LT, pois evidencia que a estabilidade dos gêneros não implica rigidez, mas em flexibilidade capaz de adaptar-se às situações comunicativas.

Dessa forma, ao situarmos os gêneros como categoria central para a mediação linguageira, esta pesquisa sustenta a pertinência de abordagens que integrem sua dimensão social, histórica e interacional, contribuindo para o enriquecimento teórico e metodológico dos estudos linguísticos.

Assim, reafirmamos que a concepção de gênero adotada neste trabalho, enquanto forma flexível e historicamente situada, revela-se essencial para compreender a multiplicidade de manifestações sociais nos ambientes contemporâneos. Ao considerarmos que os gêneros emergem das interações humanas atravessadas por valores, práticas sociais e dimensões ideológicas, evidenciamos que eles não se apresentam como estruturas estáticas, mas como construções vivas e adaptáveis às necessidades comunicativas de indivíduos situados em contextos específicos.

Por dedicarmos-nos à análise do conceito de gênero no ambiente digital, este estudo evidenciou que a tecnodiscursividade é um fator essencial para expandir a compreensão tradicional desta noção. As particularidades do universo digital – como a multimodalidade, a interatividade e a viralização – demonstram reconfigurar de maneira significativa as construções e funções dos gêneros, ao incorporarem recursos tecnolinguageiros, mutissemióticos e social que ampliam seu alcance comunicativo e adaptativo.

Dessa forma, concluímos que a influência da tecnodiscursividade não apenas atualiza a abordagem teórica sobre os gêneros, mas também reforçamos a necessidade de analisá-los em estreita relação com as práticas específicas dos ecossistemas digitais, nos quais a circulação e a construção de sentidos ocorrem de maneira híbrida, fluída e altamente contextualizada.

Neste estudo, propomos o conceito denominado *compósito de gêneros* para referir-nos ao agrupamento de gêneros que coabitam em um mesmo espaço digital, interligando-se de forma a constituir uma unidade mais abrangente do que cada gênero analisado isoladamente. Embora reconheçamos a relevância de estudos anteriores que também investigam formas de agrupamentos de gêneros, defendemos que o cenário tecnológico atual amplia consideravelmente tanto as possibilidades de novos gêneros quanto as formas de seu agrupamento em diferente contextos.

Como encaminhamento futuro, sugere-se que os parâmetros aqui propostos sejam aplicados a outros ecossistemas digitais, de modo a verificar a recorrência ou a variação das regularidades observadas. Também se indica a investigação da dimensão argumentativa dos compósitos de gêneros, analisando como a coabitação de diferentes formatos e conteúdos em um mesmo espaço digital contribui para a construção de pontos de vista e para a circulação de discursos em rede.

Conclui-se que esta pesquisa oferece uma contribuição relevante à Linguística Textual ao propor e examinar a noção de *compósito de gêneros* como configuração resultante do agrupamento de diferentes gêneros em um mesmo ambiente comunicativo. Essa perspectiva amplia a compreensão sobre a organização e a circulação dos gêneros em ecossistemas digitais, fortalecendo

o quadro teórico da área e abrindo novas possibilidades de estudo que integrem gêneros, tecnologia e interação social.

Por fim, cabe destacar que esta dissertação carrega também um sentido profundamente pessoal. Desenvolvida em um contexto marcado pela perda de minha orientadora, professora Mônica Magalhães Cavalcante, esta pesquisa é fruto da coragem, da resiliência e do meu compromisso acadêmico. Tentei transformar a dor em força, conduzindo meu trabalho com rigor e sensibilidade. Consideramos que o resultado é uma contribuição relevante para a Linguística Textual brasileira e, ao mesmo tempo, uma homenagem que certamente deixaria minha orientadora orgulhosa dessa “filha” acadêmica, que, mesmo diante das adversidades, fez florescer um trabalho sólido e significativo.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. **Textos: tipos e protótipos**; tradução de Mônica Magalhães Cavalcante [et. al]. - São Paulo: Contexto, 2019. 320 p.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Bezerra, Paulo. Notas de edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros acadêmicos em sistemas de gêneros**. In: BAZERMAN, Charles; BONINI, Adair; FIGUEIREDO, Débora (org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 305-339.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. 136p.
- BEZERRA, Benedito. **O gênero como ele é (e como não é)**. São Paulo: Parábola, 2022.
- BONINI, Adair. **Mídia/suporte e hipergênero: Os gêneros textuais e suas relações**. RBLA, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.
- CAVALCANTE, M. M., Bentes, A. C., & Koch, I. (2019). **Texto e interação em contexto digital**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, 19(1), 25–50.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; OLIVEIRA, Rafael Lima de. **A relevância do texto e da interação no contexto digital**. Calidoscópico (UNISINOS), v. 19, p. 333-344, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/23287>. Acesso em: 14 set. 2024.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes, 2022. 438 p.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; MUNIZ-LIMA, Isabel. **A construção referencial em compósitos de gêneros na mídia Facebook**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2328, p. 430-450, set.-dez./2021. DOI: 10.22168/2237-6321-32328.
- CARVALHO, Jorge Luis Queiroz. **Mídia, suporte e compósito de gêneros: por uma análise crítica de blogs no ciberativismo**. 2023. 159 f. Tese (Doutorado) — Curso de Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

COSTA, Dálete Castro Braga. **Intertextualidades em ambientes digitais**. 2024. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

ÉMÉRIT, L. **La publication multisite: un objet linguistique qui interroge les notions de texte et de contexte dans les environnements numériques**. Essais [En ligne], octobre 2020.

GIBSON, James J. *The Ecological Approach to Visual Perception*. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 1999.

GOMES, L. **Estilo e enunciação na linguagem: interseções e distanciamentos entre a estilística de Charles Bally e a teoria dialógica de Mikhail Bakhtin**. Nonada: Letras em Revista, n. 28, vol. 1. Maio de 2017. pp. 120-134.

LIMA, Isabel Muniz. **Modos de interação em contexto digital**. 2022. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

LIMA, Sóstenes Cezar de. **Hipergênero: agrupamento ordenado de gêneros na constituição de um macroenunciado**. 273f. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Gêneros textuais e ensino. 2. ed. Ângela Paiva Dionísio, Ana Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual: análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Mayara Arruda. **Tecnotextualidade e campo dêitico digital – análise de aspectos interacionais e enunciativos**. 2024. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Linguística textual e interação digital** – Isabel Muniz Lima; Prefácio de Mônica Magalhães Cavalcante. - 1ª ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2024; il.; figs.; quadros.; fotografias.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

SALGADO, M. A. de J., & Losano, A. L. (2023). **A comunicação estabelecida na aula de Matemática durante a implementação de um cenário para investigação**. *Série-Estudos – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, 28(62), 325–346.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2016.

ZAVAM, Aures S. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornal.** 2009. 420f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2009.